

Nota da Comissão Política

O PCP em defesa da autonomia regional e da unidade nacional

1. A Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português, na sua reunião de 1 de Setembro de 1986, examinou atentamente as questões levantadas pela «Primeira Revisão do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores» aprovada (por unanimidade) na Assembleia da República.

A Comissão Política do CC do PCP considera indispensável definir e esclarecer no imediato a posição do PCP nesta matéria.

2. A autonomia regional é uma importante conquista da Revolução de Abril.

A autonomia regional enquadrada nas instituições e na vida democrática nacional corresponde a exigências da realidade objectiva e a sentidas aspirações das populações dos arquipélagos dos Açores e Madeira.

O PCP defende consequentemente a autonomia regional que, tal como as outras grandes conquistas da Revolução de Abril (liberdades democráticas, nacionalizações, Reforma Agrária, direitos dos trabalhadores, Poder Local democrático, princípio da proporcionalidade do sistema eleitoral), ficou consagrada na Constituição da República.

O PCP tem defendido e continua consequentemente a defender a concretização das competências constitucionais dos órgãos regionais, o que tem como pressuposto a irrecusável obrigação das autoridades regionais respeitarem as instituições democráticas e observarem os princípios constitucionais e a soberania da República em toda a sua política e em toda a sua acção.

3. A Comissão Política do CC do PCP sublinha que a autonomia regional não pode em caso algum pôr em causa a unidade nacional nem afectar a integridade territorial e a soberania do Estado.

As Regiões Autónomas não são Estados federados.

A autonomia político-administrativa dos arquipélagos dos Açores e da Madeira tem, entre outros fins constitucionalmente estabelecidos, «o reforço da unidade nacional» e exerce-se obrigatoriamente no quadro da Constituição, das leis gerais da República, do respeito pela competência dos órgãos de soberania.

O PCP considera como obrigação central e inalienável tanto dos órgãos do Poder como de todo o povo português a defesa da independência, da soberania, da integridade territorial e da unidade do Estado português e da nação portuguesa.

4. Ao aprovar na Assembleia da República («Primeira Revisão do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores») o aditamento dos n.ºs 2 e 3 ao Artigo 6.º da Lei 39/80 de 5 de Agosto, o Grupo Parlamentar do PCP entendeu (tal como grupos parlamentares de outros partidos, segundo declarações dos seus dirigentes) que tais aditamentos não poderiam significar o estabelecimento de qualquer paridade entre a bandeira e o hino nacionais e a bandeira e o hino regionais.

Daquí se inferia que o «Estatuto» não punha em causa que só à bandeira nacional e ao hino nacional são devidas as honras e demais prerrogativas protocolares, designadamente as militares, legalmente previstas.

Concluiu entretanto a Comissão Política que a redacção aprovada dos n.ºs 2 e 3 do Art.º 6.º da Lei 39/80, é, como os acontecimentos mostram, falha de rigor, equívoca e susceptível de interpretações abusivas.

Sendo de sublinhar que deve ser assegurado o respeito devido à bandeira e hino regionais, não se conformam com a natureza do regime político-administrativo das regiões autónomas e os princípios da unidade nacional as disposições referentes ao uso obrigatório conjunto dos símbolos nacionais e regionais nas cerimónias oficiais e nos edifícios públicos civis e militares (n.º 2 do Art.º 6.º) e o tratamento oficial e protocolar dos símbolos regionais em todo o território nacional (n.º 3 do Art.º 6.º).

Tais disposições, na sua interpretação literal, corresponderiam, a considerar as

regiões autónomas como Estados o que é de rejeitar categoricamente.

O PCP reconhece que os factos denotam da sua parte menos atento exame e deficiente acompanhamento político de problemas de tão elevado significado e tocando uma questão vital da Pátria portuguesa: a unidade do Estado e a unidade da nação.

5. No que respeita às implicações da «Primeira revisão do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores» na esfera militar o PCP subcreve as opiniões das chefias militares segundo as quais a instituição militar é uma única para todo o território nacional e as Forças Armadas portuguesas (além de honras protocolares em relação a Estados estrangeiros) apenas devem honras militares à bandeira e ao hino nacionais.

Nestes aspectos fundamentais, o que se conhece da atitude assumida pelas chefias militares tem o mérito de ter chamado a atenção dos órgãos de soberania, dos partidos políticos e do País para o grave significado e consequências das citadas disposições aprovadas na Assembleia da República.

Pelo que publicamente se conhece da atitude do Presidente da República, consideram-se inteiramente legítimas as suas preocupações e a sua decisão de ponderar tão grave problema.

Não pode deixar de expressar-se estranheza pelo silêncio comprometedor do Governo PSD, do Primeiro-Ministro e do PSD.

6. O desenvolvimento da questão torna oportuno chamar a atenção dos portugueses para decisões, atitudes e afirmações do presidente do Governo Regional da Região Autónoma dos Açores.

Aliás as atitudes e declarações feitas pelo presidente do Governo Regional a propósito da «Primeira Revisão» confirmam anteriores concepções e atitudes.

Significativa foi a sua recente oposição à nomeação de uma personalidade oriunda do Continente e militar para o cargo de Ministro da República (que tem como missão fundamental representar e assegurar a soberania da República nas Regiões Autónomas), e a sua pretensão de que fosse escolhida uma personalidade dócil, instrumento do Governo Regional e do seu presidente.

É de lembrar também que, com frequência, se manifestam da parte do presidente do Governo Regional, orientações que brigam com a natureza da autonomia regional, a legalidade democrática e a unidade nacional. As exigências de uma «progressiva ampliação» da autonomia confirmam tendências separatistas que não podem deixar de se relacionar com as pretensões e ambições dos Estados Unidos em relação ao Arquipélago dos Açores.

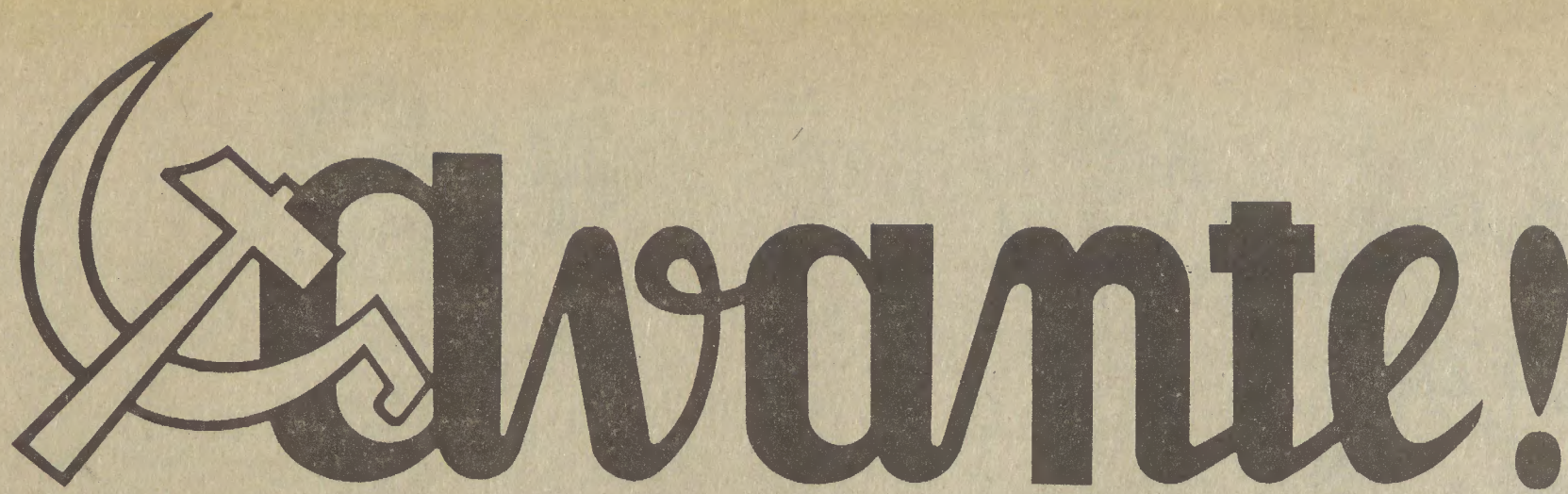
A existência de bases norte-americanas nos Açores obriga a um alto sentido patriótico nas decisões dos órgãos de soberania portuguesa em relação a todas as questões relativas a facilidades militares dadas em território português.

Ao mesmo tempo que insiste no imperativo de respeito pela autonomia regional com todos os direitos constitucionais que lhe são inerentes e que salienta a necessidade de que a questão agora em debate não provoque reacções centralistas que ponham em causa a autonomia regional, a Comissão Política considera como imperativo nacional fazer respeitar nas Regiões Autónomas a Lei Fundamental do País e a soberania da República Portuguesa e assegurar que a autonomia regional jamais ponha em causa a unidade nacional, a integridade territorial e a soberania portuguesa.

7. A Comissão Política do CC considera que esta situação e o carácter imperativo da defesa da unidade nacional e do regime democrático requer uma maior atenção, um mais atento e rigoroso exame e uma vigilância política permanente, em relação a toda a problemática e à política das Regiões Autónomas.

1.9.86

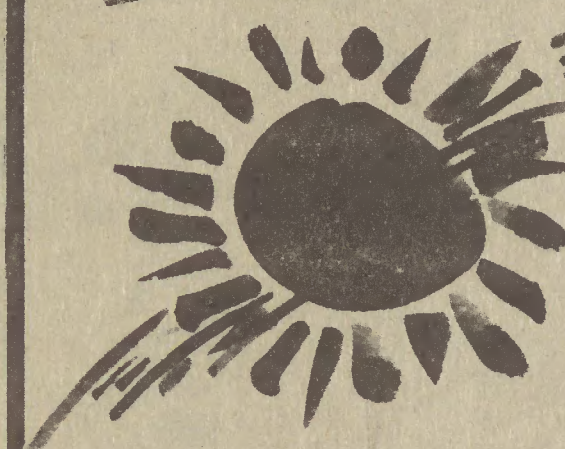
A Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português



Proletários
de todos os países
UNI-VOS!

Ano 56 - Série VII - N.º 662
4 de Setembro de 1986
Preço: 40\$00

é já amanhã



Festa do Avante.86

a cor
dos

LASER

o ritmo
do

SAMBA

de Beth Carvalho ao Festival de Folclore

Centenas de artistas em 22 palcos

Festival da Canção Juvenil Teatro * Exposições * Desporto Colóquios * Solidariedade



Domingo às 17 horas

Comício

Intervenções de Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, e de António Dias Lourenço, Director do «Avante!», membro da Comissão Política do CC do PCP

Editorial

Avante!

Ano 56 — Série VII
N.º 662

4 de Setembro de 1986

1.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

Cravos de Abril no Alto da Ajuda

Amanhã, quando as claridades do fim da tarde não tiverem cedido ainda o passo às sombras da noite, a Festa mais linda, mais democrática e humana de Portugal abrirá as suas portas para três estuantes dias da vida social e lúdica de Lisboa.

Não verdadeiramente apenas Lisboa.

É um facto que o Alto da Ajuda se encrava na fatia ocidental da capital do País. Como diz a canção — «cheira a Lisboa»!

Mas na ondeante colina marginada pelos bairros de modestas gentes de Alcântara, da Boa Hora, do Cruzeiro e do Casalinho, disseminada pelo terreno em formas cheias de originalidade e arte, está toda uma miniatura de Portugal inteiro. A Festa é afinal uma pequena cidade onde cada bloco fala dos costumes, dos problemas, das aspirações, de tudo o que de mais representativo e típico existe em cada região do País.

E pelos rios humanos que fluem e se cruzam pela Festa ouve-se brotar da álcara massa que circula ou invade os pavilhões o falar vivaz dos minhotos e do povo do Norte, o sotaque cheio de determinação dos beirões, a fala arrastada do Alentejo, o motejar nasalado dos Açores e da Madeira, a linguagem desrespeitadora de todos os «acordos» ortográficos da malta de Lisboa e às vezes verdadeiros dialectos locais para se dizer coisas que mais ninguém entenda.

Nos três dias que amanhã começam, o Alto da Ajuda, na «ilha» verde do Monsanto, vai transformar-se num ponto de encontro e num «fórum» dos portugueses de todas as latitudes, e também numa área privilegiada de internacionalismo e de amizade entre homens, mulheres e jovens de vários pontos do Mundo.

E na Festa, naturalmente, a confraternização.

A Festa do «Avante!» é um grande espaço aberto à cultura e à arte. À informação política. Ao convívio e ao debate democráticos. À juventude. À amizade e solidariedade entre os povos. À exaltação da Paz.

A edição de 1986 — a décima primeira — foi concebida, organizada e montada para dar a mais lata projecção à manifestação dos anseios populares e nacionais mais legítimos.

Este ano — o ano do Centenário do 1.º de Maio e Ano Internacional da Paz — o Trabalho e a Paz serão os temas dominantes.

Facilmente se compreende que o Partido Comunista Português — o Partido da classe operária e de todos os que trabalham — chame a si, na sua maior iniciativa de massas, a evocação política do Dia Internacional dos Trabalhadores.

É uma evocação num ano e numa conjuntura em que a classe operária portuguesa e outras camadas e sectores populares — cuja principal fonte de rendimento é o trabalho simples ou complexo — lutam arduamente, em potentes afirmações de determinação e unidade, por reivindicações sentidas para cuja solução a política desestabilizadora, de bloqueio e de guerra social contra os trabalhadores do Governo minoritário de Cavaco Silva/PSD se tornou o principal entrave.

A Festa do «Avante!» será um painel e um manifesto de luta contra o desemprego, contra os salários em atraso, contra os tectos salariais injustos, pela melhoria das condições de vida do povo trabalhador.

Cada pavilhão regional será um apontamento de aspirações insatisfeitas e a satisfazer, da luta dos operários, dos agricultores, das classes, camadas e sectores intermédios da população; será uma trincheira de defesa das conquistas de Abril — das nacionalizações, da Reforma Agrária, do Poder Local democrático.

Por vezes num apontamento simbólico, como a elevada proa do «cargueiro» erigido pelos martirizados trabalhadores da indústria naval do distrito de Setúbal — um autêntico «barco dentro da cidade» — ou o armazém da Reforma Agrária, um «entreposto» onde a aquisição de produtos é uma forma tangível de solidariedade material e moral aos assalariados agrícolas do Alentejo e do Ribatejo submetidos a uma brutal ofensiva dos mercenários do latifúndio.

É também em cada pavilhão regional a informação verídica, exposta sempre de maneira atraente, com força sugestiva e imaginação criadora.

A Paz, causa suprema da Humanidade, vai caracterizar todas as realizações da Festa — a própria Festa afinal.

Mas o Ano Internacional da Paz terá a sua consagração genuína no local mais apropriado da Festa do Avante de 1986 — a Cidade Internacional.

Órgãos da imprensa operária e progressista de todos os continentes — lídimos arautos da Paz nas «cinco partes do mundo» — trarão à Festa do Avante a mensa-

gem da Paz que sai do mais profundo da alma e da vontade dos seus povos.

A iniciativa da ONU de consagrar à Paz o ano de 1986 resulta de uma consciência internacional generalizada de que jamais foi tão iminente e perigosa a ameaça de uma guerra que se não fosse contida — e pode e deve sê-lo pela poderosa luta dos Povos — significaria o holocausto da Humanidade, a supressão da própria vida sobre a Terra — o que confere verdadeira dimensão planetária à hedionda política imperialista que adensa sobre a Humanidade o perigo de uma guerra nuclear.

Na Festa do «Avante!» exprime-se de variadas formas o profundo amor à Paz e à Vida do povo português, a sua firme vontade de que a terra portuguesa seja uma zona de Paz, sem armas nucleares, sem estruturas supranacionais que em última análise pretendem Portugal atrelado ao projecto «reaganista» da «guerra das estrelas».

Mas a Paz — simplesmente a Paz — será também a tónica da convivência popular na Festa. A «filosofia» que está na base do convívio popular da Festa do «Avante!» é a da antítese da violência. No Alto da Ajuda a fraternidade não é património só de alguns mas de todos. Venham de onde vierem. Socialmente, politicamente, na expressão popular mais larga.

E naturalmente também a Festa do «Avante!» é um acontecimento que ganhou a compreensão e mesmo a adesão de portugueses dos mais diversos quadrantes políticos.

Mesmo em órgãos de comunicação social que não primam pela amizade aos comunistas o acontecimento «Festa do «Avante!»» foi abordado com isenção e respeito pela verdade. Isso não é apenas uma apreciação justa mas também uma atitude dignificante.

Um ou dois casos, de gente que tem a caneta impregnada de veneno anticomunista, foram excepções que não anularam a regra.

Mas o «acontecimento» Festa do «Avante!» afirmou-se como inigualável manifestação da arte e cultura populares numa expressão multiforme e como afirmação da capacidade, da criatividade e da militância dos comunistas.

Se quiséssemos definir a «bússola» da Festa do «Avante!» diríamos que ela aponta principalmente à juventude. A «Cidade da Juventude» quase no átrio da

Resumo

27

Quarta-feira

Criticando aspectos da política económica e financeira do Governo, ao mesmo tempo que se manifestava de acordo com algumas medidas pontuais, o secretário-geral do PS, Victor Constâncio, classifica o Executivo de Cavaco Silva como «Governo da oportunidade perdida» ■ Mais uma, das fornadas demagógicas em sessões contínuas produzidas pelo Governo: o anúncio, pelo próprio Conselho de Ministros, da abertura de 1050 «vagas» na rede oficial de jardins de infância, quando tais «vagas» agora pretensamente criadas já existiam (e foram postas a concurso) há quase dois anos; o anúncio foi feito como em «cumprimento do programa do Governo» e a denúncia foi feita pelo Sindicato dos Professores do Norte (SPN) ■ A polícia racista sul-africana assassina pelo menos 12 pessoas e fere mais 69 no «ghetto» negro do Soweto, ao interromper, a tiro, uma reunião de cerca de 300



Racistas continuam a matar no Soweto

moradores que discutiam a continuação do boicote ao pagamento das rendas em protesto contra o estado de emergência ■ O programa espacial norte-americano regista dois novos fracassos com o anúncio da explosão, no sábado, 50 segundos após o lançamento, de um foguetão de tipo «Aries» e o 15.º adiamento da colocação em órbita de um satélite meteorológico por um lançador «Atlas».

28

Quinta-feira

Goram-se, mais uma vez, as perspectivas de solução do conflito laboral nos transportes colectivos do Porto, com a recusa do conselho de gerência em assumir compromissos quanto à igualização dos trabalhadores portugueses aos de empresas congéneres ■ O Presidente da As-



sembleia da República convoca para a próxima segunda-feira uma conferência dos líderes parlamentares ■ O Partido Social Democrata da RFA reelege, em Congresso, Willy Brandt no cargo de presidente do partido ■ O governo boliviano decreta o estado de sítio e desencadeia uma vaga de terror fascista em todo o país, no momento em que recrudescia o movimento popular contra a política económica ordenada pelo FMI e contra a presença militar norte-americana na Bolívia ■ Os EUA concentram uma poderosa esquadra de guerra em Cádiz e 18 caças-bombardeiros F-111 na Grã-Bretanha, iniciativas militares que se relacionam com a subida de tom das ameaças que de novo a administração Reagan faz sobre a Líbia.

29

Sexta-feira

O plenário de sindicatos da FESTRU reúne em Lisboa para analisar a actual situação do conflito em curso na Rodovia Nacional (RN), considera que «a longa duração do conflito deve-se única e exclusivamente à intransigência, rigidez e casmurrice do conselho de gerência do Governo de Cavaco Silva» ■ A Comissão Directiva do PRD confirma que a 2.ª Convenção Nacional do partido decorrerá no Porto de 17 a 19 de Outubro ■ No âmbito do estado de sítio ontem decretado pelo governo pró-americano da Bolívia, o Exército do país assume o controlo das principais cidades, das universidades, sindicatos, emissoras de rádio e aeroportos, dissolve à força a marcha dos mineiros para La Paz e prende pelo menos 270 personalidades de vários sectores ■ Organizações anti-apartheid desmentem os números de vítimas divulgados pelas autoridades racistas na repressão desencadeada esta semana no bairro do Soweto, informando que a polícia racista assassinou pelo menos 30 pessoas.

30

Sábado

Rebenta escândalo na TAP, segundo denúncia das estruturas dos trabalhado-

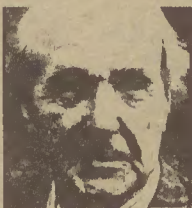


Escândalo na TAP

res da empresa, que vão levar o caso à Procuradoria Geral da República: o conselho de gerência acaba de criar um lugar de duvidosa utilidade — «Director para a Europa» com sede em Londres — e para o qual já contratou o ex-gestor da empresa, Andrade Campos, que já vive na capital inglesa, onde é funcionário do Banco Totta & Açores. Ordenado prometido ao Campos: 1075 contos mensais e ainda carro, residência, despesas de representação e antiguidade desde 1978 ■ O governo boliviano, que decretou o estado de sítio e desencadeou uma onda de repressão fascista na passada quarta-feira, anuncia que os 162 dirigentes sindicais e políticos ontem detidos serão transferidos para «centros de internamento» situados a 1000 km da capital.

31

Domingo



Henry Moore

dos mais variados sectores que se encontram em situação crítica. Paralelamente

te procede a admissões com base em critérios de compadrio ■ A proposta de Lei de Bases das Comunicações que o Governo tem já elaborada aponta, em caso de aprovação, para a privatização de importantes serviços de comunicações actualmente atribuídos aos CTT e TLP ■ Morre, com 88 anos, o escultor inglês Henry Moore, considerado pela generalidade da crítica como um dos mais importantes deste século ■ Morre Urho Kekkonen, antigo primeiro-ministro e presidente da Finlândia. Tinha 85 anos de idade.

1

Segunda-feira

Álvaro Cunhal, em conferência de imprensa, divulga a posição do PCP sobre o estatuto político-administrativo da RA dos Açores, referindo, nomeadamente, que a paridade entre os símbolos regionais e os símbolos nacionais «não se conforma com a natureza do regime político-administrativo das regiões autónomas e os princípios da unidade nacional» ■ O primeiro-ministro do Zimbábué, Robert Mugabe, afirma no discurso de abertura da 8.ª Cimeira do Movimento dos Países Não-Alinhados que a eliminação do «apartheid» exige «acção e não palavras» ■ O choque de dois aviões sobre a localidade de Cerritos, na Califórnia (EUA), causa pelo menos 70 mortos ■ Um estudo de Jeanne Chall, da universidade de Harvard, revela que mais de 75 milhões de norte-americanos são analfabetos, o que provoca na economia do país prejuízos que atingem os 20 milhões de dólares.

2

Terça-feira



Reúne o Conselho de Estado, que analisa a questão dos símbolos nacionais e regionais. Ausente, o presidente do Governo Regional da Madeira, divulga carta ao PR, considerando a questão como «uma cabala» ■ Cavaco Silva anuncia pessoalmente aumentos das pensões de invalidez e velhice, classificando-o de «extraordinário» ■ Confirmam-se dois mortos e numerosos feridos em consequência do temporal que lavra nos Açores e que atinge particularmente a Ilha de S. Miguel. ■ Mais um dirigente da União Patriótica é assassinado na Colômbia. Félix Gomez é assassinado numa propriedade sua, por desconhecidos. ■ «Enquanto existir o Apartheid, Cuba manterá o auxílio a Angola», afirma em Harare, na sessão da VIII Cimeira do Movimento dos Não-Alinhados, o Presidente cubano, Fidel Castro. ■ Victor Constâncio, secretário-geral do PS, é recebido em Frankfurt pelo Presidente da Internacional Socialista, Willy Brandt.

Festa, vai ser um grande pólo de atracção e convívio dos jovens, mas ela própria não dá nem poderia dar o quadro da movimentação da juventude no plano nacional visando a sua participação na Festa do «Avante!».

O Festival da Canção Juvenil que vai ter o seu epílogo no Alto da Ajuda, movimentou e interessou muitos milhares de jovens por todo o País, as actividades desportivas, em que a ginástica exprime a sua modalidade mais clássica, suscitou o interesse e a participação de centenas de raparigas e rapazes de várias regiões e locais.

Sim, a Festa do «Avante!» de 1986 representa uma nova e exaltante afirmação da capacidade, da criatividade e da militância dos comunistas.

Os «profetas da desgraça» do anticomunismo que passam a vida a tanger o bordão da «queda de militância» dos comunistas fariam bem em ter ido até ao Alto da Ajuda nestas últimas semanas para se instruírem «in-loco» sobre a verdadeira força, expressão e consciência política de muitos milhares de camaradas e simpatizantes do PCP que trabalhando no duro fizeram florescer aquilo que é um autêntico monumento de beleza e arte, de afirmação de militância, de unidade política e coesão ideológica.

Mais de 11 000 jornadas/homem de trabalho voluntário e militante até domingo passado e nestes dias que antecedem a Festa novos milhares e dar-lhe acabamento, a alindar o recinto, a criar condições para que os visitantes usufruam a Festa com o mínimo de incomodidade e o máximo de entusiasmo e alegria.

Sim, a Festa do «Avante!» será também um espaço aberto de informação política nos diversos debates, colóquios e exposições e em particular no Comício de domingo à tarde que antevemos grandioso e em que o exame da política nacional e as suas perspectivas e em que as tarefas e propostas dos comunistas no período imediato serão abordadas pelo Secretário-Geral do PCP, camarada Álvaro Cunhal, com o sentido de responsabilidade e de autoridade políticas de um grande Partido profundamente inserido nas massas populares e na realidade em movimento da vida e da luta do povo português exigem.

A Festa do «Avante!» de 86 merece ser vista, visitada, participada por todos os que têm no coração e na consciência as raízes e o viço dos «Cravos de Abril».

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O jornal
dos trabalhadores
da democracia
e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista
Português. Rua Soeiro Pereira Gomes -
1699 - Lisboa CODEX. Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro
Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX
Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO:
Av. Santos Dumont, 57-3.º
- 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO:
CDL, Central Distribuidora Livreira,
SARL, Serviços Centrais: Av. Santos
Dumont, 57 - 2.º - 1000 Lisboa
Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do
Século, 80 - 1200 Lisboa Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora:
Alcárcova de Baixo, 13 - 7000 Évora
Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro:
Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro
Tel. 24417

Delegação do Norte
Centro Distribuidor do Porto:
R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto
Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra:
Terreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra
Tel. 28394

ASSINATURAS:
Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º
- 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO:
R. João de Deus, 24 - Venda Nova
2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL:
Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B
- 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50
Porto - Rua do Almada, 18-2.º Esq.º
- 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e Impresso na Heská
Portuguesa - R. Elias Garcia, 27
Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/86

Tiragem média do mês de Junho: 33 475

Semana

Avante!

Ano 56 — Série VII
N.º 662

4 de Setembro de 1986

2.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente



A aprovação de uma **carta reivindicativa** onde se exige um mínimo de 1200 escudos de jorna na próxima campanha e onde também se referem e esclarecem aspectos relacionados com a contratação colectiva, o desemprego e a instabilidade dos postos de trabalho, a segurança social e a acção das multinacionais naquela que é considerada a mais antiga região demarcada, vitivinícola, do país e do Mundo, constituiu o ponto alto do 4.º Encontro das Vindimas, realizado no último domingo na cidade do Peso da Régua, com a participação de 600 trabalhadores agrícolas do Douro. Entre os intervenientes contou-se igualmente o dirigente da Intersindical Armando Teixeira da Silva, membro da Comissão Executiva do C. Nacional da Central, que encerrou os trabalhos.

Recomendando a todos os operários agrícolas que não devem iniciar o trabalho da próxima campanha sem que esteja confirmada a jorna e a data de pagamento com passagem de recibo (um mínimo de 1200 escudos, com horas extraordinárias a 50% — 225 escudos/hora) o 4.º Encontro exigiu da parte do Governo a publicação imediata da portaria de extensão do Contrato Colectivo de Trabalho (CCT) negociado em Vila Real e publicado em Fevereiro último para todos os distritos do Norte e Centro do País, cumprindo-se assim um compromisso anteriormente assumido pelo responsável máximo do Ministério do Trabalho. Recorde-se de passagem que, para além dos distritos de Vila Real ou Bragança, também os da Guarda ou Viseu assinalam intensa actividade como parte integrante da região demarcada, onde actualmente a crescente concentração da propriedade da terra e da produção do vinho nas mãos das grandes casas expor-

tadoras e multinacionais, a par de uma política contrária aos interesses da economia nacional, está a ameaçar e a querer condenar à ruína cerca de 25 mil pequenos e médios produtores do Douro.

O encontro da Régua chamou a atenção dos assalariados para a ilusão, posta a correr na região, de que o crescente domínio das multinacionais traria benefícios quanto a empregos. O que a experiência noutros sectores ensina é que os monopólios visam o lucro fácil, a exploração desenfreada de quem trabalha, o não cumprimento das leis do trabalho, o desemprego.

Lutar contra o desemprego

Realizado no recinto da Alameda dos Capitães, na Régua, o 4.º Encontro das Vindimas evi-

As reivindicações e as tarefas apontadas no 4.º Encontro das Vindimas



Biblioteca da saúde



A Biblioteca de Saúde, a toda a gente interessa, motiva e esclarece, desde professores a estudantes, desde cidadãos comuns a mães de família, desde pessoal de saúde a doentes.



A Festa

Hasteia-se a bandeira, toca-se o hino, acendem-se as luzes. Cumprido o ritual que simboliza a abertura oficial da Festa do «Avante!», os visitantes têm ao seu dispor o vasto terreno do Alto da Ajuda para descobrir uma festa que todos os anos se procura diferente e melhor.

Há quem prefira primeiro a visita de reconhecimento, o descobrir das novidades, o assinalar dos lugares onde se pretende voltar mais demoradamente, a localização dos espaços dos espectáculos a que se quer assistir. Há os que de programa em punho vão direitinhos ao *stand* tal e tal em busca das recordações antes que se acabem. Há os que vão à procura dos amigos nos pavilhões do costume que nunca estão no mesmo sítio...

E há quem, cedendo finalmente à tentação, procure um lugar discreto onde possa estender-se e dormir a sono solto, indiferente a tudo o que não seja o merecido retemperar de forças.

Porque isto cansa, sabiam? Quer dizer, fazer a festa, desde o papel à construção a sério, desde o terreno pelado à cidade efémera do Alto da Ajuda, desde as ideias nem sempre fáceis ao produto acabado. Não é fácil, para quem está de fora, ter a noção exacta do trabalho que significa a festa. Quando se entra num pavilhão, seja para comer uma sandes ou apreciar uma exposição, não nos ocorre quantas placas de madeira foram necessárias para o construir, quantos pregos se pregaram, quantos tubos laboriosamente se uniram com braçadeiras, quantas vezes o pincel mergulhou na lata de tinta que serviu para o pintar, quantos metros de pano se coseu. Nem tão pouco que tudo isso não apareceu ali por artes mágicas, antes houve de transportá-lo. E antes necessário foi planear, calcular, desenhar o que se pretendia fazer, ao longo de longas e fatigantes reuniões onde o consenso nem sempre aconteceu fácil.

Quando se assiste a um espectáculo, seja desportivo, musical ou de teatro, ninguém se vai lembrar das horas que alguém gastou ao telefone para fazer cada contacto, das viagens que por vezes se torna necessário fazer para garantir uma presença desejada, das dificuldades que se enfrentam na elaboração de calendários a que outros se sobrepõem com compromissos assumidos, gravações, digressões e tantos outros pormenores que só o são para quem está de fora. Ou da dificuldade da escolha, com a ambição grande da qualidade a chocar com a exiguidade dos meios e nem por isso desistindo de apresentar o melhor.

Já alguém se terá interrogado quantas vezes se palmilha o recinto da festa para a sua construção? Quantas horas de trabalho, colectivo e individual, a fazem nascer? Quantas horas roubadas ao sono na procura da solução de problemas? Quantas incompreensões é preciso ultrapassar? Todos sabemos que muitos são os camaradas que nas férias e dias de descanso vão em trabalho voluntário contribuir para que a festa seja possível. Mas como seria ingrato pensar que com isso teríamos dito tudo, quando levadas são por vezes as forças até ao limite.

Não que pretendamos fazer heróis ou que os outros nos tomem por tal. Se aqui falamos do trabalho que a festa é, fazêmo-lo para que os olhos de todos os que vão lá estar na Ajuda vejam melhor e mais além do que o colorido dos desenhos e o feérico das luzes. Para que vejam o amor que tornou possível o trabalho, a dedicação que conjugou esforços, a vontade que dobrou os obstáculos. Com erros, sem dúvida; com muita raiva, às vezes; mas sobretudo com amor, que é a forma mais bela dos homens fazerem as suas obras e orgulhar-se delas.

■ AF

4.º Encontro das Vindimas

denciou tanto na carta reivindicativa aprovada por unanimidade como no conjunto do debate e das intervenções que acolheu uma profunda preocupação face ao problema do desemprego para os assalariados do Douro, situação que continua a agravar-se de dia para dia.

Não é fácil a vida para quem tem apenas um ou dois dias de jorna por semana. Ou apenas algumas horas da parte da manhã.

Para combater esta situação, que origina graves problemas sociais, o encontro da Régua apontou como prioritária a luta contra o desemprego, na base da unidade, da mobilização e do esclarecimento dos trabalhadores. Como perspectivas desta importante luta, foram apontadas as seguintes orientações: não permitir despedimentos ao abrigo da lei de segurança social, exigir do Governo uma atenção responsável face a situações de subaproveitamento e abandono de terras com aptidão agrícola, exigir o pagamento de subsídio de desemprego para todos os desempregados.

A verdadeira e justa integração dos assalariados do Douro

no regime de Segurança Social, acabando com discriminações de qualquer ordem, foi outra das reivindicações saídas do Encontro das Vindimas, que, neste contexto, apontou a necessidade dum diálogo construtivo e dinâmico entre os serviços regionais de Segurança Social e as organizações sindicais, representativas dos trabalhadores. Os casos de infracção à legislação em vigor devem merecer, como sublinhou o encontro, uma actuação enérgica daqueles serviços.

Organização sindical

O debate realizado na Régua não esqueceu, naturalmente, as questões do trabalho sindical e do reforço da sua organização. Neste sentido, foram apontadas, entre outras, as seguintes tarefas:

- Eleger delegados em todas as aldeias e quintas;
- Promover a sindicalização do maior número possível de trabalhadores;
- Reforçar e regularizar o pagamento das quotizações sindicais;

● Promover reuniões alargadas para aprofundamento das reivindicações, dos justos direitos e dos problemas dos assalariados, nomeadamente tendo em vista a próxima campanha (cavas, descavas, podas, enxertia, sulfato);

● Proporcionar condições para um maior apoio jurídico aos trabalhadores;

● Lutar pela garantia e respeito dos direitos de dirigentes e delegados sindicais.

Além da carta reivindicativa, foram aprovadas no encontro moções sobre a segurança social e contratação colectiva, assim como uma resolução em que se aponta a necessidade de promover a médio prazo o 2.º Encontro dos Trabalhadores Agrícolas do Norte e Centro.

Em nota dirigida aos órgãos de Comunicação Social salienta-se que «a participação dos trabalhadores agrícolas durienses excedeu as expectativas dos sindicatos agrícolas organizadores da iniciativa, uma vez que estiveram presentes mais de 600 trabalhadores agrícolas vindos de toda a região do Douro, nomeadamente dos distritos de Vila

Real, Viseu e Bragança. De referir que pela primeira vez participou uma delegação de trabalhadores agrícolas vindos do distrito da Guarda».

Inquérito no distrito de Braga

A Associação de Defesa dos Agricultores do Distrito de Braga divulgou junto dos produtores de vinho um inquérito cujos resultados serão essenciais para uma tomada de posição face às medidas restritivas do Governo impostas pela CEE no tocante à produção vinícola, assim como aos curtos prazos para a entrega dos relatórios referentes à legalização das vinhas. A importação de vinho «sem que se tenha em conta o vinho que ainda está por escoar em casa dos agricultores e nas adegas cooperativas» é também motivo para a realização daquele inquérito que deve ser entregue pessoalmente nas feiras aos dirigentes da Associação ou na sua sede através do correio (ADADB, Praça Conde de Agrolongo, 72, 1.º 4700 Braga).

CTT, TLP e Tabaqueira Três empresas na mira do Governo

O Governo Cavaco Silva propõe-se privatizar os serviços pelos CTT e TLP, de acordo com o texto de uma proposta de lei de Bases das Comunicações, a qual foi elaborada por uma comissão designada pelo ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações e presidida por Marcelo Rebelo de Sousa.

No referido texto admite-se «o acesso da iniciativa privada à exploração e gestão dos serviços de comunicações individualizáveis de uso público».

São argumento para estas medidas privatizadoras — conforme se justifica tanto no despacho ministerial que constitui a comissão, como no preâmbulo da Lei de Bases — «os movimentos de desregulamentação e de abertura ao mercado que estão em curso nos Estados Unidos, no Japão e na Grã-Bretanha».

Por isso, no preâmbulo da proposta governamental prevê-se que «tal se faça (a privatização) pela via de concessão — que é a mais frequente no nosso sistema jurídico — ou pela via do licenciamento, forma que permite a cumulação do exercício de determinada actividade por vários operadores públicos e privados».

Vem-se assim, em princípio, concretizar o que previa o Programa do Governo Cavaco Silva no respeitante à privatização de vários sectores dos CTT e TLP, certamente os mais rentáveis, que o Governo não ia entregar à iniciativa privada sectores deficitários.

No despacho ministerial de Abril, que cria a Comissão e se lhe atribui a tarefa de elaborar a Lei de Bases das Comunicações, não se pode ser mais claro nas intenções de entregar

o lucro ao sector privado. Ali se afirma que «as novas tecnologias (digitação, fibras ópticas, integração dos componentes microeléctricos, transmissão por satélite) alteram radicalmente os serviços que podem ser oferecidos e as condições de exploração e de gestão das redes e têm, directa ou indirectamente, um profundo impacto económico e social na gestão das empresas, na sua produtividade e na competitividade da economia».

Por tudo isto aconselha este Governo que «seja urgente proceder à revisão do quadro legislativo em que se exercem e são exploradas as actividades de comunicações». Forma eufemística de dizer que devem passar para as mãos dos grandes capitalistas.

Outro processo na «Tabaqueira»

Um outro processo para permitir o acesso à iniciativa privada está a ser seguido na «Tabaqueira», empresa pública altamente rentável.

A tramóia foi denunciada pela Comissão de Trabalhadores da empresa que acusa o Conselho de Gerência da empresa de estar a descapitalizar a «Tabaqueira» para depois justificar a entrada do capital privado.

Salienta a Comissão de Trabalhadores que o Conselho de Gerência tem feito investimentos noutras empresas de duvidosa viabilidade ou mesmo «completamente disparatados», como é o caso da chamada Agrotab, empresa constituída pela «Tabaqueira» e ainda pelos seus gestores e alguns quadros da empresa especialmente convidados.

Também na «Compal» a «Tabaqueira» já investiu cerca de um milhão de contos, segundo a Comissão de Trabalhadores, a qual se mantém apreensiva face à situação de falência e sem grande viabilidade desta empresa agro-industrial.

A «Tocan» foi outra empresa do sector agro-industrial onde a «Tabaqueira» investiu até agora 200 mil contos e cuja viabilidade se apresenta mais do que duvidosa.

Na «Monliz», outra empresa do mesmo ramo, ainda segundo a Comissão de Trabalhadores, «a «Tabaqueira» adquiriu uma posição pela qual pagou 300 mil contos em dinheiro, mais 100 mil contos em títulos de investimento, mais o passivo que a «Monliz» tinha para com a «Tabaqueira» e que é superior a 100 mil contos».

E se ficássemos por aqui estávamos a esquecer um outro negócio importante que se relaciona com a aquisição pela «Tabaqueira» de um edifício nas imediações da Avenida 5 de Outubro, em Lisboa, e pelo qual aquela empresa pública pagou 350 mil contos pelo edifício em bruto, mais 200 mil contos em Obrigações do Tesouro.

Contudo, refere a Comissão

de Trabalhadores, o montante do negócio não vai ficar por aqui pois a empresa terá de responder por compromissos assumidos pela empresa vendedora, que entretanto se extinguiu.

E como quando se agarra uma cereja vem logo outra, também aqui surge ainda um investimento de 10 mil contos no Instituto de Desenvolvimento de Novas Tecnologias e por último(?) a participação na sociedade «RJ Reynolds Portugal», que surgiu com 50 por cento de capital da «Tabaqueira», 40 por cento da multinacional americana «RJ Reynolds» e 10 por cento da «João Anjos da Rocha», de que é titular o actual presidente do Sporting.

É precisamente esta participação da empresa «João Anjos da Rocha» que a Comissão de Trabalhadores não percebe e muito menos que seja o presidente da «Tabaqueira», Nunes Rodrigues, a representar estes interesses.

Considera a Comissão de Trabalhadores que a «Tabaqueira» não tem «capacidade de resposta para esta expansão e dispersão de negócios. Não tem capacidade financeira nem técnica e já está a recorrer a empréstimos, pondo em risco a vida de uma empresa pública (florescente, acrescentamos nós) com os novos encargos resultantes dos empréstimos».

A Comissão de Trabalhadores estima que para o próximo ano os encargos financeiros da «Tabaqueira» ascenderão a um milhão de contos.

Para a iniciativa privada em descapitalizar é que está o ganho.

Trabalhadores

Contra a extinção da CNP a luta dos trabalhadores e a vontade política da oposição

Da CNP já muito se tem falado e muito ainda se vai falar nos próximos tempos. Sobre a decisão do Governo de extinguir aquela empresa pública, sobre os protestos justos dos trabalhadores e dos partidos de oposição. Quem menos fala do tema é, evidentemente, o Governo, que aguardou mesmo as férias parlamentares para tomar, por decreto, a decisão de liquidar uma empresa que hoje é rentável. E um mês passou sobre o desafio que a Comissão de Trabalhadores e as outras organizações representativas dos trabalhadores da CNP lançaram ao Governo para um debate público sobre a extinção. O Governo não respondeu...

Debate público houve, no passado sábado. Promovido pela CT. Não no Pavilhão Central da CNP em Santo André como havia sido previsto. O receio dos debates estendeu-se do Governo aos responsáveis da empresa que recusaram ceder as instalações, tendo os trabalhadores de reunir-se no pavilhão desportivo. O convite para este debate público dirigiu-se aos grandes partidos representados na Assembleia da República, à imprensa, às câmaras municipais de Sines e Santiago do Cacém e às organizações representativas dos trabalhadores e aos técnicos da empresa. As presenças e a pontualidade registadas revelaram, quanto a nós, o interesse que a iniciativa suscitou.

A «vinha desguarnecida»

No início do debate, nos respectivos lugares, apenas vimos o representante do PCP, o deputado Octávio Teixeira, tendo chegado depois um deputado do Partido Socialista e o responsável do PS para o distrito de Setúbal; o PRD não se fez representar, tendo um elemento da CT apresentado as razões da ausência — por lapso de comunicação —, embora um técnico da empresa, mais tarde, tivesse falado em nome daquele partido. Quanto ao PSD e ao CDS, nem sombras. Participaram ainda os presidentes das câmaras municipais convidadas. Nos lugares reservados aos sindicatos, na mesa, encontrava-se uma representante da Federação dos Químicos; na parte da tarde apareceu um elemento da UGT. Na bancada da imprensa esteve o «Avante!»...

Abrindo o debate, o membro da CT, Osvaldo Godinho, iniciou a sua intervenção com uma acusação ao Governo — a de ter aproveitado a «vinha desguarnecida», isto é, encontrando-se a AR de férias, para produzir o decreto de extinção, que considerou como «aborto jurídico». Lembrou, por outro lado, que dois membros do actual executivo, por altura das eleições, diziam que a questão do encerramento da empresa se não colocava, apenas se considerando a reestruturação da mesma. Mas a extinção veio.

«Também não compreendemos a razão», disse, «por que o Governo, ao pretender vender a empresa, comece por dizer tão mal dela, proferindo afirmações

tão graves como se encontrar velho e estragado um *steam cracker* que trabalha há quatro anos, sendo por isso o segundo mais velho da Europa».

O representante dos trabalhadores, que acusou por várias vezes o Governo de incoerência, desonestidade e má-fé, afirmou:

«Foi deliberada e astuciosamente criado um clima de instabilidade laboral na área. E nós perguntamos com que fim? Quais os objectivos que o Governo pretende alcançar com estas disposições? Descontrolar os trabalhadores para os acusar como provocadores do elevado índice de desemprego que se regista?»

Referindo-se depois à medida governamental sob o ponto de vista económico, Osvaldo Godinho desmentiu que haja razões económicas que justifiquem a atitude do executivo, nomeadamente afirmando que os valores positivos alcançados actualmente pela empresa se não devem exclusivamente à conjuntura internacional:

«A causa principal desses valores», disse, «assenta no facto de uma laboração contínua e de consequentes novos aproveitamentos que nos anos anteriores não foram possíveis, por erros de má gestão, sempre denunciada mas nunca escutada por quem de direito. O sector empresarial do Estado veio mais uma vez a ser vítima dos erros deste Governo que não sabe gerir o que é seu nem encontrar gestores que saibam cumprir as suas funções com honestidade e dignidade».

«Recordamos», sublinhou, «que em qualquer situação o Estado terá de assumir toda a dívida decorrente, porque não foi capaz de cumprir, em tempo oportuno, os seus compromissos. Se os nossos deputados deixarem, vai agora entregar a empresa baratinha, a trabalhar em pleno, aos seus eleitos, mentindo ao afirmar que esta é a única solução para pagar a dívida. Quanto a nós, a única maneira correcta de pagar a dívida é valorizar a sua Petroquímica, mantendo-a a trabalhar na sua máxima força e fazendo o aproveitamento total da sua produção.»

Vontade política

O nosso camarada Octávio Teixeira, que interveio mais tarde haveria de retomar este tema, recordando o muito que já foi



«Quanto a nós, a única maneira correcta de pagar a dívida é valorizar a sua Petroquímica, mantendo-a a trabalhar na sua máxima força»

dito e demonstrado ao longo dos anos sobre a viabilidade da empresa e sublinhando que «não há quaisquer razões honestas para extingui-la». Classificou de «apenas fumaça» aquilo que o Governo avança para assustar as pessoas — «prejuízos, dívidas, etc.». «Os prejuízos», afirmou, «terão sempre de ser assumidos pelo Governo, qualquer que ele seja. A entrega nem será vendida porque ninguém irá assumir a dívida!»

Depois de recordar que, em termos financeiros, a responsabilidade pela vultuosa dívida é apenas de atribuir à péssima gestão e aos sucessivos governos, Octávio Teixeira advertiu que, na «venda», o Estado nada receberá e, na «extinção», receberá menos que nada. Porém, continuando a laboração da CNP, o Estado receberá receitas, para além do que, de qualquer modo, terá sempre que pagar...

O deputado comunista retomaria ainda palavras da intervenção do representante da CT sobre o papel dos deputados. «Se os deputados deixarem?» «Os deputados do PCP não deixarão», afirmou. Mas, com o PS e o PRD e a mesma vontade política, então a CNP não será extinta!

Chamou ainda a atenção o deputado do PCP que o caso da CNP não é um caso isolado. «O Governo», disse, «reserva para o futuro as mesmas soluções para outras empresas públicas. Não são apenas os 1400 trabalhadores da CNP mas muitos milhares de outros que estão em causa».

Um problema do País

Os outros partidos da oposição também disseram de sua justiça. Falando em nome do PRD, um técnico da empresa fez o rol extenso das iniciativas que o seu partido levou a cabo sobre

técnico resumiu a actuação do PRD no caso declarando ser essa uma «maneira diferente de fazer política».

Mais tarde, Octávio Teixeira, do PCP, chamou a atenção para o facto de que seria prejudicial puxar louros a cada partido, pois o problema da CNP não se compadece com esse tratamento partidário — trata-se de um problema que interessa ao País e a todos os trabalhadores da CNP.

Com esta posição mostrou-se de acordo o deputado do PS presente, manifestando a esperança de que o PRD «não diga desta vez o contrário» do que ali afirmara. «Estamos todos no mesmo barco», declarou o deputado socialista que, em nome do PS, afirmou estar o compromisso feito — o de tudo fazer para que a CNP não seja destruída.

A luta dos trabalhadores

As conclusões a retirar deste debate não apresentam novidades. A atitude do Governo — na sua forma e no conteúdo que reveste — foi asperamente criticada por todos os intervenientes. Uma esperança excessiva foi demonstrada por alguns no que toca à atitude a definir pela Assembleia da República em Outubro — o pedido de ratificação já foi apresentado pelo PCP, e o PS também se comprometeu a chumbar o decreto governamental, mas, aguardando-se embora uma atitude positiva do PRD, a eventual não ratificação do diploma não fará cessar os ataques à CNP e

para este facto algumas intervenções chamaram a atenção. Por fim foi salientado o papel de primeiro plano que terá a luta dos próprios trabalhadores na defesa da empresa.

Colocados numa situação que não encontra quadro legal — despedidos colectivamente sem deixarem de continuar a laborar e sem perspectivas, com alguns «transferidos» para a EPSI, uma empresa que, no fim de contas, sofrerá com a eventual paragem da CNP, os trabalhadores têm sido objecto de pressões visando desmoralizá-los e desmobilizá-los.

Sobre o papel imprescindível da luta dos trabalhadores da CNP, tanto na defesa dos seus postos de trabalho como contra a extinção da empresa, várias intervenções alertaram, desde a de um trabalhador da EDP que trouxe uma moção de solidariedade aprovada há quinze dias no Porto, à da representante da Federação dos Químicos que, traçando o negro quadro em que se desenvolve a ofensiva contra a empresa, apelou também a uma maior participação nas lutas.

Quanto aos representantes dos partidos, também eles alertaram para o facto de que, sem a luta dos trabalhadores, será muito difícil resistir. O deputado do PCP salientou que, se os trabalhadores não lutarem, dificilmente a CNP poderá ser defendida.

■ LM

Autarquias apoiam os trabalhadores

«Sobre esta promissora cidade nova de Santo André se abate agora a primeira machadada», disse a dado passo da sua intervenção o membro da CT, Osvaldo Godinho. «As fontes criadoras desta terra interrogam-se quanto ao futuro próximo — valerá a pena o sacrifício de aqui gerar qualquer actividade?», perguntava depois. A preocupação quanto à vida do aglomerado populacional, quanto à sua própria existência, foi também uma constante do debate. Júlio Dias, também da CT, foi um dos muitos que não deixaria de abordar a questão. Mas seriam os presidentes das câmaras, de Sines e de Santiago do Cacém, a desenvolver o tema — que consequências para os dois concelhos em caso de extinção da CNP?

O presidente de Sines, Francisco Pacheco, começou por salientar o interesse do debate com a participação que teve, em Julho passado, em Sines, apontando ao Governo o seu silêncio sobre as perspectivas criadas com a extinção — cenário negro, como lhe chamou, dada a ausência de outras hipóteses industriais, já que a da metalurgia do cobre e outras, ainda por obra e graça do Governo, também desapareceram.

Francisco Pacheco vincou bem que a Câmara Municipal de Sines é frontalmente contra

a extinção da CNP. E sublinhou que se trata também do facto de não ser indiferente de trabalhar para um estrangeiro — a quem se vendesse uma empresa — ou para o Estado português.

Por seu lado, Sérgio Martins, de Santiago do Cacém, afirmou que a Câmara à qual preside tem desde o início tido a posição de defender «este investimento público, não aceitando que tal seja transferido em benefício de qualquer entidade privada, sobretudo agora, que a CNP é lucrativa!»

«Contestamos e repudiamos as consequências sociais graves para toda a área», disse, referindo-se nomeadamente ao desemprego e às consequências negativas deste para as actividades económicas em geral.

«Ao contrário do que diz o Governo e o Primeiro-Ministro, é o Governo que provoca a instabilidade, de tal ordem é a irresponsabilidade da sua acção».

O presidente da Câmara Municipal de Santiago criticou também a comunicação social em geral e, em particular a RTP, pela falta de atenção ou pela distorção no tratamento dos problemas em debate, terminando por manifestar a disponibilidade da autarquia no apoio à luta dos trabalhadores.

Trabalhadores**QUIMIGAL**

As linhas com que se cosem as propostas dos gestores

- LUTAS E GREVES EM VÁRIOS SECTORES
- MÉDICOS ANUNCIAM PARALISAÇÃO GERAL

Na mesma altura em que prosseguem as lutas que se têm prolongado por todo o Verão, principalmente pela revisão justa das tabelas salariais, ganham forte incidência na acção sindical a nível de empresa as acções em defesa da banca nacionalizada e de grandes unidades produtivas do sector público, como é o caso recente da Quimigal. Ao pronunciar-se acerca das propostas do conselho de gerência sobre «bases gerais para a reestruturação da área de produção» e «bases para a reestruturação do negócio de adubos», a comissão de trabalhadores (CT) da Quimigal, EP, exige «discussões aprofundadas» com conhecimento perfeito das alternativas. A CT, em nome das organizações representativas -ORTs) dos trabalhadores, não tolerará que os seus pareceres sejam encarados pelo conselho de gerência «como um acto meramente formal», sobretudo quando estão em jogo, como é o caso, «medidas de redução de efectivos, que forçosamente conduzirão a despedimentos».

A CT considera que a Quimigal é hoje uma empresa degradada onde a voz dos trabalhadores nunca foi ouvida. No entanto, o desenvolvimento da empresa, incluindo as acções que repõem o seu equilíbrio económico-financeiro, foram sempre «preocupação expressa dos trabalhadores e das suas ORTs», assinala a CT da Quimigal no seu parecer sobre as bases de reestruturação apresentadas pelo conselho de gerência.

O reforço e o desenvolvimento da Quimigal são considerados positivos pela CT, desde que se efectuem acções nesse sentido de forma planeada, que não conduzam ao desmembramento da empresa pública.

«Pretender levar a cabo uma reestruturação sem o apoio do Estado», afirma a CT, conduzirá inevitavelmente «a medidas de redução de efectivos, que forçosamente conduzirão a despedimentos».

Propostas mas documentadas

As propostas do conselho de gerência ainda não foram aprovadas. Mas antes de emitido o parecer da comissão de trabalhadores já circulavam na empresa «instruções de serviço» para serem aplicadas as «bases» na área de produção. A CT considera mal documentadas as propostas que lhe foram apresentadas pelo CG (conselho de gerência). E «também não se sabe, acrescenta a CT, se da parte das tutelas (Ministérios) há conhecimento circunstanciado das intenções do conselho de gerência sobre a reestruturação». O mesmo se passa acerca de estarem ou não assegurados os meios financeiros necessários.

O parecer da CT a que tivemos acesso e que tem a data de 13 de Agosto lamenta que as propostas do CG não tenham sido acompanhadas dos «estudos que apoiam as intenções de reestruturação» e sublinha que os documentos agora em análise surgem na sequência de vários outros produzidos por

CGs anteriores onde era notória «a intenção de desmembrar a Quimigal, EP».

A CT, cujo parecer sobre as propostas do CG foi ratificado em plenário das ORTs, desconhece, por exemplo, as razões por que as reestruturações foram definidas por «áreas de negócios».

O que a CT sabe é que os documentos dos anteriores CGs «tornavam mais fácil a alienação dos diferentes sectores» em proveito de «grupos privados que de há longo tempo manifestam interesse em dominarem diversas áreas produtivas integradas na Quimigal, EP».

A reorganização da empresa por «áreas de negócios autónomos» requer, para ser dado um parecer justo, o conhecimento indispensável das «alternativas examinadas e toda a sua base documental».

O CG pretende extinguir a Divisão Química Orgânica

As críticas às propostas de reestruturação apresentadas pelo CG da Quimigal incidem em particular na extinção da Divisão Química Orgânica. No entender da CT e das ORTs essa extinção

«em nada contribui para resolver os problemas existentes com a anilina».

Esses problemas só serão resolvidos com «alternativas» para os preços actuais da anilina e de compra do hidrogénio, com «novos mercados para colocar aquele produto», evitando a excessiva dependência quanto a fornecedores (Uniteca e Isopor que fornecem hidrogénio) e compradores (um único cliente, a Isopor).

As críticas da CT incidem também na falta de medidas de reestruturação, «especialmente na área da renovação do aparelho produtivo».

Sem esta renovação, assinala a CT ignora-se «a principal causa dos elevados custos de produção».

Sobre os custos das matérias-primas e do peso que representam nos custos totais, o parecer das ORTs da Quimigal reclama apoios do Estado à produção de adubos e de matérias-primas de base, como aliás acontece nos países da CEE.

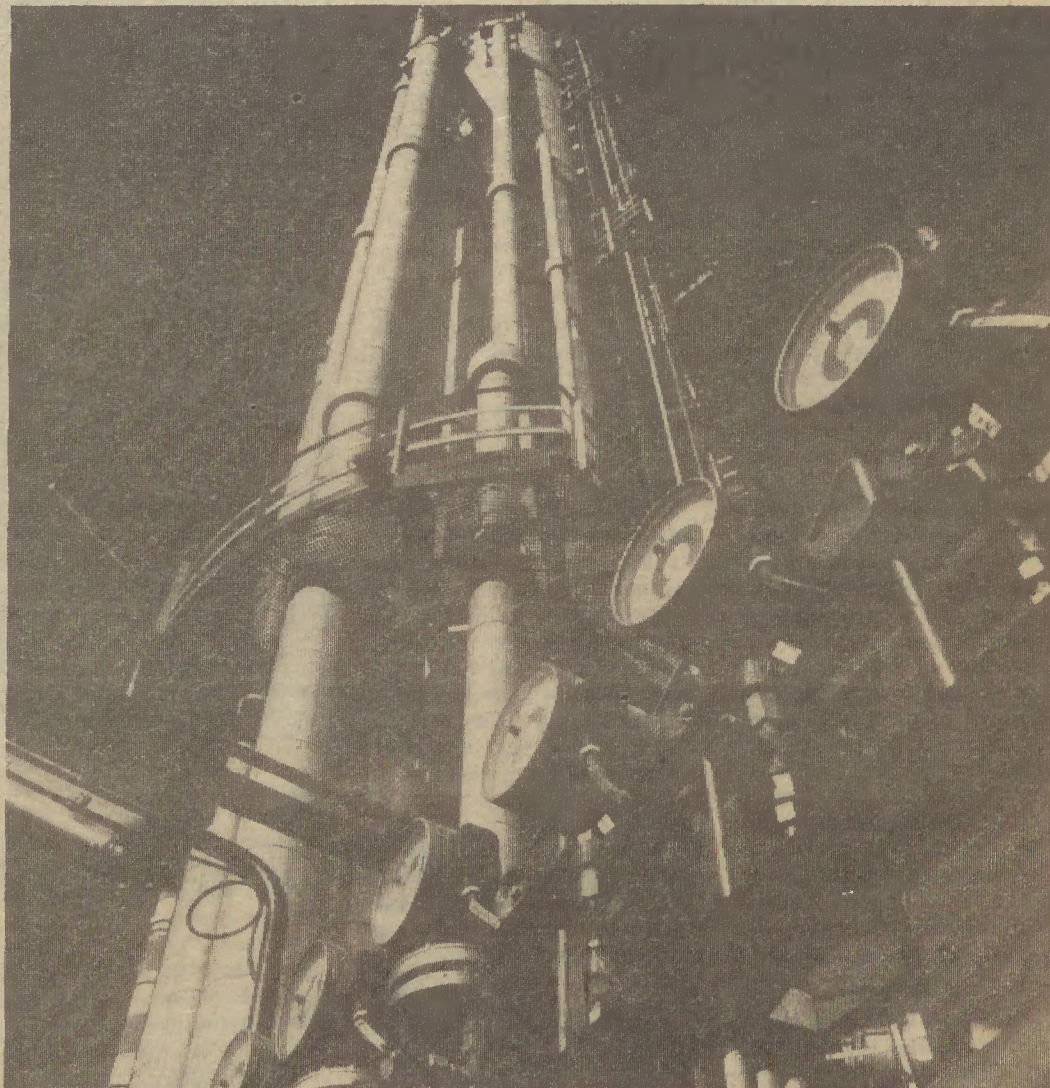
Sem esses apoios, com os quais as propostas do CG não contam pelos menos explicitamente, é «perfeitamente irrealista» pretender competir com produtores desses países em preços, quantidade e qualidade.

A CT, que considera «grave» a extinção da Divisão Química Orgânica, acusa os gestores da Quimigal de pretenderem introduzir «alterações profundas na presente organização sem terem em conta a realidade da empresa».

A serem adoptadas essas «bases» do CG elas só contribuirão para «desestabilizar a Quimigal, EP, precipitando o seu desmembramento e destruição», refere ainda o parecer.

Greves nacionais: luta dos médicos, rodoviários e outros sectores

Marcada para hoje, dia 4, a greve geral dos médicos implicará,



Os trabalhadores consideram positivas as acções de reestruturação que não levam ao desmembramento da Quimigal. Na foto: unidade 450 de descarbonatação da Fábrica de Amoníaco do Lavradio (Quimigal, EP)

segundo os sindicatos, «a suspensão de toda a actividade médica, com excepção dos cuidados de urgência».

Num comunicado à população, o Sindicato dos Médicos da Zona Sul apela à compreensão da justiça da luta, nomeadamente só recorrendo aos serviços de saúde «em caso de necessidade absoluta».

Na RN, os representantes dos trabalhadores em luta têm-se deslocado todos os dias desta semana à residência oficial do Primeiro-Ministro para com ele

se avistarem no sentido de serem dadas instruções aos gestores da Rodoviária para que cumpram à mesa das negociações o que ele próprio, Cavaco Silva, tem repetidamente afirmado, a saber: que os salários dos trabalhadores portugueses recuperaram este ano cinco pontos percentuais.

Na CP, a Federação dos Sindicatos Ferroviários recorda que os reformados continuam desde Fevereiro findo sem receber os aumentos. A desculpa do Governo, segundo um assessor do se-

cretário de Estado dos Transportes, é que o respectivo titular está de férias, o que impossibilita de assinar o indispensável papel.

São mais de 20 mil, os trabalhadores ferroviários da CP nessas condições.

Os seus companheiros de trabalho no activo estão na disposição de recorrer a formas de luta para conseguirem o pagamento dos aumentos que já levou os reformados à rua por duas vezes no ano corrente.

Os ferroviários no activo movimentam-se também por um novo regulamento de carreiras e podem recorrer à luta contra a forma como a gerência da CP e o Ministério do Trabalho estão a conduzir o assunto para um plano de conciliação com o qual discordam os sindicatos.

Na pesca do arrasto costeiro os trabalhadores continuavam a greve intermitente. As principais reivindicações são de ordem salarial.

Na banca nacionalizada, as organizações representativas dos trabalhadores (ORTs), designadamente o Plenário das CTS bancárias, continuam a protestar contra o «projecto de decreto-lei de transformação do estatuto jurídico de bancos nacionalizados em sociedades anónimas».

Jornada pela paz

Por ocasião da Jornada Internacional de Acção Sindical pela Paz, a CGTP-IN fez um apelo «a todos os trabalhadores portugueses para que se empenhem na luta com vista à criação de um mundo livre da ameaça nuclear».

Com âmbito mundial, correspondendo a um apelo do X Congresso Sindical Mundial de 1982, a jornada sindical pela paz comemorou-se na passada segunda-feira.

Numa nota da Comissão Executiva do seu Conselho Nacional, datada de 29 de Agosto findo, a CGTP «manifesta a sua to-

tal disponibilidade para, em conjunto com todas as forças democráticas portuguesas e em conjugação com todas as componentes do movimento sindical internacional, desenvolver todo o tipo de acções que visem o reforço das forças da paz».

O apelo da Inter reclama o fim da corrida aos armamentos na

terra e no espaço, a eliminação das armas químicas e bacteriológicas e a proibição das experiências nucleares.

A nota da direcção da Central põe em evidência o significado profundo da jornada de 1 de Setembro e relaciona a luta pela paz com a «resolução dos problemas socioeconómicos dos trabalhadores».

Refere a CGTP, citando «estudos realizados pela OIT» (Organização Internacional do Trabalho), que «a redução de um terço nas despesas com armamen-

to serviria, só por si, para a criação de 180 milhões de empregos».

O apelo de 29 de Agosto reconhece a contribuição positiva das recentes propostas da URSS, com vista ao prolongamento da sua moratória sobre ensaios nucleares.

Ao referir outras iniciativas nesse campo, a nota da Comissão Executiva do Conselho Nacional da CGTP cita a Comissão Palme e a Declaração dos Seis recentemente assinada no México.

PCP

Montijo

Porque não se vislumbra a cidade que todos queremos?

• Concelhia do PCP esclarece

Na passagem do primeiro aniversário da elevação do Montijo a cidade, a Comissão Concelhia do PCP, ao mesmo tempo que saúda toda a população desta parcela do distrito de Setúbal, explica as «duas ordens de razões fundamentais» que estão na origem dos problemas e dos entraves à edificação da «cidade que queremos»: economicamente próspera, civicamente pacificada e disciplinada, ambientalmente despoluída e socialmente justa.

A palavra — aberta à reflexão de todos os montijenses — para a Comissão Concelhia do PCP:

Por um lado, o resultado das eleições autárquicas de 1985, ao retirar à APU, por uma escassa margem de votos, a presidência e a maioria da Câmara e da junta de freguesia de Montijo, interrompeu o curso do processo que, a curto prazo, conduziria a nossa cidade e o nosso concelho ao estágio de progresso e desenvolvimento que constituía a meta da APU/PCP. Mas pela vontade soberana do eleitorado, o processo há-de retomar o seu curso na primeira oportunidade — talvez mesmo antes

de decorridos os quatro anos de mandato — já que Montijo — cidade-modelo só será possível com uma administração maioritária APU/PCP. Essa vontade soberana do eleitorado há-de expressar-se já nas eleições que vão ter lugar antes do fim do ano não só nas novas freguesias do Alto Estanqueiro/Jardia, Atalala e Pegões, como nas freguesias-mãe de Canha e Montijo.

Por outro lado — acrescenta a Concelhia do Montijo, sendo este concelho e esta cidade «uma parte do todo nacional, o seu desenvolvimento e progresso não podem deixar de reflectir a política — boa ou má — prati-

cada pelo Governo. Se essa política é má ou desastrosa para os interesses nacionais, regionais ou locais, como o tem sido de há vários anos a esta parte, propiciando cada vez maiores desigualdades, afrontamentos e injustiças levando hoje como nunca os direitos dos trabalhadores e das classes mais débeis, que constituem a esmagadora maioria do povo português, a favor duma minoria que não só recupera como aumenta progressivamente o seu poderio económico, então não podemos também nós montijenses, deixar de sofrer as consequências dessa governação ruinosa e antipatriótica».

«É assim que, apesar duma conjuntura internacional tão favorável à solução dos graves e verdadeiros problemas nacionais como há muitos anos se não verificava, o desemprego aumentou em espiral, os trabalhadores com salários em atraso são cada vez em maior número, o encerramento de empresas ou a en-

trega de unidades do sector empresarial do Estado a multinacionais ou a capitalistas portugueses ao seu serviço estão na ordem do dia, a subida dos preços de bens de consumo e de factores de produção não cessa, não obstante o Governo iludir o povo com taxas de inflação fictícias. Montijo é já hoje uma cidade também marcada por todas estas desgraças.»

E conclui a Comissão Concelhia do Partido:

«Para se alcançar a cidade que queremos — economicamente próspera, civicamente pacífica e disciplinada, ambientalmente despoluída e socialmente justa — torna-se indispensável inverter a marcha para o abismo configurada nas duas ordens de razões apontadas. Daí que o regresso da APU à presidência e à maioria dos órgãos autárquicos e a substituição do actual Governo minoritário PSD/Cavaco Silva por um governo de maioria parlamentar se tornem urgentemente inevitáveis.

Poder Local

Chamusca em Lisboa

Nos próximos dias 27 e 28 de Setembro vai realizar-se em Lisboa, na Casa do Ribatejo, um «fim-de-semana da Chamusca» promovido pela secção de Lisboa da Liga dos Amigos da Chamusca, em cooperação com a Câmara Municipal da Chamusca. Esta acção pretende estreitar os laços de conhecimento e relações entre chamusquenses residentes no concelho e na zona de Lisboa.

O programa que está esboçado no fundamental, consistirá: Dia 27, às 16.30 h. — Inauguração da exposição com aspectos diversos do concelho; 17.00 h. — Colóquio e convívio entre os residentes na zona de Lisboa e delegação da Chamusca. Dia 28, às 10.30 h. — Rossio — em princípio — Actuação de um Rancho Folclórico do concelho; 13.00 h. — Almoço regional e convívio com artistas locais.

Segundo a organização da iniciativa, aguardar-se-á ainda algumas confirmações nomeadamente da Câmara Municipal de Lisboa para a utilização do palco do Rossio, apostando-se que desta jornada resultarão benefícios mútuos para o concelho e para a comunidade chamusquense residente na zona de Lisboa.

Entretanto a actividade não pára, neste laborioso município ribatejano. Ainda recentemente foram adquiridos mais 10 contentores de 900 litros para reforço do contingente deste equipamento (destinados a suprir insuficiências ou a ausência de tais equipamentos em alguns locais), num investimento que rondou os 350 contos. Decorre paralelamente o concurso para a aquisição de dois «dumpers», a atribuir às duas novas freguesias de Parreira e Carregueira, numa acção que, segundo os folhetos de informação regularmente distribuídos pelo município, «decorre da necessidade de dotar as freguesias dos meios de acção para fazerem face às suas atribuições».

Um pormenor à margem: a primeira destas freguesias (Parreira) é a única de maioria PSD no Concelho (todas as outras são APU). É interessante recordá-lo, por atestar, mais uma vez, que a Aliança Povo Unido não faz quaisquer discriminações nas autarquias em que está em maioria. E são os factos que o atestam.

De Almada, com arte...

A convite e com apoio da Câmara Municipal de Almada, o grupo «Multiarte» tem estado a apresentar na sala do andar superior da Oficina de Cultura, uma série de exposições dos seus associados: Gabriel Rui Silva, Ginjeira, Humberto Santana, Sérgio, Teresa Inácio, Vítor Gorjão. Foi com Sérgio e no dia 14 de Março, que esta acção cultural teve início. Com uma excepção — Ginjeira — são jovens e andam pelas primeiras experiências com o público, os elementos deste colectivo. Agora, é a vez de Vítor Gorjão expor os seus trabalhos, de 29 de Agosto a 2 de Setembro.

Quem é Vítor Gorjão? Estudante do 2.º ano da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica, professor de arte no ensino secundário, 27 anos de idade. Uma única exposição feita em Vila Nova de Milfontes, no Bar Manga Rosa. Traz à Oficina de Cultura nove trabalhos de pintura em acrílico, utilizando vários materiais de suporte: pano, cartão, madeira, esferovite, cortice...

Mas o que é a Multiarte? Socorramo-nos da apresentação inserida num dos seus cartazes:

«Multiarte é um nome em suspenso, apenas pretende circunscrever um grupo de indivíduos que entende um projecto global de intervenção, no domínio de várias práticas significantes. Crivado de pessoas que têm construído a sua vida num esforço de tornar o Real uma produção e um produto, este colectivo entende-se de um modo em que a autonomia da arte jamais seja sacrificada às limitações que um colectivo, por vezes, implica; outras opiniões reforçam, em nós, a ideia de sermos cada um a actuar como forças juntas.

Vivemos e nascemos em Almada, arrogamo-nos à ideia de pretender articular o nosso trabalho com as possibilidades que o meio, que é o nosso, nos possa facultar.

Para um novo CT em Lamego

Campanha no distrito de Viseu

Poucos dias depois do incêndio que destruiu totalmente o Centro de Trabalho do Partido na cidade de Lamego, a Comissão Concelhia local do PCP decidiu lançar uma campanha de fundos em todo o distrito de Viseu «com vista à urgente compra de um edifício em Lamego com instalações condignas para a reabertura do futuro Centro do PCP».

Em comunicado agora difundido, a Concelhia do PCP «apela a todos os militantes e simpatizantes do Partido, aos trabalhadores, aos democratas, aos homens, mulheres e jovens que reconhecem ao PCP um papel imprescindível e insubstituível na defesa do regime democrático e para a concretização da alternativa democrática tão necessária ao nosso Povo e ao nosso país, para que generosa e activamente contribuam, no âmbito desta campanha, para a nobre causa da reabertura do Centro de Trabalho de Lamego do Partido Comunista.»

A Comissão Concelhia manifesta «o seu reconhecimento e apreço sinceros a todos os lamegoenses e às forças políticas locais que, após o incêndio ocorrido no Centro de Trabalho, lhe vieram manifestar a sua solidariedade perante o sinistro verificado.»

A nota dos comunistas de Lamego, depois de recordar que «este grave sinistro, que infelizmente destruiu também parte de duas moradias e de um estabelecimento comercial vizinhos, representou sem dúvida um duro revés para a organização concelhia de Lamego do PCP,» sublinha que «com este desastre perderam não apenas os militantes comunistas mas também os democratas, os trabalhadores, os elementos das camadas mais desfavorecidas da população do concelho de Lamego, que de há

muito se habituaram a encontrar no PCP o defensor mais abnegado e consequente dos seus interesses.»

«Entretanto, — como salienta o comunicado — os comunistas e o seu Partido caracterizam-se pela persistência, optimismo e tenacidade da sua luta. Habituarão-se ao longo dos anos a enfrentar com coragem as mais di-

versas situações, a superar com confiança os mais difíceis obstáculos e a não vergar facilmente perante inesperadas dificuldades. Por isso, logo no dia 24 de Agosto, a Comissão Concelhia de Lamego do PCP iniciou diligências para a obtenção de instalações provisórias para um Centro de Trabalho, contando poder muito em breve informar a população da sua localização.»

Êxito da festa nas Antas

Ainda no distrito de Viseu, mas falando agora de uma iniciativa de convívio já realizada,

saliente-se o êxito da recente festa em Antas, no concelho de Penedono, onde conviveram em animado ambiente cerca de 600 pessoas, incluindo grande percentagem de emigrantes. O caminho da emigração tem sido, nos últimos anos, seguido por muitos filhos daquela localidade, tendo os seus problemas merecido uma atenção especial na intervenção do camarada Joaquim Judas, do CC, na intervenção que ali proferiu.

O êxito da festa promovida pelo Partido foi tal que desde já a Comissão Concelhia de Penedono decidiu realizar uma 2.ª edição no próximo ano.

Nacional

Na Madeira, UCIM alerta:

Jardim contra colonos

Alberto João Jardim, presidente do governo regional da Madeira, acusou o toque e viu-se forçado a falar dos colonos. Isto na sequência da União dos Caseiros da Ilha da Madeira (UCIM) vir de novo a terreiro na defesa dos direitos dos agricultores madeirenses, desencadeando iniciativas que estão a ter bastante eco. É claro que Jardim abordou a questão no meio das baralhadas do costume, falando de «arruaceiros» e «damagogias», prescrevendo a todos os colonos o recurso aos tribunais e acabando por garantir que «a Madeira não é um país do Terceiro Mundo» (ai a mania das independências...). Torna-se assim oportuno dar uma olhada pelo comunicado divulgado recentemente pela UCIM à imprensa e que tem sido amplamente distribuído, com grande acolhimento, entre os agricultores madeirenses.

Após caracterizar como péssima a situação dos agricultores madeirenses, a UCIM especifica:

«Devido à entrada na CEE, a banana da Madeira já baixou de preço. Mas o problema não é só

o preço mais baixo, porque o pior é que está a ser recusada muita banana dos agricultores. Nas Canárias, que produzem melhor banana, o tamanho mínimo é de 10 cm, mas na Madeira exigem 12 cm. Não se percebe a razão — a não ser a de criar dificuldades aos agricultores da Madeira.»

O mesmo se passa com outros sectores agrícolas:

«O vinho pode vir a ter a mesma baixa de preços; a batata quase não há quem a compre aos agricultores, e quando o fazem é a preços baixíssimos; não há preços compensadores, as despesas são cada vez maiores, a própria água de rega é paga a preços elavadísimos.

«Apesar desta situação — sublinha a UCIM — os caseiros que requerem a remissão da sua terra têm que pagar aos senhores preços cada vez mais altos porque os avaliadores marcam indemnização a favor dos senhores e com valores que não têm nada a ver com o que a terra pode produzir e que são três vezes mais altos do que há dois e três anos atrás. Por isso até há caseiros, sem o apoio da UCIM, que não pagaram a sentença do tribunal porque não tinham dinheiro nem a terra merecia aquele preço.»

E conclui-se:

«A UCIM vai continuar a apoiar os caseiros que queiram requerer a remissão da sua terra

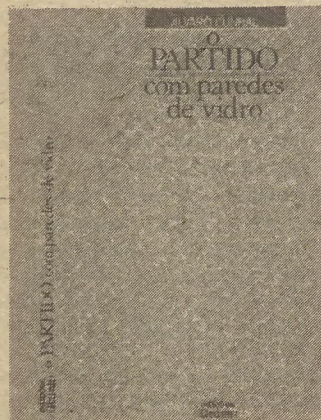
nos casos em que o valor do terreno justifique os recursos nos Tribunais para lutar pelo valor da terra para fins agrícolas e por desbravar, como manda a lei. Mas nos outros casos pode ficar muita coisa por resolver se não for mudada esta política, por culpa do governo regional, que não dá importância à agricultura. A UCIM apela a todos os caseiros e a todos os agricultores para se unirem pelos seus direitos pela defesa do valor do seu trabalho e dos interesses da Região.»

Dado o grande acolhimento entre os agricultores das iniciativas da UCIM, compreende-se a pressa de João Jardim em tentar iludir mais uma vez a questão com as suas patacoadas...

OS LIVROS DA FESTA

edições
Avante!

A VENDA
NO CENTRO DO LIVRO
E DO DISCO NA
FESTA DO **Avante!**

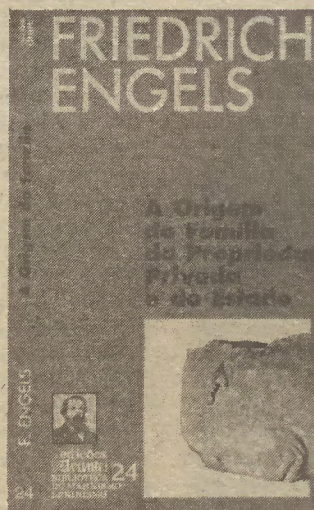


«Para aqueles que de fora observam o PCP e queiram com seriedade formar uma opinião sobre ele, decerto interessa saber como os comunistas concebem, constroem, explicam e desejam o seu próprio Partido. Propomo-nos dizer com verdade como somos, como pensamos, como actuamos, como lutamos, como vivemos, nós, os comunistas portugueses. Tudo será dito, tornando transparentes as paredes do nosso Partido, de forma a que quem está de fora possa observar o Partido como que através de paredes de vidro».



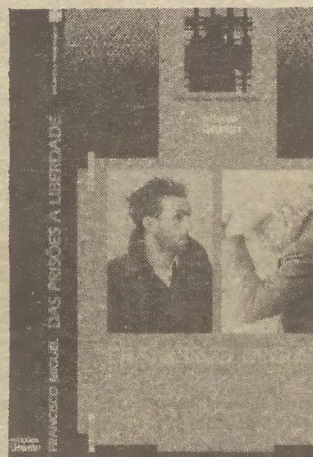
Em 1945, o plano nazi-fascista de dominar o mundo foi derrotado. Mas as raízes do fascismo não foram completamente extirpadas. Hoje existem grupos e partidos fascistas ou de tipo fascista em quase 60 países do mundo capitalista, que actuam como ponta de lança da reacção imperialista.

Os autores da presente obra revelam a essência de classe do fascismo dos anos 80, analisam os seus instrumentos psicológico-sociais, as vias e os métodos de penetração da sua propaganda nas massas, mostram a inconsistência da ideologia do fascismo.



Segundo a concepção materialista, o momento em última instância determinante na história é a produção e reprodução da vida imediata. Esta é, no entanto, por sua vez também, de dupla espécie. Por um lado, a produção de meios de vida, de objectos, de alimentação, vestuário, habitação e dos instrumentos necessários para isso; por outro lado, a produção dos próprios homens, a reprodução da espécie.

Friedrich Engels



Na venerável galeria dos heróicos combatentes antifascistas portugueses e que durante décadas se opuseram ao regime opressor, é fácil encontrar dezenas de homens e mulheres com longos anos de prisão e vidas inteiras de sacrifício e sofrimento inteiramente consagradas à luta pela libertação do povo e da pátria. Mais difícil é encontrar alguém que, como Francisco Miguel, tanto e durante tanto tempo tenha sofrido e lutado.



Reúnem-se na presente edição as intervenções e documentos relativos aos trabalhos do XI Congresso (Extraordinário) do PCP, realizado em Amadora, em 2 de Fevereiro de 1986.

Convocado em 28 de Janeiro pelo Comité Central do PCP para definir a atitude do Partido na 2.ª volta das eleições presidenciais, o XI Congresso (Extraordinário) do PCP constituiu, em condições de uma grande complexidade política, uma nova demonstração da profunda identificação dos comunistas com os superiores interesses, da defesa da liberdade e do regime democrático.

OBRAS ESCOLHIDAS
DE MARX / ENGELS
OBRAS ESCOLHIDAS
DE LÉNINE

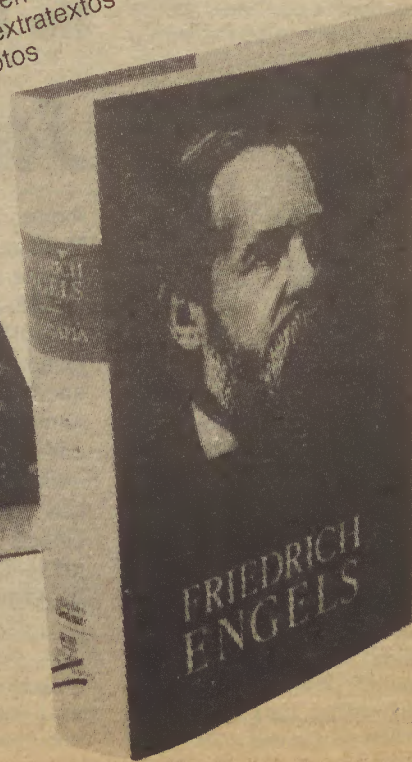
FINALMENTE A TRADUÇÃO
PORTUGUESA RIGOROSA
DOS PRINCIPAIS TEXTOS
DE MARX, ENGELS E LÉNINE

*Karl Marx
F. Engels
Lenine*

BIOGRAFIAS PREPARADAS
POR UM COLECTIVO DE AUTORES
DO INSTITUTO DE MARXISMO-LENINISMO

CADA VOLUME:

Mais de 600 páginas
Formato: 14,6x22,0
Volume encadernado
Vários extratextos
Com fotos



Internacional

Caminhos sem futuro

No primeiro de Setembro foi assinalada um pouco por todo o mundo a Jornada Internacional de Acção Sindical pela Paz. Uma jornada pela Paz entre muitas outras, sem dúvida. Mas que em si comporta um significado especial. Porque marca o papel e peso específico dos trabalhadores organizados na batalha da Paz. Pelo particular realce que neste âmbito assume a ligação indissolúvel entre desarmamento e desenvolvimento.

«Ao pronunciar-se a favor da Paz e contra a influência negativa dos desmedidos gastos militares no desenvolvimento económico, o proletariado insere a luta pela Paz na esfera da luta de classes». São palavras de Gus Hall, secretário-geral do Partido Comunista dos Estados Unidos, e que chamam a atenção para um facto que os promotores da «tese» da «igual responsabilidade» bem se esforçam por negar.

Um facto que se prende à referida ligação entre desarmamento e desenvolvimento. Plano em que os exemplos não acabam e só por si constituem uma frontal denúncia do crime monstruoso que é a corrida aos armamentos. Não só na perspectiva de um suicídio colectivo final, mas pelas inúmeras mortes que são o seu saldo actual.

«A redução de um terço das despesas de armamentos serviria só por si para a criação de 180 milhões de empregos» — é um dado referido pela CGTP-IP, citando estudos da Organização Mundial de Trabalho (OIT).

Uma outra componente deste problema: estimativas elaboradas pela FAO indicam que o problema alimentar do «terceiro mundo» poderia ser resolvido até ao ano 2000 com 30 mil mil-

lhões de dólares por ano, ou seja cerca de 3% das despesas militares do mundo em 1985.

Na abertura da VIII Cimeira dos Países Não-Alinhados, em Harare, o primeiro-ministro do Zimbabué, Robert Mugabe, sublinhando a questão do desarmamento como a mais importante do mundo, salientou que as medidas a tomar em relação ao desarmamento não poderão resultar, se não forem acompanhadas por medidas semelhantes nas relações económicas internacionais e refere os números impressionantes da actual realidade económica de vastas zonas da Terra ainda sujeitas à superexploração neocolonial. Um exemplo apenas, de fontes do Banco Mundial: só o pagamento dos encargos da dívida atinge 61% do seu total.

São factos que nos dizem do significado social actual da corrida aos armamentos. O desemprego, a fome, as mortes quotidianas por razões hoje evitáveis, o espantoso atraso das mais vastas zonas da Terra, são o fruto do militarismo, são o fruto da exploração do capital. A dimensão social da corrida militarista reflecte o seu carácter de classe.

As consequências das «portas para dentro»

Para os promotores da corrida às armas, o militarismo não parece saldar-se em consequências positivas. Não nos referimos naturalmente aos imensos lucros do complexo militar-industrial. Mas às consequências, no plano da economia nacional e mesmo do desenvolvimento técnico-científico, de profunda militarização da vida económica e política.

Em fins de Junho deste ano Washington reconhece que os Estados Unidos se haviam tornado na principal nação devedora do mundo. Mais ainda: no curto prazo de cinco anos a dívida pública dos Estados Unidos duplicou, atingindo os 2 biliões de dólares. Metade desta soma foi gasta com a realização dos novos programas militares do Pentágono. As taxas de crescimento da economia e as encomendas às empresas têm vindo a baixar. Só as encomendas de armas so-

bem: em Maio, as encomendas militares do Pentágono aumentaram de 36,6%. São — esclarecedores — dados oficiais.

De par das consequências económicas da militarização, outras igualmente negativas se perfilam num domínio em que o imperialismo aposta forte: o desenvolvimento tecnológico e científico.

Citamos o professor J. Gold, astrónomo da Universidade norte-americana de Cornell. Ao falar numa conferência de imprensa de representantes do Instituto de Aeronáutica dos EUA, destinada à divulgação de um relatório sobre problemas fundamentais do programa espacial civil americano, Gold declarou que os Estados Unidos não realizaram nos últimos quinze anos nem um só grande programa de pesquisas pacíficas no espaço.

O relatório do Instituto assinala a necessidade de corrigir a actual situação, impondo-se para isso reforçar a cooperação internacional no estudo do espaço com fins pacíficos.

Sucedem-se entretanto as falhas graves no programa espacial norte-americano. Há poucos dias explodiu, 50 segundos após o lançamento, um foguetão do tipo «Aries» (um lançador concebido para regressar à Terra após colocação em órbita da carga útil). Pela 15.ª vez foi adiada a colocação em órbita de um satélite meteorológico, por terem sido detectadas novas avarias no foguetão lançador.

Factos que se inserem numa série de desastres, iniciada em 28 de Janeiro com a tragédia do «Challenger», a que se seguiram as explosões do «Titan» em Abril, do «Delta» em Maio, e agora do «Aries».

Não subestimando as capacidades científicas e tecnológicas dos Estados Unidos, parece ressaltar simultaneamente que a gula de lucros e de domínio se casa mal com as necessidades da ciência. E mais ainda: que na era nuclear a cooperação surge como uma necessidade fundamental.

Cooperação em nome da sobrevivência.

Cooperação como forma única para que os caminhos do progresso sejam possíveis.

«Os interesses da salvaguarda da civilização humana na era cósmico-nuclear exigem com perseverança uma nova mentalidade política. Esta mentalidade deve basear-se na consciência de que o aumento dos arsenais nucleares poderá levar a uma segurança nula, quer dizer ao auto-extermínio total» — declarou o camarada Gorbatchov, na mensagem aos «Seis».

Esta a componente mais grave dos problemas centrais da nossa era. A que se prendem outros, ligados às dimensões assumidas pelo próprio desenvolvimento da ciência e da técnica. Em debate realizado em Viena sobre a segurança no desenvolvimento da energia nuclear, e em que foi debatido o relatório soviético sobre Tchernobyl, Hans Blix, director geral da Agência Internacional de Energia Atómica, disse: «Nunca como hoje foi tão claro que a segurança nuclear é uma questão intencional».

Tudo se interliga. Os caminhos trilhados por Washington são sem futuro.



«África do Sul é estrategicamente essencial para o mundo livre» — Ronald Reagan

África do Sul, os dólares e os mortos

Quase três centenas de mortos e cerca de 10 mil presos é o balanço — sempre provisório — da terrível repressão desencadeada (ou melhor dizendo, agravada) na África do Sul desde a declaração do estado de sítio, há pouco mais de dois meses. Um número que cresce literalmente todos os dias, somando sempre mais vítimas aos mais de dois mil mortos nestes dois anos de luta generalizada contra o «apartheid».

Mortos vítimas do «apartheid». Mas não só.

O desumano regime de Pretória não sobrevive solitário, como tão pouco esteve só o fascismo português, na guerra contra o próprio povo e na batalha sem futuro pelo último império colonial.

Por detrás do «apartheid» estão os milhares de milhões de dólares e de libras esterlinas. Segundo a «BBC», o preço das exportações anuais dos Estados Unidos para a África do Sul é superior a um milhão de milhões de libras esterlinas. Os outros fornecedores mais importantes de Pretória são: a RFA (900 milhões de libras esterlinas), o Japão (9736 milhões), a Grã-Bretanha (635 milhões). De par dos evidentes motivos políticos — para o imperialismo a perda da África do Sul será a perda de possibilidades de levantar obstáculos de monta à construção de novas e florescentes sociedades progressistas no continente — a recusa de sanções globais pesa-se em dólares e libras.

Acrescentando em sofrimento e vidas o preço imposto pelo imperialismo ao povo da África do Sul no difícil caminho da conquista da sua inevitável vitória.

Congresso do SPD

Reuniu em Nuremberga o Congresso do Partido Social Democrata da RFA (SPD).

O Congresso, que contou com a presença de 440 delegados e diversas delegações estrangeiras, incluindo de partidos comunistas da comunidade socialista, reelegeu para a presidência Willy Brandt. Temas centrais: a questão da energia nuclear, o grave problema do desemprego e a luta pelo desarmamento.

Várias resoluções foram aprovadas no sentido de uma política de desanuviamento e desarmamento. O Congresso apoiou formalmente exigências como a retirada de todos os mísseis de médio alcance da Europa, a criação de um corredor desnuclearizado na Europa Central e a progressiva libertação do continente de todas as armas nucleares.

O Congresso considerou uma decisão modelo a proposta acordada entre o Partido Socialista Unificado da Alemanha (PSUA), partido dirigente da RDA, e o SPD, sobre uma zona livre de armas químicas na Europa.

Avançou-se igualmente com tomadas de posição significativas, rejeitando-se o programa norte-americano de militarização do Cosmos e reafirmando-se a exigência de uma proibição global dos testes nucleares.

Presente aos trabalhos do Congresso, como único dirigente latino-americano, o comandante Bayardo Arce, da Nicarágua. O congresso do SPD afirmou a solidariedade «clara e inequívoca» com a Nicarágua.

Pequenas notícias que falam por si

Há pequenas notícias que valem por si, pelo que traduzem da realidade socioeconómica de que são parcela. A que ora referimos podem bem ser considerada uma delas.

Entre os grandes projectos económicos da União Soviética, contava-se a transferência de parte do caudal dos rios do Norte e da Sibéria, para a irrigação dos campos do Sul do país. Em reunião do Bureau político do CC do PCUS, este projecto foi agora suspenso.

As razões: a insistência da opinião pública para que sejam melhor estudadas as eventuais consequências económicas e ecológicas do projecto.

Como alternativa imediata a esta decisão, o CC do PCUS e o Conselho de Ministros da URSS decidiram concentrar os investimentos na utilização mais económica e eficaz dos recursos hídricos e no aproveitamento integral de todos os factores de intensificação da produção agrícola.

Diversificadas conclusões se poderiam tirar desta pequena notícia. Cingimo-nos apenas a dois comentários.

Hoje, mais do que nunca, quando o impetuoso desenvolvimento da ciência e da técnica colocou nas nossas mãos possibilidades infinitas de conhecer e transformar, não só a questão central dos objectivos e orientações da ciência se tornou vital, como a responsabilidade de cada ser humano pelos destinos do próprio planeta entrou na ordem do dia.

A prática da democracia socialista — e o respeito por uma expressão da opinião pública é também expressão de democracia — está intimamente ligada à inexistência do lucro como

motor, alimentando-se de si próprio, alheio a considerações de ordem social.

Num outro quadro, bem difícil seria a suspensão de um projecto entregue de encomenda a uma multinacional, cingida às perspectivas de financiamentos e lucros chorudos.

Do outro lado do mundo

São outras as concepções e a mentalidade oficial do outro lado da fronteira entre sistemas sociopolíticos.

O secretário norte-americano de Defesa, reconheceu, em princípio, a teoria científica do «Inverno nuclear», que ao revelar as terríveis condições climáticas que adviriam para a Terra de uma troca de golpes nucleares, invalida só por si qualquer estratégia baseada na ameaça nuclear.

Mas tal reconhecimento não se traduziu, como sabemos, na mínima alteração da política belicista de Washington.

A opção foi bem diversa. Trata-se de fazer uma série de experiências nestes três anos. Para bem da ciência.

Neste mês de Setembro está previsto lançar fogo a um reservatório de petróleo de mais de seis metros de diâmetro. Dois mil metros quadrados de floresta serão assim incendiados no Estado da Califórnia.

Talvez um exemplo pequenino, quando comparado às experiências com novas armas, feitas sobre o Líbano.

A realidade objectiva da nossa era anda bem longe da compreensão política do Pentágono e da Casa Branca.

Uma luta pela independência nacional

Se as causas próximas do confronto aberto que se regista entre o governo boliviano e as classes trabalhadoras são as gravosas medidas económicas recentemente tomadas pelo executivo e a presença militar dos Estados Unidos no país, a pretexto de uma operação antidroga, o facto é que o confronto era não só previsível como inevitável dada a gravíssima situação eco-

nômica e social que se vive na Bolívia. Situação a que um governo de direita só pode tentar responder com medidas antipopulares e antidemocráticas, passíveis de aplicar apenas através da força.

Para ter uma noção da profundidade da crise basta dizer que em 1982 o dólar valia na Bolívia 44 pesos e que em Março de 1985 rondava os 45 000

A resposta do governo de Paz Estensoro a semelhante descabro é a que seria de esperar de um poder enfeudado aos interesses do capitalismo e do imperialismo: desnacionalizações e encerramento de empresas, em particular no sector mineiro, agora que as jazidas de estanho parecem estar a chegar ao fim, sem que estejam previstas quaisquer explorações alternativas apesar da riqueza mineral do país; aumento da carga fiscal, sem ter em conta a pauperização geral da população; o recurso sistemático à repressão policial para calar os protestos populares.

E, naturalmente, o reforço das ligações com Washington, da submissão a Washington, que tem nesta dita acção conjunta de combate à droga um exemplo elucidativo. Quando os militares

Não é de estranhar que a condenação dos bolivianos tenha sido geral e que as suspeitas quanto aos verdadeiros objectivos da presença militar norte-americana se avolumem. A convicção de que se está perante um «ensaio geral antes da invasão da Nicarágua» levou de resto à formação de um conselho de defesa da soberania nacional que visa pôr fim à presença de tropas estrangeiras no país.

Segundo um representante do conselho, de que fazem parte organizações sindicais, cívicas, estudantis, personalidades e partidos políticos, **recela-se que a intervenção militar americana**

Se se tiver em consideração os magros resultados alcançados no combate à droga, mais de um mês depois da chegada dos «especialistas» norte-americanos, bem como o manifesto desinteresse das autoridades bolivianas na criação de alternativas para os trabalhadores mineiros lançados no desemprego, embora isso possa redundar num incremento da mais rentável actividade do país — justamente a produção de cocaína — fácil se torna concluir da obscuridade da situação.

Entretanto, multiplicam-se as manifestações de protesto em todo o país (a que o governo procura pôr cobro levando a cabo prisões em massa) numa clara afirmação dos sentimentos democráticos do povo boliviano e da força da sua classe operária que sabe poder contar com a solidariedade nacional.

«Não vendo satisfeita a sua justa reivindicação de aumentos de salário, os trabalhadores dos *Serviços de Transportes Colectivos do Porto* recorreram a sucessivas concentrações de protesto em frente do edifício da Administração.

«A primeira concentração, no dia 21 de Agosto, mobilizou cerca de 600 trabalhadores, numa bela demonstração de unidade combativa. Acorrendo ao apelo dos parasitas da Administração, as forças da PSP e da PIDE-DGS investem brutalmente contra os trabalhadores e fazem 4 prisões. Mas os valentes trabalhadores não se deixam intimidar e respondem com energia aos golpes policiais. (...)»

«Estas ações foram precedidas de um abaixo-assinado com cerca de 700 assinaturas reclamando aumento de salário, entregue cerca de um mês antes no Sindicato.

«Depois de responderem com a violência à reivindicação dos trabalhadores, os exploradores da Administração recorreram a novas manobras intimidativas fazendo publicar na imprensa diária uma caluniosa «nota» (...). Com o espantilho da «subversão», procuram iludir as justas reivindicações dos trabalhadores e os protestos da população do Porto que num abaixo-assinado com 2930 assinaturas reclama a abolição do aumento das tarifas.»

(«Concentrações sucessivas dos trabalhadores dos STCP Avante, como um só homem, até à vitória» — «Avante!», VI Série, no.º 420, Setembro de 1970)

VI SEME. N.º 31 1.ª FOLHETA DE JULHO DE 1961 PRATO Sp.
Publicação de Indica. do Prato. 200-1001

Avante!

«As empresas distribuidoras de discos foram notificadas pelas autoridades de que passava a ser obrigatória a apresentação para exame prévio dos discos de todos os compositores e cantores progressistas. Assim, os discos de baladas ou da chamada nova música portuguesa (aquela que se opõe ao cançonetismo barato e procura fazer algo de válido na divulgação da boa música portuguesa) passaram a ser censurados previamente.

«Devido a mais este atentado contra a cultura nacional, os discos galardoados este ano com o prémio de imprensa, de Sérgio Godinho, José Afonso e José Mário Branco, não foram autorizados a sair. Também um disco de José Letria foi proibido.

(«Novo atentado contra a cultura» — «Avante!», VI Série, n.º 445, Setembro de 1972)

Avante!
Proletários de todos os países: UNI-VOS!

«Responsável pela indigência das corporações de bombeiros, cuja coragem e heroísmo não podem suprir os meios técnicos de que carecem para agir com rapidez e eficácia, o governo agravou ainda mais a situação não mobilizando os recursos técnicos e humanos que tinha.

«Faltam carros-tanques para combater os fogos, mas não faltam para a repressão policial e para a guerra.

(...)
Para as regiões martirizadas pelo fogo, o governo limitou-se a enviar uma dúzia de soldados e não quis pôr em risco a pele de um único elemento das suas preciosas forças repressivas. Contou com a coragem e o sacrifício do povo enquanto as chamas iam devorando milhares de hectares de florestas, casas e mesmo vidas.
(...)

«Assim ficou tragicamente comprovada a razão que assiste às populações de Talhadas e Préstimo que na sua luta contra os roubos dos Serviços Florestais, há muito vêm alertando o governo contra os perigos de incêndio a que ficaram sujeitas as populações, pois apropriando-se dos baldios do povo, os Serviços Florestais levaram as matas à beira das povoações e propriedades particulares, não abriram caminhos nem valas de defesa, nem sequer deixaram os camponeses rocar mato.»

(«Os incêndios — O Estado
deve indemnizar os sinistrados»
— «Avante!», VI Série, n.º 445,
Setembro de 1972)

Líbia de novo na mira dos EUA

O antigo dirigente da CIA e actual embaixador dos EUA nas Nações Unidas, Vernon Walters, anda desde o início da semana em digressão por sete capitais da Europa e Canadá com o objectivo de pressionar os aliados da NATO a apoiar uma nova provocação anti-Líbia.

A versão «oficial» para a viagem, que repete a que Vernon Walters realizou em Abril último, dias antes da criminoso agressão armada dos EUA a Trípoli e Benghazi, é o debate de «questões relacionadas com a cooperação internacional face ao terrorismo mundial». Um lema que soa a disco riscado e cujo significado os europeus conhecem bem: os representantes de Washington decidem, determinam e fazem o que muito bem entendem, com acordo ou sem acordo dos parceiros.

É isso mesmo que explica a nova campanha de histerismo anti-Líbia que se vive em Washington e que motivou já diversas reacções de preocupação, entre outros, dos partidos oposicionistas britânicos e à advertência do ministro dos Negócios Estrangeiros italiano, Giulio Andreotti, aos EUA para não efectuarem novas acções contra a Líbia.

A fazer fé não influente «Wall Street Journal», o governo norte-americano crê que a Líbia se está a preparar para novas «acções terroristas», pelo que os EUA programaram uma série de bombardeamentos contra os objectivos económicos e militares líbios. Como se afirma num comentário do jornal «Die Wahrheit», de Berlim Ocidental, só falta que em Washington se afirme que Kaddafi é responsável pelos incêndios florestais da Côte d'Azur ou que ensaia a guerra química nos Camarões. Tudo isto é pura invenção mas, desde sempre, o imperialismo fez anteceder as suas agressões de gigantescas campanhas difamatórias.

Ainda segundo o «Wall Street Journal», tudo leva a crer que está na forja uma agressão ainda mais séria do que a levada a cabo em Abril, falando-se de um eventual apoio da França para uma acção comum a partir do Chade, onde se regista uma «actividade suspeita» desde a recente visita do general Lawson, vice-chefe do estado-maior das forças armadas dos EUA na Europa. Os navios da 6.ª esquadra da Marinha de guerra dos EUA que patrulham o Mediterrâneo e as notícias da deslocação de caças-bombardeiros norte-americanos para a Grã-Bretanha, mais não fazem do que reforçar a ideia de que a administração Reagan se prepara para mais um bárbaro acto de terrorismo de Estado.

Manifestando a sua preocupação pelos perigos para a paz na região e no mundo a que tais acções podem dar origem, a CGTP-IN divulgou um comunicado em que denuncia a política provocatória e agressiva das autoridades norte-americanas e exigindo, em nome dos reais interesses dos trabalhadores e do povo português, que o governo de Cavaco Silva não permita nem facilite a utilização do território nacional para quaisquer eventuais ataques militares à Líbia.

Cimeira de Harare — *passar das palavras aos actos*

A VIII Cimeira do Movimento dos Países Não-Alinhados que se iniciou na passada segunda-feira em Harare, capital do Zimbabué, sob a presidência do respectivo primeiro-ministro, Robert Mugabe, que sucede a Rajid Gandhi na liderança da organização, tem como um dos seus principais objectivos contribuir de forma efectiva para a liquidação do *apartheid*. Como afirmaria no discurso de abertura Robert Mugabe, todos nós conhecemos já o que é o *apartheid*. Agora é preciso passar das palavras aos actos.

O que não é fácil, quer pelos obstáculos levantados pelas principais potências ocidentais na aplicação de sanções econômicas globais contra a África do Sul, quer pelas consequências que tais sanções implicam nas débeis economias dos países em vias de desenvolvimento dispostos a combater o *apartheid*.

Mas esta não é a única questão complexa que os representantes dos cerca de cem países presentes em Harare têm para resolver. O problema do desarmamento, e em particular o nuclear, está no centro das atenções, bem como a necessidade de resolver politicamente os conflitos regionais que constituem focos de tensão no mundo, tal como o que se refere ao problema da dívida externa que de forma cada vez mais premente aponta para a necessidade de uma nova ordem económica internacional.

Fácil se torna perceber como

todas estas grandes questões se inter-relacionam aos mais diversos níveis, levantando dificuldades sérias ao desenvolvimento dos países e dos povos e pondo em causa a paz mundial.

No que se refere à África Austral, por exemplo, não é demais salientar como as constantes tensões e agressões provocadas pela África do Sul com o apoio do imperialismo norte-americano impedem, de facto, a recuperação económica e a estabilidade política, obrigando a um crescente desvio de verbas para o sector da defesa enquanto as populações continuam a não dispor sequer do essencial para uma vida digna. Paralelamente, os mecanismos que regulam as relações internacionais actuam sistematicamente em desfavor dos países em vias de desenvolvimento, agravando as suas já por si periclitantes economias.

Como foi salientado logo na

sessão de abertura da Cimeira, a queda dos preços das matérias-primas (principal fonte de riqueza dos países do terceiro mundo), nos últimos cinco anos, registou-se a uma média de 7,4 por cento, o que permitiu aos países desenvolvidos ganharem cerca de 100 mil milhões de dólares, enquanto os produtores se atolavam em dívidas. Dívidas que, de acordo com dados do Banco Mundial, exigiram só para o pagamento de encargos 61 por cento do seu total, que ascendeu a 812 mil milhões de dólares!

O absurdo desta situação, em que os países subdesenvolvidos financiam os países desenvolvidos, só tem paralelo na corrida aos armamentos, cujo combate é para os Não-Alinhados a mais importante questão que se coloca ao mundo.

Porque não faz sentido persistir na corrida a armamentos que podem a todo o momento provocar um holocausto; porque é um absurdo gastar verbas astronômicas em armas enquanto uma parte da humanidade continua a morrer de fome; e acima de tudo que a humanidade tenha consciência disso e não empregue todos os seus esforços para inverter a situação.

O que exige, como foi sublinhado em Harare, o diálogo que permita com urgência passar das palavras aos actos.

Em Foco

Avante!

Ano 56 — Série VII
N.º 662

4 de Setembro de 1986

3.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente



Em tempos de crise mais aguda, a reforçada aposta na divisão sempre foi lema e prática do capital. Dividir os trabalhadores e os povos é técnica velha. Contrapor os trabalhadores do país colonizador aos povos colonizados, levar ao confronto diferentes etnias e religiões, utilizar diferendos tribais, apostar em «aristocracias» operárias — são, entre outras, práticas bem conhecidas.

Hoje esta velha política assume também outras formas, mais conformes à realidade contemporânea, profundamente marcada pela dinâmica da revolução técnico-científica. Não são poucos os esforços desenvolvidos para opor os que ainda têm um posto de trabalho aos que estão no desemprego; os trabalhadores altamente qualificados a uma massa subqualificada sem horários nem prazos, nem postos de trabalho fixo (englobando vastos sectores da juventude). Cingimo-nos aqui a um exemplo específico, particularmente desumano e desumanizante — a perseguição aos emigrantes, com forte componente racista e fascizante.

Em reunião internacional sobre o racismo e o fascismo recentemente realizada em Milão, o deputado britânico trabalhista Glyn Ford, citando um relatório elaborado sobre este problema, realça a denúncia «de que o racismo será um dos problemas com que a Europa se debaterá na próxima década, que o fenómeno é comum a todos os países (na RFA com a minoria turca, na Grã-Bretanha com os asiáticos, na Dinamarca com os iranianos)».

A Segunda Conferência Mundial da Luta Contra o Racismo e a Discriminação Racial, convocada pela ONU em 1983, considerou que «o racismo, a discriminação racial e o *apartheid* não foram minados e não revelam quaisquer sinais de enfraquecimento». Nada indica que a situação tenha melhorado. Pelo contrário. Tal a dimensão deste grave problema. ■

APARTHEID

na Europa capitalista

■ **Lúcia Calapez**

Emigração

As raízes

e a realidade actual

«Nós estamos aqui porque vocês estiveram lá», é uma afirmação inscrita numa faixa de uma manifestação de emigrantes contra a discriminação, na Grã-Bretanha. É essa de facto uma origem primeira do fenómeno da emigração: o domínio colonial.

Outras componentes se lhe vêm juntar.

Em Novembro de 1973, um relatório do Conselho da Europa assinalava: «Certos industriais renunciaram às inovações técnicas mais recentes, baseando-se, na perspectiva da racionalização dos métodos de produção, em técnicas profissionais que necessitam apenas da utilização de uma mão-de-obra mais numerosa. Como os salários dos trabalhadores emigrantes eram suficientemente baixos, esta operação era muito interessante.» É muito claro e muito actual. Ainda que nem sempre se traduza hoje na exploração da mão-de-obra barata emigrante, mas frequentemente na exportação de ramos industriais ou sectores de uma indústria para países e zonas onde os encargos com salários são mínimos e com questões como a segurança no trabalho menores ainda.

Um outro elemento — em 1963, o então presidente francês Georges Pompidou, referindo-se à população «importada», dizia: «a emigração é um meio de criar uma situação de menor pressão no mercado do trabalho e de resistir à pressão social» — o factor político está bem presente.

O grande surto de emigração na Europa capitalista (e nomeadamente da «periferia» do velho continente, como é o caso de Portugal) foi desencadeado no pós-guerra. O objectivo era alimentar com uma mão-de-obra barata, destituída de direitos, a rápida reconstrução e desenvolvimento do capitalismo do pós-guerra. O exemplo da Grã-Bretanha é particularmente esclarecedor.

Em 1948, os habitantes das possessões e territórios dependentes foram proclamados «cidadãos do Reino Unido e das colónias». Foi desenvolvida uma campanha de recrutamento massivo. Prometiam-se elevados salários e excelentes condições de habitação. No início da década de 80 existiam na Grã-Bretanha mais de 2 milhões de emigrantes, originários das antigas colónias britânicas: Caraíbas, Índia, Paquistão, Bangladesh, África.

Na RFA os «gastarbeiter's» (forma depreciativa de denominar trabalhadores emigrantes) ultrapassam em número, com as suas famílias, os 4 milhões — trabalhadores provenientes da Turquia, Grécia, Portugal e outros países. Uma boa parte dos obreiros do «milagre económico».

Em França, os trabalhadores estrangeiros são 4 milhões. Construíram uma casa em cada duas, montaram um automóvel em cada três, fizeram 80 quilómetros de estrada em cada 100.

Tal como nos outros países capitalistas sempre foram gente «de segunda» nas condições de trabalho e de vida, nos direitos sociais e políticos.

Tal como nos outros países capitalistas são as primeiras vítimas da crise, e da aplicação capitalista da revolução técnico-científica.

Em França, um trabalhador estrangeiro ganha por um trabalho equivalente ao feito por um trabalhador nacional, 16,5 por cento menos. Constituindo embora 7 por cento da população francesa, os emigrantes sofrem 22 por cento do total de acidentes de trabalho na indústria.

Na Grã-Bretanha, mesmo segundo as estatísticas oficiais, os trabalhadores estrangeiros são sempre os primeiros a ser despedidos. A média nacional é elucidativa: 19% entre os brancos; 29% entre os trabalhadores de origem asiática; 31% dos originá-



O Partido Comunista Português está atento aos problemas dos emigrantes e na esfera da sua acção e da sua luta reforça o estudo das questões e aponta propostas para a solução dos problemas (nas fotos, o Encontro realizado o ano passado, no mês de Agosto, em Almada)

rios das Índias Ocidentais. Na cidade de Birmingham — uma das zonas de grande concentração de emigração — desde o início do governo de Thatcher, a taxa de desemprego saltou de 6 para 30 por cento. Uma ponta do terrível «iceberg» de uma realidade que se traduz em violentas explosões de cólera popular a que responde uma criminoso repressão.

Mesmo num trabalho de pesquisa

financiado pela CEE se conclui que «apesar de terem contribuído para elevar o padrão de vida de muitos países europeus, os trabalhadores emigrantes não têm direitos políticos,

os seus direitos legais são limitados, vivem em ghettos miseráveis, os seus filhos são tão marginalizados quanto eles e mal conseguem completar o curso elementar».



É forçando o retorno destes trabalhadores que os governos da Europa capitalista arranjam colocação para os dactilógrafos, empregados de escritório, especialistas de electrónica ou licenciados em cursos superiores que estão no desemprego? Na foto, trabalhadores emigrantes nas ruas de Paris



Por essa Europa fora, um rol de leis contra os emigrantes tem como objectivo essencial reforçar os obstáculos e as discriminações

ULTIMA PAGINA

A MINHA INSPIRAÇÃO



NA ALEMANHA FEDERAL EMIGRANTES VÍTIMAS DE DISCRIMINAÇÃO EM MATÉRIA FISCAL

Na cidade alemã de Rüsselsheim, nos arredores de Frankfurt, foi criada uma comissão que tem por fim estudar o novo regulamento de chamada «lei de emigrantes portugueses».

Esta lei, que entrou em vigor em Janeiro deste ano, determina que os emigrantes sejam obrigados a fazer um curso de língua alemã, sendo, portanto, de pagar impostos.

Os emigrantes manifestam o seu descontentamento com a situação e pedem a intervenção da Comissão Europeia para a resolução da situação.

Alguns ainda se queixam de serem obrigados a fazer um curso de língua alemã, sendo, portanto, de pagar impostos.

Por outro lado, os resultados de um inquérito efectuado na Alemanha Federal indicam que cada vez menos emigrantes (19 por cento) pretendem regressar ao país de origem. Em 1984 esta percentagem era ainda de 28 por cento.

Revelem também...

Da Imprensa portuguesa, na primeira semana de Agosto deste ano de 1986



As leis e o crime

Com o agravamento da crise do capitalismo e a situação gerada pelo próprio desenvolvimento da revolução técnico-científica nas condições impressas pela lógica do capital — chega a hora da expulsão dos emigrantes.

Múltiplas leis e normas foram elaboradas nesse sentido.

A **Grã-Bretanha**, que no pós-guerra distribuíra apelos e aliciantes à população das ex-colónias, foi avançando com uma legislação crescentemente restritiva. A lei sobre a cidadania que entrou em vigor em 1983, divide oficialmente os cidadãos do país e territórios dependentes em três categorias, com um conteúdo claramente racista. A última categoria — os «cidadãos ultramarinos da Grã-Bretanha», pertencem os trabalhadores provenientes da África Oriental e da Ásia Meridional. Não têm a possibilidade de se instalar livremente na Grã-Bretanha, e nem sequer podem transferir os seus poucos direitos aos seus filhos, que se transformam em apátridas.

Na **RFA**, as mulheres ou maridos de emigrantes que venham de países que não sejam membros da CEE só têm direito a um emprego (se o conseguirem...), depois de passarem 4 anos no país.

Na **Bélgica**, nos termos da «lei de

Goll», aprovada em 1984, foi fortemente limitado o círculo de familiares dos emigrantes que se podem vir juntar a eles.

Também em 84 foi adoptada em **França** uma legislação fortemente limitativa. De acordo com os dados da Associação argelina, dum total de 805 mil nacionais deste país que vivem em **França**, metade são pessoas sós que não têm praticamente nenhuma possibilidade de conseguir que as suas famílias se lhes reúnam.

A face do fascismo

A ofensiva contra os emigrantes não se limita a medidas legislativas, ou a ofertas de dinheiro em troca do regresso aos seus países de origem. Toda uma refinada campanha ideológico-política é desencadeada. Os emigrantes são responsabilizados pelos múltiplos sintomas de crise. O dirigente da Frente Nacional francesa, fascista Le Pen, lança a afirmação provocatória: «Serão criados dois milhões de

empregos se mandarmos embora dois milhões de trabalhadores.» Os bairros degradados, os problemas do sistema de saúde (a que são destinadas verbas cada vez mais reduzidas), do ensino, a criminalidade — em síntese, **todos** os problemas sociais e taras do capitalismo — são atribuídos aos emigrantes.

Ficou célebre o discurso de Thatcher, em 1978, em que expressamente exigiu que se pusesse fim à emigração: «Num momento em que uma minoria ameaça expandir-se, começamos a sentir medo. O carácter britânico fez tanto pela democracia e a legalidade que quando surge o perigo de que tudo isto desapareça, começa a preparar-se para a acção e torna-se hostil em relação aos que para aqui vêm.»

A componente racista e fascizante da campanha político-ideológica surge bem destacada.

Os «teóricos» da direita condimentam a sua retórica com ameaças. «Em quinze anos, mais de metade da população de Bouches-du-Rhône será muçulmana. Estamos a deixar organizar-se, sob os nossos próprios olhos, pequenas Palestinas a domicílio», diz em França Poniatowski. E na **RFA** um professor universitário redige um «ma-

«Ainda não sei como consegue um estrangeiro suportar as humilhações, a hostilidade e o ódio, mas já sei o que ele tem de suportar e até onde chega neste país o desprezo pelo ser humano. O «apartheid» existe também entre nós, no próprio seio da nossa democracia.»

Gunter Wallraff, jornalista oeste-alemão

mentados pelas organizações racistas e fascistas. Ao longo do ano de 1983 registaram-se mais de 130 ataques de jovens fascistas a elementos da comunidade asiática em Londres.

Em **França**, as estatísticas referenciam a morte de pelo menos um argelino por mês às mãos dos racistas. ■



O ghetto de Handsworth

Foi em Setembro de 1985. No «ghetto» de Handsworth, no centro de Birmingham, velho centro industrial britânico, um motim abarca todo o bairro. Balanço: dois mortos e dezenas de feridos, casas e ruas devastadas. Na origem do grave incidente um facto do quotidiano: um jovem de origem jamaica reage à rotineira e insultuosa agressividade da polícia.

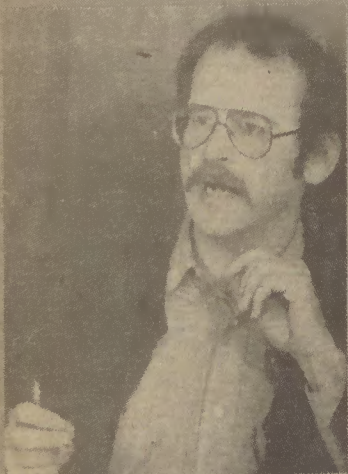
Poucos dias depois, nesse mesmo mês de Setembro, em Briston, velho bairro londrino em que a maioria da população é constituída por originários das Antilhas e Caraíbas, a polícia fere gravemente uma mulher negra, mãe de 6 filhos, numa simples operação de busca. É um fruto da violência racista, sem peias, alimentada pela própria política oficial. No verdadeiro levantamento da população do bairro que se seguiu a este acto criminoso, são feridas 36 pessoas.

São exemplos de uma realidade que intimamente se interliga com as condições de vida inumanas impostas a estes sectores da população emigrante, o vertiginoso agravamento dessas condições no quadro da multiforme crise do capitalismo.

Números e factos

- ★ Desemprego atinge 29,4 por cento.
- ★ Jovens que este ano terminaram o curso secundário e conseguiram o primeiro emprego: 18,1 por cento, entre brancos; 15,8 por cento, entre os originários da Ásia; 4,9 por cento entre os emigrantes das Índias Ocidentais.
- ★ Desde 1979, o condado West Midlands, que compreende Birmingham, perdeu quase 250 mil postos de trabalho nas empresas industriais.
- ★ O nível de desemprego no interior do município de Birmingham excede o registado no interior dos demais municípios da Grã-Bretanha.
- ★ Segundo os dados da produção «per capita» de bens de consumo, West Midlands é a zona mais pobre da Grã-Bretanha.
- ★ Em 1984-85, quase metade dos pedidos de assistência material feltos na zona central de Birmingham foi recebida das organizações de emigrantes, às quais, porém, só foram concedidos 13 por cento dos fundos disponíveis.
- ★ Mais de 70 por cento das habitações de Handsworth encontram-se «no mais deplorável estado», não tendo cerca de 7,9 por cento delas as comodidades mais elementares.

O testemunho de Wallraff



O jornalista oeste-alemão Gunter Wallraff: uma voz incómoda para os que discriminam os trabalhadores emigrantes

«Sei agora (...) até onde pode ir o desprezo pelo género humano na Alemanha.» São palavras do jornalista oeste-alemão Gunter Wallraff, que ao longo de dois anos se transformou no turco Ali Lavent, para viver na carne o que é o drama dos emigrantes turcos na RFA.

«Estrangeiro robusto procura qualquer trabalho, mesmo pesado e mal pago.» Com este pequeno anúncio se iniciou a terrível experiência, em Duisburg, no vale do Ruhr, um grande centro industrial do país.

Entre as múltiplas realidades descritas no livro que resultou destes dois anos, estão as violentas condições de trabalho a que são submetidos os trabalhadores estrangeiros nas grandes multinacionais.

Um entre muitos exemplos — o trabalho de reduzir pedaços de coque a pó, meter o pó em sacos e transportá-los. «A concentração de pó, ao cabo de um simples segundo, atinge um grau tal que uma mão em frente dos olhos não se vê. Às vezes já não inspiramos pó, mastigamo-lo e engolimo-lo. Cada inspiração é um tormento. Sufoca-se.»

Ou ainda a impensável utilização de cobaias humanas nos laboratórios da indústria farmacêutica.

Wallraff escreve: «Muita gente há que não poupa energia nem palavras em acções de protesto contra as cruéis experiências que se fazem com animais. Pouco pro-

vável é, todavia, que haja alguém que se preocupe com o facto de se fazerem experiências com pessoas cuja saúde fica gravemente ameaçada.»

Culminando de certo modo uma experiência que acaba por ser uma denúncia dos crimes do capital, em plena democracia burguesa, é a forma como o patrão do «turco Ali» responde a uma solicitação (forjada) no sentido de recrutar uma equipa para resolver um grave problema numa central nuclear. O trabalho seria extremamente perigoso, pois a radiação a que os operários seriam submetidos provocaria inevitavelmente graves doenças, nomeadamente o cancro.

Mas o patrão de Ali não tropeça em tais problemas morais. Antes lhe pede que recrute voluntários, de preferência entre emigrantes turcos em situação irregular, que facilmente poderiam ser expulsos.

«Fiz trabalhos que, em nome dos lucros de outros, reduzem uma pessoa a cinzas.»

Uma síntese simples do que o capital gostaria de impor como norma aos trabalhadores. ■

1773

Pois foi: a União Soviética colocou há dias em órbita mais um satélite. Nada menos que o «Cosmos 1773», com aparelhagem científica variada. A notícia será rotina. O que não é rotina é saber-se que, em Washington, um professor norte-americano, nesse mesmo dia declarava não terem os Estados Unidos, nos últimos 15 anos (!) realizado um único programa de pesquisas pacíficas no espaço. Disse o professor Gold em conferência de imprensa que «actualmente os meios canalizados para cumprimento de programas espaciais militares ultrapassam sensivelmente as verbas para as pesquisas pacíficas». Como se vê, nada faz parar o «progresso» nos Estados Unidos...

O repórter Custer

De serviço ao PCP, o repórter escreve sobre a Festa do «Avante!» no seu «o jornal». Informa-se e diz, como é de justiça, sobre aquilo que lhe revelaram e sobre o que de resto conhece dos anos anteriores — a Festa é um acontecimento de tal modo importante no panorama político e cultural português que mal pareceria ignorá-lo. No entanto, o hábito, não deixa em paz o nosso repórter. E lá lhe vai puxando a pena para o comentário do seu costume — o de ler atravessadamente o PCP. Desta vez, à mingua de imaginação, socorre-se de um francês que escreveu sobre a Festa do «Humanité», comparando-a a uma **ghost dance**, dança dos espíritos que os índios celebravam quando «foram esmagados com as últimas derrotas dos anos de 1880». O repórter, fazendo sua a parábola, ainda que concedendo ver nela certo exagero, fala, pois, dos «índios refugiando-se

num ritual colectivo», «numa data fixa em determinado local em que eram tolerados», cantando e dançando «as suas esperanças arruinadas». Pobre repórter que, à força, nos quer comparar assim. É que nem o repórter é Custer, por muito que lhe custe, nem os comunistas estão na reserva...

Descaramento. No mínimo...

A partir dos gabinetes do Ministério, e com a pronta cobertura de certa Informação, a campanha do «1 de Outubro» continua. Um coro de secretários e directores, na peugada do responsável primeiro do Ministério, garante solenemente ao País que, finalmente, as aulas vão começar para toda a população escolar no dia 1 de Outubro. E até acrescentam que «pela primeira vez desde há muitos anos», a abertura do ano lectivo vai deixar de ser um **pesadelo** para se transformar numa **festa**, como disse há dias um secretário de Estado de João de Deus Pinheiro. Quem, certamente, não vai viver a festa são os alunos e as famílias que, por exemplo, na área da Grande Lisboa vão enfrentar os problemas de colocação dos estudantes e da degradação das instalações e também os milhares de professores (isso mesmo: **milhares**) que ainda não sabem quando e para onde irão trabalhar no próximo ano lectivo. Como é possível abrir as aulas para toda a gente a 1 de Outubro se ainda nem sequer saíram os resultados da 1.ª fase de colocações dos professores provisórios de todo o País!? Descaramento ou desconhecimento das coisas? O diabo que venha... e escolha.

RTP: os números da colonização

A alienação, pela TV, da nossa identidade cultural, está na

Pontos Cardeais

ordem do dia. Porque está em curso. Porque a eventual privatização aceleraria o processo. Porque já está no centro das preocupações de muitos sectores. O que é evidente para o telespectador atento traduz-se em números. Os de 85 e 86 ainda não estão publicados e por isso não os trazemos aqui. Na informação diária, a RTP vive à base da Eurovisão, e esta dos serviços americanos e de outros operadores do mundo capitalista. Apesar da Eurovisão ser um serviço de «troca», é de facto a RTP quem compra as notícias dos outros (em 1984 média de 45 minutos diários da oferta). O inverso só excepcionalmente se verifica (eleições, catástrofes, etc.). O alinhamento com os interesses da administração americana está presente na técnica de construção da notícia original, na escola dos apresentadores, no alinhamento das notícias. Na informação não-diária, em 1984, no 1.º canal, para 131 horas de informação nacional, existiram 42 da Eurovisão e 3 adquiridas directamente aos «States». Nos programas, em 1984, às 658 horas de produção nacional nas áreas de maior influência na

formação dos gostos e da ideologia, corresponderam mais de 1400 horas de produção estrangeira, das quais 635 dos EUA e 276 da Inglaterra. A realidade é bem pior se tivermos em conta que parte da produção «nacional» vive de videoclips e outro material estrangeiro. Nos «documentários, filmes e séries», de maiores audiência, de 82 para 84, por exemplo, a produção nacional passou de 17 para 16 horas, a estrangeira de 810 para 1011, a dos EUA de 407 para 562, a da Inglaterra de 128 para 208, a da França de 49 para 61, a da RFA de 9 para 42, a da Itália de 2 para 31, a do Brasil manteve-se nos 170, enquanto a dos países socialistas baixou de... 12 para 5! Nas zonas de maiores audiências (noites de semana, tardes e noites de sábados e domingos), uma amostragem das 6 primeiras semanas deste ano dava a repartição que o quadro mostra. A gravidade da situação não dispensa comentários e impõe medidas. Fontes: Anuários e Relatórios de Actividade da RTP/EP.

(artigo publicado no «Media», boletim do Sector de Informação da ORL do PCP, 25.08.86)

Tipo de programas	Prod. nacional	Estrangeira	EUA
Culturais	175	1100	290
Série e filmes	220	5595	3100
Recreativos	390	285	255
Musicais	415	325	195
Programação total	3710	7345	3840

Gazetilha

por Ignotus Sum

I

Frenesim
e corrupção?
Pois sim
ai não!

Servidão
e trampolim?
Ai não!
Pois sim

O pilim
e o pilão
Pois sim
ai não!

Repressão
e berbequim?
Ai não
pois sim!

Galarim
e figurão?
Pois sim
ai não!

Cavaquim
e Cavacão?
Não queremos assim
não queremos não...

II

O Cavaco viu a gente,
sabe onde está o seu destino:
ei-lo, feliz e contente,
com os dinheiros do Casino...

Puxam forte, ali ao lado,
manda a sorte na roldana
— Cavaco escolhe aliado:
o fartum da jogatana.

(Cartas, dados, taque-taque,
sete e meio, trahuqueta,
baccará e bric-à-brac,
maluquices da roleta...)

Sem se lembrar do ditado
que o povo nos ensinou:
o dinheirinho mal ganhado
água-o deu, água o levou...

Sopremos forte no fogo
que ainda arde na memória
pra que o Cavaco, no jogo,
não leve o país... à glória...

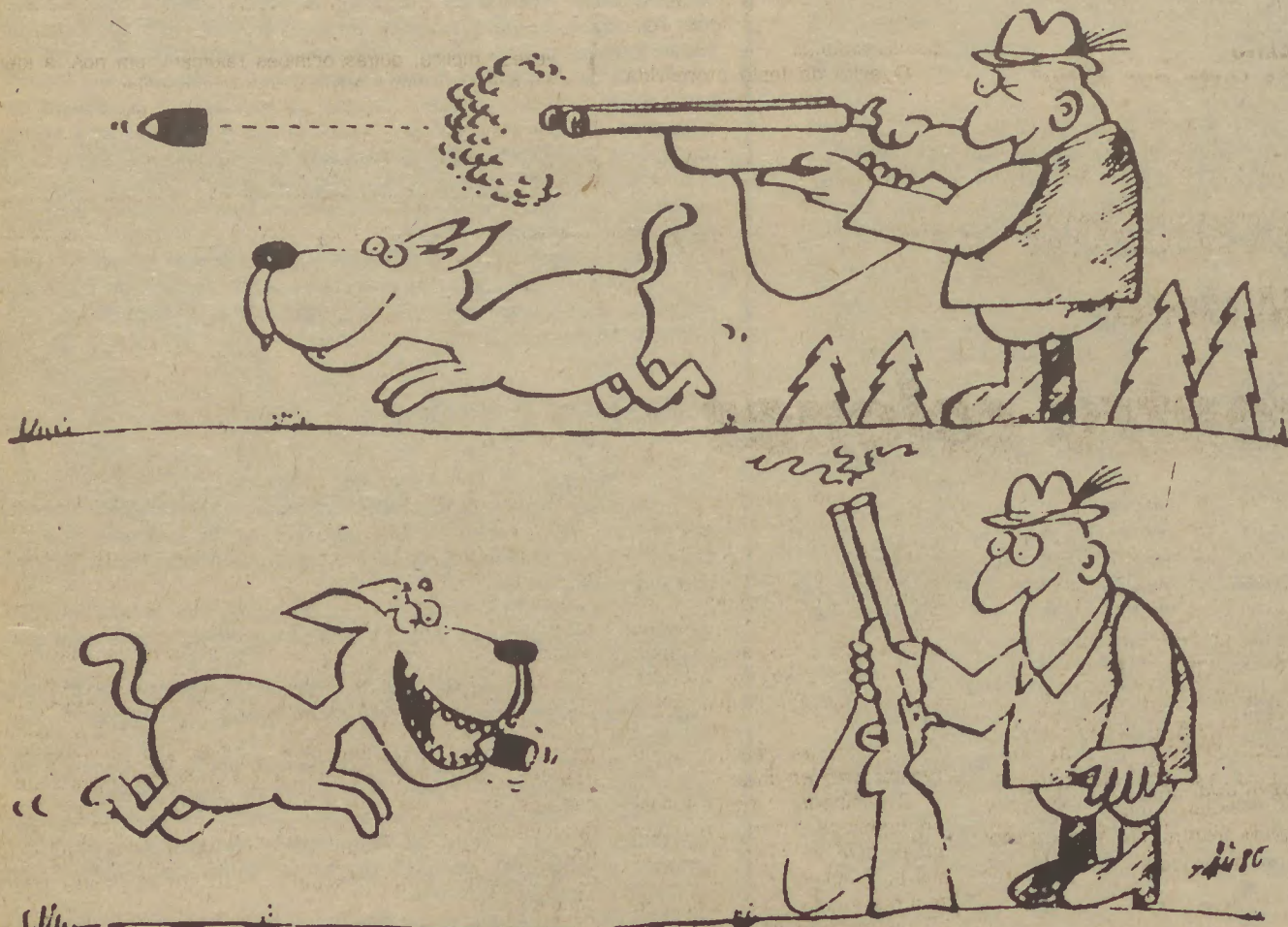
III

Na face cristal o sonho de asa a voar
perpassa, como passa, eterno, o dia a dia,
sorriso do futuro a flor desta alegria
a luta do Partido, a Festa Popular.

E em cada hora ganha o seu maior sentido
no chão em que estremece o corpo da semente.
Tantos amigos com o seu longo olhar em frente
a Festa Popular, a luta do Partido.

Das montanhas de suor a réstea de ouro resta
e sobe uma bandeira ao som de uma canção
fecha-se um punho aqui, lateja um coração
o povo e o seu Partido, a luta e a sua Festa.

Expressão deste dia, ave de diamante
Festa do povo, festa à própria Festa, AVANTE!



Wolfgang Schubert

Agenda

Avante!

Ano 56 — Série VII
N.º 662

4 de Setembro de 1986

4.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente



Sexta

Sábado

Domingo

no Alto da Ajuda

Espectáculos

22 palcos
Avanteatro
Raios Laser
Festival de Folclore
Festival da Canção Juvenil
Centenas de artistas

Exposições

Cem anos do 1.º de Maio
Exposição política
Objectiva 86
A realidade política e social
das regiões

Solidariedade

A Cidade Internacional

a festa!

Desporto

Festival Internacional
de ginástica
Festival da Juventude
Torneios de Futebol de Salão
Jogos Populares
Atletismo
Damas
Xadrez
Palavras Cruzadas

Colóquios

Forum
Forum da Solidariedade
Bancada Livre
• Gastronomia
• Artesanato
• Recordações

• Comício

Domingo às 17 horas

Intervenções de Álvaro Cunhal, secretário-geral
do PCP, e de António Dias Lourenço, Director
do «Avante!», membro da Comissão Política
do CC do PCP

TV

O Programa

Quinta

RTP1

11.00 — Sumário
11.05 — Videópolis
11.30 — Espaço 11/13
12.30 — Telenovela — «Vereda Tropical», 104.º Epis.
13.15 — Jornal da Tarde
15.00 — Desenhos Animados
15.30 — Inventário Musical — «Música em Coimbra»
16.00 — Retalhos da Vida de um Médico, 9.º Epis.
17.00 — Ontem Viu? — «Foi Êxito na TV»

18.00 — Sumário
18.05 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.15 — Portas do Desconhecido — «As Profecias», 2.º Epis.
19.50 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.40 — Telenovela — «Corpo a Corpo», 128.º Epis.
21.30 — Danças Loucas
22.00 — Hill Street
22.55 — 24 Horas.

RTP2

16.30 — Europa TV
18.30 — Música — «Der Bettelstudent», opereta de Carl Millocker

20.00 — Notícias
20.05 — Caminhos do Eterno
20.30 — O Novo Pacífico, 2.º Epis.
21.25 — Notícias
21.30 — Festival Asiático
22.30 — Últimas Notícias
22.35 — Telenovela — «Vereda Tropical», 130.º e 131.º Epis.

Sexta

RTP1

11.00 — Sumário
11.05 — Setentrão
11.30 — Espaço 11/13
12.30 — Telenovela — «Vereda Tropical»

13.15 — Jornal da Tarde
15.00 — Desenhos Animados
15.35 — Espaço Visual
16.00 — A Senhora Ministra (1.º Acto), real. de Herlander Peyroteo
17.00 — O Mar e a Terra — «Templos da Natureza», 8.º Epis.
17.35 — Se Bem me Lembro
17.55 — Sumário
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.25 — País, País
18.55 — Atletismo
19.50 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Telenovela — «Corpo a Corpo»
21.20 — Coração a Quanto Obrigas, 1.º Epis.
21.50 — Série — «Fortunata e Jacinta»
22.45 — 24 horas.

RTP2

16.30 — Europa TV
20.00 — Notícias
21.05 — Atletismo
21.30 — Notícias
21.35 — Directo/2
22.30 — Últimas Notícias
22.35 — Telenovela — «Vereda Tropical».

Sábado

RTP1

12.00 — Sumário
12.05 — Tempo dos Mais Novos
13.00 — Sumário
13.10 — Desenhos Animados
14.00 — O Mundo Maravilhoso de Walt Disney
14.55 — Revista de Toiros
15.25 — Série — «Os Jovens Heróis de Shaolin»
16.15 — Os Marretinhas
16.50 — Livros
17.20 — O Corpo Humano
18.00 — Top Disco
18.50 — Série — «América do Sul Terra de Contrastes»
19.45 — Totoloto
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Aplauso
21.50 — Série — «Dinastia»
22.35 — Noite de Toiros
00.00 — Sábado Especial — «OSS 117 — Terror em Tóquio», real. Michel Boisrond (França/1966).

RTP2

15.20 — Troféu
20.00 — Documentário — «A Espanha Romana»
20.30 — RTP/Brasil
21.00 — Europa TV
22.30 — Fernando Pessoa.

Domingo

RTP1

11.30 — Sumário
11.35 — 70 Vezes 7
12.00 — Missa Dominical
13.00 — Sumário
13.10 — TV Rural
13.40 — Tempo dos Mais Novos
14.50 — Sessão da Tarde — «Os 3 Mosqueteiros», real. André Hunebelle (França/1953)
17.00 — Festa Rija
18.15 — M De Mulher — «O Sol»
19.10 — Falando de Mozart
19.40 — Como? Quem? Porquê?
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Fados na Adega Mesquita
21.00 — Série — «O Último Lugar da Terra»
22.00 — Domingo Desportivo.

RTP2

13.15 — Automobilismo — «Grande Prémio de Itália de Fórmula 1»
15.30 — Desenhos Animados
16.00 — Documentário
16.30 — Concurso Hípico da Penina
18.00 — Falar de Macau
18.30 — Europa TV
20.00 — Novos Horizontes
20.30 — Nós Por Cá — «A Indústria da Cortiça»
22.00 — Teatro Para Sempre — «A Classe Morta», de Tadeusz Kantor (Polónia).

Segunda

RTP1

11.00 — Sumário
11.05 — Passeios em Coimbra
11.30 — Espaço 11/13
12.30 — Telenovela: «Vereda Tropical»
13.15 — Jornal da Tarde
15.00 — Desenhos Animados
15.30 — O Homem é um Mundo
16.00 — Série: «As Aventuras de Zé Gato»
17.00 — Caldo de Pedra
17.30 — Ontem Viu?: «Falando de Mozart»

18.00 — Sumário
18.05 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.15 — As Profissões
19.50 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Telenovela: «Corpo a Corpo»
21.15 — Esta Noite Com...: Cândida Branca Flor
22.15 — Série: «As Sete Maravilhas da Técnica»
23.00 — Últimas Notícias.

RTP2

16.30 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.10 — Desenhos Animados
20.30 — Nunca é Tarde
20.55 — Zoom
21.25 — Notícias
21.30 — Espaço Jazz
22.30 — Últimas Notícias
22.35 — Telenovela: «Vereda Tropical».

Terça

RTP1

11.00 — Sumário
11.05 — Conheça Melhor
11.30 — Espaço 11/13
12.30 — Telenovela: «Vereda Tropical»
13.15 — Jornal da Tarde
15.00 — Desenhos Animados
15.35 — Série: «Risco Inadiável»
16.00 — Série: «A Tragédia da Rua das Flores», adaptação do romance de Eça de Queiroz
17.00 — História Com Pés e Cabeça
17.30 — Ontem Viu?
18.00 — Sumário
18.05 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.15 — Divulgação: «Trânsito»
19.50 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.40 — Telenovela: «Corpo a Corpo»
21.30 — Programa da Direcção de Informação
22.35 — Série: «A Flora do Novo Mundo»
23.00 — Últimas Notícias.

RTP2

16.30 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.05 — Videópolis
20.30 — Falar de Macau
21.00 — Cinema: «Os Amores de Estrela», Real. de Maurice Tourneur (França/1931)
23.30 — Últimas Notícias
23.40 — Telenovela: «Vereda Tropical».

Quarta

RTP1

11.00 — Sumário
11.05 — Memória de Um Povo
11.30 — Espaço 11/13
12.30 — Telenovela: «Vereda Tropical»
13.15 — Jornal da Tarde
15.00 — Desenhos Animados
15.35 — Série: «O Homem Montanhês»
16.05 — Série: «Duarte & C.»
17.00 — Dia-a-Dia
17.35 — Ontem Viu?
18.00 — Sumário
18.05 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.45 — Atletismo
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Vamos Jogar no Totobola
20.45 — Telenovela: «Corpo a Corpo»
21.30 — Noite de Cinema: «Três Irmãs»
00.15 — Últimas Notícias.

RTP2

16.30 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.10 — Atletismo
21.15 — Gente Fina é Outra Coisa
22.15 — Últimas Notícias
22.20 — Telenovela: «Vereda Tropical».

SALDOS

festa do **Avante!**
Centro do Livro e do Disco
edições **Avante!**

TÍTULO	PREÇO DE CAPA	SALDO
«SÉRIE ESPECIAL»		
2.º Encontro Nac. da UJC	30\$00	20\$00
Conferência Nac. do PCP	40\$00	20\$00
COL. «CADERNOS DO PCP»		
Com a UEC nas Escolas	30\$00	20\$00
Comunistas e Católicos	30\$00	20\$00
A Palavra do PCP	60\$00	20\$00
O PCP e a Luta p/Ref. Agr.	50\$00	20\$00
O PCP e a Juventude	60\$00	20\$00
Com o PCP p/ Unid. Popular	20\$00	20\$00
Por uma Constit. Revoluç.	20\$00	20\$00
Sindicatos e Acção Sind.	40\$00	20\$00
Direito à Saúde	60\$00	20\$00
COL. «RUMO AO SOCIALISMO»		
A Banca ao Serviço Povo	20\$00	20\$00
COL. «CONFERÊNCIA ECON.»		
Saída da Crise	70\$00	20\$00
Indústria Extractiva	50\$00	20\$00
As Empresas Intervencion.	40\$00	20\$00
Balança de Pagamentos	50\$00	20\$00
Indústria de Cimentos	30\$00	20\$00
Energia	70\$00	20\$00
Cortiça	50\$00	20\$00
As Nacionalizações	100\$00	20\$00
COL. «Cad. INIC. MARX-LE»		
O Que é o Comunismo?	150\$00	50\$00
A Democ. Popular Uma Nova	150\$00	50\$00
Introdução ao Marxismo	150\$00	50\$00
Lénine e os Camponeses	150\$00	50\$00
Rudimentos do Material His.	150\$00	50\$00
Os Primeiros Passos Poder	150\$00	50\$00

TÍTULO	PREÇO DE CAPA	SALDO
Os Sindicatos Soviéticos	150\$00	50\$00
Karl Marx (peq. biografia)	150\$00	50\$00
V.I. Lenine (peq. biografia)	150\$00	50\$00
O Aprofundam. Crise Geral	150\$00	50\$00
A Questão Fundam. Filosofia	150\$00	50\$00
O Triunfo do Social. URSS	150\$00	50\$00
A Formação Democ. Populares	250\$00	50\$00
Os Povos da URSS na Defesa	150\$00	50\$00
COL. «ABC DO MARX-LEN.» A		
Desenv. Homem e da Socied.	50\$00	20\$00
A Origem do Capitalismo	50\$00	20\$00
A Doutr. Marxista Clas. II	50\$00	20\$00
Karl Marx	50\$00	20\$00
A Resist. Antifasc. Alem.	50\$00	20\$00
O Social. e Comun. Cient.	50\$00	20\$00
COL. «ABC DO MARX-LEN.» B		
O Prob. Fund. da Filosofia	50\$00	20\$00
A Hist.: Acaso ou Lei? — I	50\$00	20\$00
A Hist.: Acaso ou Lei? — II	50\$00	20\$00
A Hist.: Acaso ou Lei? — III	50\$00	20\$00
COL. «PROB. PAZ E SOCIAL.»		
A Consolidação da Vitória	50\$00	20\$00
Contrib. p/Hist. Ideia Dit.	50\$00	20\$00
A Força Princ. Processo	50\$00	20\$00
A Sit. Mundial Proc. Revol.	50\$00	20\$00
Ensinam. Persp. Revol. — I	50\$00	20\$00
Ensinam. Persp. Revol. — II	50\$00	20\$00
O Grande Outubro Questão	50\$00	20\$00
O Leninis. Consol. Vitória	50\$00	20\$00
COL. «P/CRÍTICA IDEOL. BUR.»		
Social., Democ., Liberdade	100\$00	50\$00
O Marx-Lenin. Luta c/Anti	150\$00	50\$00

TÍTULO	PREÇO DE CAPA	SALDO
Ideologia e Política	220\$00	50\$00
A Vanguarda Revolucionária	220\$00	50\$00
COL. «PROB. POL. MOV. COM.»		
Comunistas e Sociais Dem.	100\$00	50\$00
Comunistas e Socialistas	100\$00	50\$00
Relatório do CC do PCUS	50\$00	50\$00
O PC Búlgaro e a Edificação	100\$00	50\$00
A Inter. Comunista 1.º	100\$00	50\$00
A Inter. Comunista 2.º	100\$00	50\$00
A Inter. Comunista 3.º	150\$00	50\$00
Docum. do PC Brasileiro	100\$00	50\$00
Na Via de Ho Chi Minh	150\$00	50\$00
Os Mil Dias da Rev. Chilena	150\$00	50\$00
«FORA DE COLECÇÃO»		
Não CEE-Intervenção	200\$00	50\$00
Não CEE-Agricultura	200\$00	50\$00
Não CEE-Efeitos Globais	200\$00	50\$00
Não CEE-Indústria	200\$00	50\$00
Não CEE-Pescas/Comércio	200\$00	50\$00
PL no Portugal de Abril	200\$00	50\$00
PL, Situação e Perspectivas	200\$00	50\$00
PL, Política de Unidade	200\$00	50\$00
PL, Descentralização	200\$00	50\$00
PL, Func. Órgãos Autár.	250\$00	50\$00
PL, Administração Gestão	200\$00	50\$00
PL, Habitação	200\$00	50\$00
PL, Recursos Hídricos	250\$00	50\$00
PL, Ecologia	200\$00	50\$00
PL, Educação	200\$00	50\$00
PL, Património Cultural	200\$00	50\$00
PL, Saúde e Segurança	200\$00	50\$00
PL, Desenvolv. Económico	250\$00	50\$00
PL, As Freguesias na Adm.	250\$00	50\$00

Cinema

A selecção

	António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A Alice Já Não Mora Aqui	★★★	★★★★	★★★	—	★★★
B O Ano do Dragão	★★★★	★★★	★★★	★★★★	★★
C A Casa Encantada	—	—	★★★	—	★★★
D Era Uma Vez na América	★★★★	★★★★	★★★★	★★★	★★★★
E Nova York Fora de Horas	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★
F Revolução	—	—	★★	★★	★★
G Sangue Por Sangue	—	—	★★★	★★★	★★
H Terror na Auto-Estrada	—	★★★	★★★	—	★★★★

A — Real. Martin Scorsese — S. Cine 222 (14.10, 16.30, 19.00, 21.30) — Lisboa.
 B — Real. Michael Cimino — Amoreiras/2 (13.45, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15) — Lisboa.
 C — Real. Alfred Hitchcock — Quarteto/2 (14.30, 16.45, 19.00, 21.30) — Lisboa.
 D — Real. Sérgio Leone — Berna (15.00, 21.00) — Lisboa.
 E — Real. Martin Scorsese — Estúdio 444 (15.00, 17.00, 19.00, 21.30), Quarteto/3 (14.30, 16.45, 19.00, 21.30) — Lisboa.
 F — Real. Hugh Hudson — Alfa/2 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15); Amoreiras/1 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) — Lisboa. Tivoli (14.00, 17.45, 21.15) — Coimbra. S. João (18.45, 21.45) — Porto.
 G — Real. Joel Coen — Quarteto/1 (14.30, 16.45, 19.00, 21.30) — Lisboa.
 H — Real. Robert Harmon — Fonte Nova (14.30, 16.45, 19.00, 21.30) — Lisboa.

Teatro

O Cartaz

• LISBOA

ABC Parque Mayer. De 3.ª a sáb./20.30 e 22.45, dom./16.00 e 20.30. **Lisboa, Tejo e Tudo**, de César Oliveira, Solnado, Fialho Gouveia, enc. César Oliveira.

Casa da Comédia. R. S. Francisco de Borja, 24. De 3.ª a sáb./21.45. **A Bela Portuguesa**, de Agustina Bessa Luís, enc. Filipe La Féria.

CAM, Centro de Arte Moderna, 6.ª e sáb. às 15.00. **O Fim**, de António Patrício, enc. de Jorge Listopad. Ciclo Retorno à Tragédia, 18.30; Reposição de Frei Luís de Sousa, de Almeida Garrett, enc. Jorge Listopad.

Comuna, Pç. de Espanha, Sala Nova. De 3.ª a sáb./21.30, dom./17.00. **Touro**, de Abel Neves, enc. João Mota — Comuna.

Maria Matos, Av. Frei Miguel Contreiras. De 3.ª a sáb./20.30 e 22.45, dom./16.00, 20.30 e 22.45. **Isto é Maria Vitória**, de H. Santana, Nicholson, Bracinha, M. Zambujal. Enc. Ivone Silva.

Teatro do Século, Rua do Século, 41. **Sala 2**, de 4.ª a sáb./21.45, dom./18.30. **Os Negros**, de Jean Genet, enc. Rogério Carvalhal.

lh. Sala 1, de 5.ª a sáb./18.30. **Viagem para a Felicidade**, de Franz Xavier Kroetz, enc. Rogério Carvalhal, interpr. Lucinda Loureiro.

Variedades, Pç. Mayer. De 3.ª a dom./21.45, sáb./16.00. **Um Coronel em Dois Actos**, adapt. Francisco Nicholson, enc. Varela Silva.

Grupo de Teatro Malzum, Rua dos Poiais de S. Bento, 75 B-2.ª. Dom. às 16.30. **A Rua dos Fantasmas**, de Javier Villafañe.

Tempo



Fim de Semana

A previsão para o próximo fim-de-semana do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, é de continuação do tempo quente e neblinas matinais.

Exposições

António Quina, «Memórias do Sagrado» (ardósia esculpida); Galeria Leo, Trav. da Queimada, 48 (Bairro Alto), de 3.ª a sáb., das 14.30 às 19.30 (até 20/9).

Colectiva de pintura (Dário Alves, Isabel Garcia, João Nascimento). Livr. Bertrand, R. Garrett, de 2.ª a 6.ª/10.00 às 19.00.

Colectiva de pintura e gravura (Charles de Almeida, Manuel Cargaleiro, etc.). Gal. Multifaces, Centro Comercial Gemini. Das 10.00 às 14.00 e 15.00 às 19.00.

Colectiva (António Palolo, Dora Iva, Ilídio Salteiro, Isabel Garcia, José Paulo Ferro, Luís França e Wessel Dijkstra). Altamira, R. Filipe Folque, 48-A, de 2.ª a 6.ª, das 10 às 19.30 (até 18/9).

Escultura Africana em Portugal, Museu de Etnografia, Av. da Madeira (ao Restelo). De 3.ª a dom./10 às 12.30 e 14 às 17 (até Dezembro).

III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Gulbenkian, de 3.ª a sáb., das 15.00 às 19.00, dom. das 10.00 às 17.00.

Exposição-concurso AICA/Philas, Sociedade Nacional de Belas Artes, diariamente das 14 às 20.00.

Gente de Palco-II Acto-Desenho Teatral, Museu Nacional do Traje, Estrada do Lumiar, 10. De 3.ª a sáb. Das 10.00 às 13.00 e das 14.30 às 17.00; dom. das 10 às 13 e das 14.30 às 18.00.

A Guerra Civil de Espanha e a Morte de Garcia Lorca, Biblioteca Nacional, Campo Grande. De 2.ª a 6.ª/10.00 às 13.00 e 14.00 às 17.00.

João Dionísio, pintura e desenho. Palácio dos Coruchéus, R. Alberto Oliveira, de 2.ª a 6.ª, das 14 às 17.30.

Maria Isabel Barreno, painéis bordados. Cave da Livraria Interviú (Espaço Mulheres), Rua Pedro Nunes, 9-A. De 2.ª a 6.ª, das 15 às 19.00 (até 30/9).

Mena Brito, pintura. Centro de Dança Armando Jorge, Av. João Crisóstomo, 6-A. Até fim de Setembro.

Museu da Água Manuel da Mala. Mãe de Água das Amoreiras, Pr. das Amoreiras, 10. De 3.ª a 6.ª das 13.00 às 17.00.

«Nilzuma», escultura. Centro de Arte Moderna, R. Dr. Nicolau Bettencourt.

Pedro Chorão, desenho e pintura. Espaço Poligrupo-Renascença, R. Ivens, 14. De 2.ª a 6.ª das 9 às 20.00; sáb. das 9 às 13.00.

Postais Ilustrados de Lisboa do Princípio do Século. Biblioteca Nacional, Campo Grande. De 2.ª a 6.ª/10.00 às 13.00 e 14.00 às 17.00 (até 5/9).

Cartazes, 40 cartazes, do concurso organizado pelo Secretariado do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, na Cooperativa Arvore. Das 14.00 às 23.30. PORTO.

Cristovam Dias, fotografia. Gal. JN. R. Gonçalo Cristóvão, 195. De 3.ª a 6.ª/14.30 às 19.30. PORTO.

Esculturas no Jardim, Delegação Regional do Norte da SEC, R. António Car-

doso, 175, 2.ª a 6.ª das 9 às 12.00 e 14 às 19.00; sáb. e dom., das 15 às 19.00. PORTO.

Fotografia, (des)-construções, de Américo Silva. Na Cooperativa Arvore, das 14.00 às 23.30. PORTO.

Isabel Laginhas, EG Galeria, R. do Castro, 210, de 3.ª a sáb. das 16 às 19.30. PORTO.

Instrumentos Musicais Populares. No Centro de Artes Tradicionais do Porto, organizada pelo Museu de Etnologia. De 3.ª a dom./10.30 às 19.00 (até Setembro) PORTO.

Luís Demée, pintura. Museu Nacional Soares dos Reis, R. D. Manuel II (até 7/9). PORTO.

Stella de Brito, pintura, tapeçaria e escultura. Hotel Alvor Praia (até 15/9). ALVOR.

Júlia Ramalho, Galeria de Arte da «Pop Cave», R. D. Diogo Pi-

nheiro, 24, das 14 às 19.30. BARCELOS.

Pissarro, pintura e desenho, Gal. do Hotel Albatroz, Rua Frederico Arouca, 100. Das 10.00 às 23.00 (até 13/9). CASCAIS.

Anibal Sequeira, fotografia. Casa da Cultura CALDAS DA RAINHA.

Lao Chin (China), escultura em barro. Museu José Malhoa CALDAS RAINHA.

Colectiva de Fotografia, Coop. Agora, 12. Simões Castro (até 15/9). COIMBRA.

Música — Manuscritos e Edições do arquivo da Biblioteca Geral da Universidade. COIMBRA.

Gerrit Van EE, escultura. Museu de Évora. EVORA.

Armando Correia, cerâmica. Galeria d'Arte Convês, Praia de Quilóis, das 15.00 às 20.00. FIGUEIRA DA FOZ.

A Europa na gravura do séc. XVIII (in-

tern.). Até Dezembro, Palácio Nacional. MAFRA.

Trajes Palacianos, Palácio Nacional de Mafra (até Setembro). MAFRA.

Ana Branca, José Tomás Faria e Viriato, pintura. Livraria Universal, Centro Comercial (até fim de Setembro). S. PEDRO DO ESTORIL.

Trinta Anos de Pintura, de Manuel Cargaleiro. Casino da Póvoa de Varzim. PÓVOA DE VARZIM.

D. Pedro IV / Pedro I do Brasil — Sua época (até 30/9). Palácio Nacional QUELUZ.

Bonecas («Revivalismo de Novecentos») de Ana Cassiano. Museu de Arqueologia e Etnografia SETUBAL.

Oirivesaria — Colectção do Palácio Nacional da Pena. Palácio da Pena SINTRA.

V Bialal, colectiva de Artes Plásticas (até 7/9) VILA NOVA DE CERVEIRA.

...e ainda

Curso de Teatro na Seiva Trupe

De 1 a 15 de Setembro estão abertas as inscrições para a frequência da Escola de Formação Artística da Seiva Trupe que, paralelamente às actividades da Companhia Profissional, irá funcionar na próxima época.

Já estão assegurados alguns professores especializados em Academias Superiores no estrangeiro, além de alguns profissionais da Companhia serem também monitores.

Os interessados poderão obter informações e fazerem as respectivas inscrições, nas horas normais de expediente à noite das 22 às 23.30 horas na Rua de Camões, 578, ou pelo telefone 382131.

Será de registar que os alunos admitidos no Curso de Teatro da Escola de Formação Artística da Seiva-Trupe têm garantida a sua frequência gratuitamente.

Cinema

Já teve início o programa de «Animações nos Espaços Públicos», promovido pelo Centro Cultural de Almada, com o apoio da Câmara e da Região de Turismo de Setúbal.

A exemplo da acção levada a efeito no ano transacto, esta iniciativa tem por objectivo central contribuir para a criação de espaços de convívio, favorecer o enriquecimento cultural e incentivar a preservação dos espaços verdes.

Os jovens serão os principais destinatários, sendo a programação elaborada de molde a proporcionar uma ocupação saudável e criativa dos seus tempos livres.

Por outro lado, sendo 1986 o Ano Internacional da Paz, integram-se nesta acção diversos documentos alusivos a esta temática.

O programa de «Animação nos Espaços Públicos», prolonga-se até 19 de Setembro.

Cinemateca

Na Cinemateca Portuguesa, vão estar em exibição os seguintes filmes em versão original e sem legendas: **Les Vampires** (Os Vampiros), de Louis Feuillade, dia 6 às 21.30; **L assassinat du Duc de Guise** (O Assassinato do Duque de Guise), de Le Barqy e Calmettes, dia 8 às 18.30; **The Cheat** (A Marca do Fogo), de Cecil B. de Mille, dia 8 às 21.30; **Amor de Perdição**, de George Pallu, dia 9 às 18.30; **La Gierusalemme Liberata** (Jerusalém Libertada), de Enrico Guazzoni, dia 9 às 21.30.

Os bilhetes podem ser adquiridos uma hora antes de cada sessão.

Fórum Picoas

Também no Fórum Picoas está a decorrer um ciclo de Comédia Italiana, hoje, **O Pequeno Burguês**, de Mário Monicelli; de 5 a

7 Pasqualino das Sete Beldades, de Lina Wertmüller; dias 8 e 9 **O Grande Engarrafamento**, de Luigi Comencini.

Concurso de Fotografia e Cartaz

A Câmara Municipal de V.F. de Xira vai realizar, através dos serviços municipalizados de água e saneamento, um concurso para a execução do «Cartaz Comemorativo do Dia Nacional da Água», assim como um concurso de fotografia sobre o tema «Água-concelho de V. F. Xira».

Ambos os concursos, que estarão abertos até ao dia 22 de Setembro, destinam-se a sensibilizar a população para a poupança de água e aproveitamento dos recursos hídricos.

Quaisquer informações de que os interessados possam necessitar ser-lhes-ão fornecidas pessoalmente ou telefonicamente pela Divisão de Informação e Relações Públicas.

revista internacional

problemas da paz e do socialismo

revista dos partidos comunistas e operários

* **ÁFRICA DO SUL**
Jogo sujo do regime de Pretória

* **Situação das minorias étnicas**
nos países capitalistas industrializados

edições Avante!

revista internacional

problemas da paz e do socialismo

8 (145)

revista dos partidos comunistas e operários

AGOSTO 1986

Preço: 30\$00



Música

No âmbito do Acor-do da Cooperação celebrado entre a Câmara Municipal de Almada e o Comité Nacional de Ostrava, Checoslováquia, realiza-se hoje às 21 e 30 na sala de cinema da Academia Almadense, um espectáculo pelo Coro Académico da Faculdade de Pedagogia dessa cidade.

O Coro, foi fundado em 1966, é um dos melhores coros mistos da Checoslováquia e os seus membros são estudantes da Faculdade, professores e catedráticos.

Cantam obras de autores de diferentes épocas e estilos (desde trabalhos polifónicos da Renascença até obras de autores contemporâneos do século XX). A música moderna e experimental também se integram no seu repertório, bem como canções regionais de vários povos.

a TV

«Avante!»: A Festa maior

Foi para o que costuma ser na televisão, um programa de certa extensão. Os telespectadores, suspensos. Eu nem se fala, como devem imaginar. Estava na cozinha preparando o café familiar, oiço o nome do «Avante!» na televisão, mando o café às urtigas, corro para o meu posto. Uma alegria!

Eram as imagens da fraternidade conquistada. Eram os rostos felizes e tranquilos. Eram os depoimentos comovidos, principalmente dos jovens. Eram os artistas presentes. Era Portugal de Norte a Sul passando pela sua Festa...

Até que enfim, penso eu com os meus botões, até que enfim a televisão faz um programa como deve ser sobre a maior manifestação artística, cultural, social e popular do nosso país e seguramente uma das maiores da Europa!

Afinal...

Afinal aconteceu desilusão. Como logo a seguir vim a saber, tratava-se de um programa elaborado pelo Partido Comunista Português. Ou seja: para se falar da maior Festa portuguesa — só em Tempo de Antena!

Minto. Também não é preciso exagerar, que diabo. A televisão também lhe dedicou atenção no Telejornal. Coisa aí para 40 segundos, e ainda assim com uma **facadinha** lá dentro, para não variar.

Xadrez: Um acto de inteligência

O Xadrez é, no nosso tempo, um elemento importante na área educativa — a ponto de, como disse um grande nome da cultura portuguesa, não se poder dizer que existe uma cultura integral quando o xadrez não entra na sua composição.

Não é este, infelizmente, o parecer da RTP. O xadrez ocupa um espaço mínimo nas suas preocupações desportivas. Para ela e além do futebol, o que conta é o ténis que quase não falha em nenhuma emissão do Telejornal. A fobia chegou ao ponto de nem sequer informarem os resultados do «combate» entre Kasparov e Karpov!

Antigamente ainda davam no Telejornal notícias do campeonato do mundo, com os comentários do Mestre João Cordovil. Acharam isso um luxo escusado. Ténis é outra loiça...

Hoje em dia o xadrez foi relegado para o **Troféu**, aos sábados em hora incerta. João Cordovil continua a fazer o que pode pela divulgação de uma modalidade a que tem dedicado a vida. Ultimamente tem-nos apresentado jogadores portugueses de nomeada. Certo. Por que é que os espectadores só hão-de ser obrigados a conhecer os «craques» da bola?...

Na última emissão, o convidado, mestre João Vinagre trouxe um paralelo entre o desprezo a que em Portugal deitam o xadrez e o carinho, a atenção e os apoios com que a modalidade conta nos países socialistas.

De facto, o repúdio do xadrez pela RTP é mais uma das faces do seu repúdio pela inteligência. Ténis é que é bom. Ainda por cima, americanos...

Câmara de Almada: que diferença!

Directo 2 organizou mesa-redonda sobre a poluição nas praias da área de Lisboa.

Ficou bem claro que os sucessivos governos nada têm feito para modificar radicalmente a situação. Foi dito explicitamente: As coisas estão no mesmo pé em que estavam há vários anos atrás...

Infelizmente, e contrariando a própria realidade, os representantes de organismos oficiais guardaram para si a parte de leão nas intervenções. Os dinheiros que vêm do jogo do Estoril quase aparecem como uma dádiva que as autarquias devem agradecer ao Governo...

Os presidentes das Câmaras de Oeiras e Cascais encheram a boca com os projectos que têm em vista. Os quais, a avaliar pelas palavras do Presidente da Câmara de Cascais são de grande relevância para a população: um Palácio dos Congressos, uma marina, um campo de golfe, um aeródromo...

Em Oeiras, também vamos ter prioritariamente uma piscina oceânica, um porto de recreio, uma estalagem no palácio de Terrugem...

A certa altura foi dada a palavra a Maria Emília Neto de Sousa, vereadora da Câmara Municipal de Almada. Assistimos a este diálogo.

Maria Emília — Antes de mais nada, eu queria saber de quanto tempo posso dispor...

Durão — Dois minutos e meio aproximadamente...

Pois é. Até dá para rir. Claro que a vereadora da Câmara de Almada lavrou o seu protesto pela desigualdade de tratamento e propôs a elaboração de um programa especial sobre a praia de Caparica, «praia de água pura».

Na sua intervenção, que diferença!, Maria Emília falou da preocupação da Câmara de Almada em proporcionar espaços tranquilos e saudáveis a toda a população, nada de obras de fachada ou para consumo dos endinheirados.

Repito: que diferença...

■ **Ulisses**

Síntese semanal da IMPRENSA

Palavras dispersas no final de Agosto

Os recortes desta semana fazem um ramalhete de palavras dispersas e de desigual importância.

Por eles se dá sucessivamente notícia aos leitores de que Mota Amaral tem inesperados recursos em matéria de linguagem; que, em matéria de revisão constitucional, no PS os preparativos se fazem de acordo com o sagrado princípio «diz-nos as ideias que defendes, dir-te-ei os homens que vais buscar»; que um ex-destacado membro do PSD, insuspeito de estar às ordens da Soeiro Pereira Gomes, confirma realidades o que os comunistas tem denunciado activamente; que Eduardo Prado Coelho, além de seduzido pelo «estilo» de Cavaco parece agora seduzido pelas razões da Beleza (a Leonor); e, finalmente, que a UGT (quem sabe se procurando a sua verdadeira vocação) se devota ao ramo turístico-imobiliário, propondo-se investir generosamente o dinheiro dos empréstimos que lhe emprestarem.

Mota Amaral e a linguagem requintada

«Só posso qualificar esta situação como um levantamento militar "soft core" — disse ontem à tarde Mota Amaral ao Expresso, a propósito da posição do Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas sobre o hino e a bandeira dos Açores.»

— «Expresso» de 30.8.86

Nomeadamente à direita, claro!

«Vitor Constâncio encarregou Almeida Santos de coordenar um grupo de constitucionalistas socialistas que começará já a trabalhar a partir de Setembro numa proposta de revisão constitucional. Embora o debate sobre a revisão da Constituição só se inicie em Outubro do próximo ano, na Assembleia da República, o PS decidiu começar desde já a preparar uma proposta para apresentar aos outros partidos, tendo em vista a obtenção de consensos que permitam viabilizar alterações de fundo no texto fundamental.

A principal novidade neste campo, segundo o «Expresso» apurou, é a aceitação, por parte do PS, de pôr termo à disposição constitucional que torna irreversíveis as nacionalizações caso obtenha outras contrapartidas que considera da maior importância no processo de revisão da Constituição.

Um dirigente do PS confiou ao «Expresso» que o Secretariado Nacional tomou em relação a este assunto quatro grandes decisões.

Primeiro, exigir-se-á que todo o processo de revisão seja discutido em bloco, através de propostas globais, no pressuposto de que todos os preceitos são interligados e estão interdependentes, recusando-se a ponderar apenas uma ou outra parte da Constituição.

Em segundo lugar, pretende-se que esta revisão contribua de

forma decisiva para a estabilidade do sistema político, o que se obterá através de medidas como a imposição da moção de censura construtiva (ou seja, a apresentação de qualquer moção de censura implicaria o avanço de uma proposta alternativa de Governo por parte de quem tomasse a iniciativa).

Depois, faz-se uma questão muito especial em promover um projecto de regionalização e de descentralização do país, projecto que tem sido sistematicamente adiado pelas maiorias governamentais.

Finalmente, se em relação às três anteriores posições houver uma abertura por parte dos restantes partidos parlamentares, nomeadamente os que se encontram à direita do PS, então os socialistas prontificar-se-iam a «sacrificar» aspectos programáticos próprios, aceitando desideologizar a Constituição e acabar com a irreversibilidade das nacionalizações.

No que diz respeito às desnacionalizações, porém, o nosso informador esclareceu que o seu partido não abdicará de garantias de que não se seguirá um desmantelamento puro e simples do sector público. Essas garantias poderão passar, na sua opinião, por a Constituição estabelecer que cada desnacionalização terá que ser decidida na própria Assembleia da República, por uma maioria qualificada e alargada.»

— «Expresso» de 30.8.86

Mais um insuspeito testemunho

«Neste tempo em que se assiste, entre nós, a deprimentes tentativas de desindustrialização sem que actividades substitutivas tenham sido encontradas, quando as razões profundas da inoperância das maiores empresas não são atacadas por causa da intromissão dos aparelhos políticos, se vulgarizaram os esquemas para desviar, para fins particulares, as exportações externas destinadas ao bem público, e o grau de domínio de interesses estrangeiros sobre as nossas riquezas estratégicas vem crescendo de modo inquietante, todo aquele sonho de levantar Portugal no conjunto europeu parece numa imensa ilusão frustrada.»

— Rogério Martins, no «Expresso» de 30.8.86

Coelho, a Beleza e a razão

«Mas este discurso de Cavaco Silva significa outras coisas. (...) Em segundo lugar, pretende sobrepor-se a uma determinada erosão da imagem de alguns sectores do Governo (embora não de Cavaco Silva). É lícito supor que contribuíram para tal situação acima de tudo dois sectores: o sector da Saúde, onde **Leonor Beleza, talvez com razão em múltiplos aspectos**, cometeu o erro de abrir inabilmente demasiadas frentes de luta, e não parece dispor de suficiente autoridade para aguentar a tempestade em que se viu envolvida.» (...)

— Eduardo Prado Coelho, no «Expresso» de 30.8.86

A UGT e o respectivo empréstimo

«A UGT soma e segue. A sua agência de viagens e a sua associação de férias tomam forma. O primeiro aldeamento de férias tem já local na Meia Praia, Lagos, (projecto de uma empresa dinamizadora e de uma nacional) e aguarda o despacho da Secretaria de Estado do Turismo para autorização do respectivo empréstimo, podendo estar pronto no Verão de 1988. Ocupará uma área de 110 000 metros quadrados e comportará 250 habitações.»

— «Semanário» de 30.8.86

Xadrez

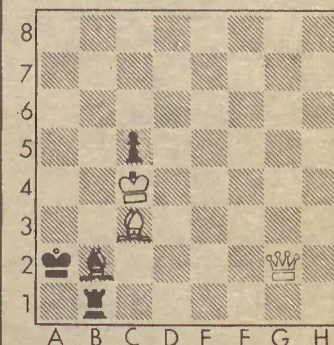
LXVII — 4 de Setembro de 1986

PROPOSIÇÃO N.º 67

Por: L. TALABÉR

«Magyar Sakkvilág», 1932

Pr: (4): Pç5-Bb2-Tb1-Ra2



Br: (3): Bç3-Dg2-Rç4

Mate em 2 lances

JOGO N.º 67

Open de Liège, 1986

(1.º GILLES MIRALLES 7,5 pts. (em 9); 2.º, Dizdarevic, Szekely, Tompa, Winants...).

Br: G. Miralles

Pr: L. Winants

1. d4,Cf6; 2. ç4,é6; 3. Cç3,Bb4; 4. Çf3,ç5; 5. g3,Cç6; 6. Bg2,Cé4; 7. Dd3,d5; 8. 0-0,çd4; 9. çd5,dç3; 10. dç6,Dd3; 11. éd3,Cf6; 12. Cd4,Cd5; 13. ç.b7,B:b7; 14. Tb1,Ba6; 15. bç3,Bç3; 16. Cb5; 17. Cd6+,Rf8; 18. Ba3,Rg8; 19. Ba5; Tfç1,h5; 20. Tç4,Bd8; 21. Ta4,B:d3; 22. Tb7,a6; 23. C:f7,Th7; 24. Td4,Bg6; 25. T:d5,é:d5; 26. B:d5, e as Pretas abandonam!

SOLUÇÃO DO N.º 67

Chave: 1. Dç2!

1. ...,Ra1; 2. Da4 mate

1. ...,Ra3; 3. Db3 mate

1. ...,Tad lib.; 2. D:b2 mate

A. de M. M.

Damas

LXVIII — 4 de Setembro de 1986

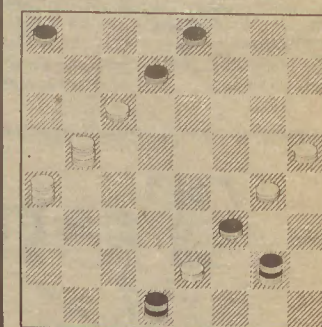
Proposição n.º 67

Por: Elentino Alvarez Gonzalez

«Vamos Decifrar» N.º 222, 15/XI/1952

Pr: (3)-(5)-10-27-30-32

Br: 6-13-(16)-17-(20)-23



Jogam as brancas e ganham

Jogo n.º 67

Campeonato Nacional — Apuramento

Almada, 6/IV/1986

Br.: José Pereira

Pr.: Medalha da Silva

(3.º jogo)

1. 10-14, 24-20; 2. 12-16, 28-24; 3. 7-12, 31-28; 4. 12-15, 23-19; 5. 14-23, 28-12; 6. 16-23, 27-20; 7. 8-15, 32-28; 8. 5-10, 28-23; 9. 10-14, 22-19; 10. 15-22, 26-10; 11. 6-13, 23-19; 12. 1-5, 20-15; 13. 11-20, 24-15; 14. 5-10, 29-26; 15. 3-7, 26-22; 16. 7-11, 15-6; 17. 2-11, 21-18; 18. 4-8, 25-21; 19. 13-17, 30-27; 20. 17-26, 19-14; 21. 10-19, 22-6 Empate!

Golpe n.º 67

Por: Luis António David

(Ocorrido numa partida contra Albino Martins (Br.), num Campeonato de Lisboa!)

1. 10-13, 21-18; 2. 5-10, 23-19; 3. 1-5, 27-23; 4. 11-14, 18-11; 5. 7-14, 24-20; 6. 13-18, 22-13; 7. 9-18, 20-15; 8. 18-22, 25-21; 9. 3-7, 21-17; 10. 14-18? Perde! J. Pr. G. (Br.: 2-4-5-6-7-8-10-12-18-22 Pr.: 15-17-19-23-26-28-29-30-31-32 J. Pr. G.)

Soluções do LXVII

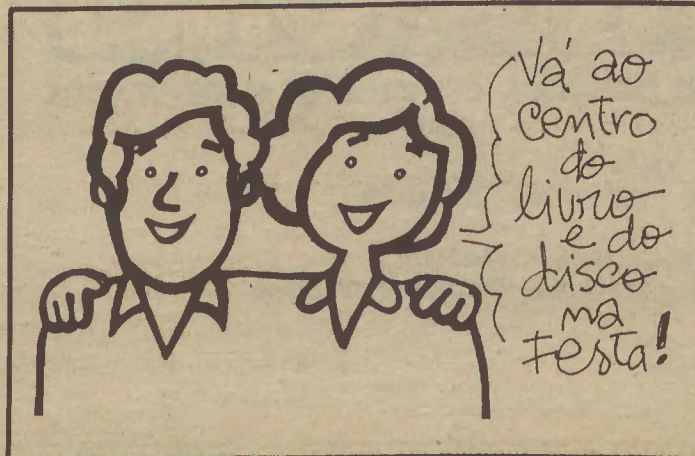
N.º 67 (EAG): 16-12 e 17-21 e 20-2 e 2:31 e 31:29+

Golpe N.º 67 (LAD): 10....., 19-14; 11. 12:19, 14-11; 12. 7:14, 17-13 e 28-24 e 26:3=D+

Se: 11. 10:19, 23:14; 12. 12:19, 14-11 (ou 14-10) e 28-23 e 26:23=D+

Se: 11. 12:19, 14-11; 12. 6:15, 23:14 e 28-23 e 26:3=D+

A. de M. M.





a festa!

Avante!

Director
António Dias Lourenço

SUPLEMENTO N.º 8
4 de Setembro de 1986

Não pode ser vendido
separadamente

ALTO DA AJUDA • 5, 6, E 7 SETEMBRO



Beth Carvalho
pág. 6/7

Comício
pág. 4

Laser
pág. 4

Mais artistas
pág. 5

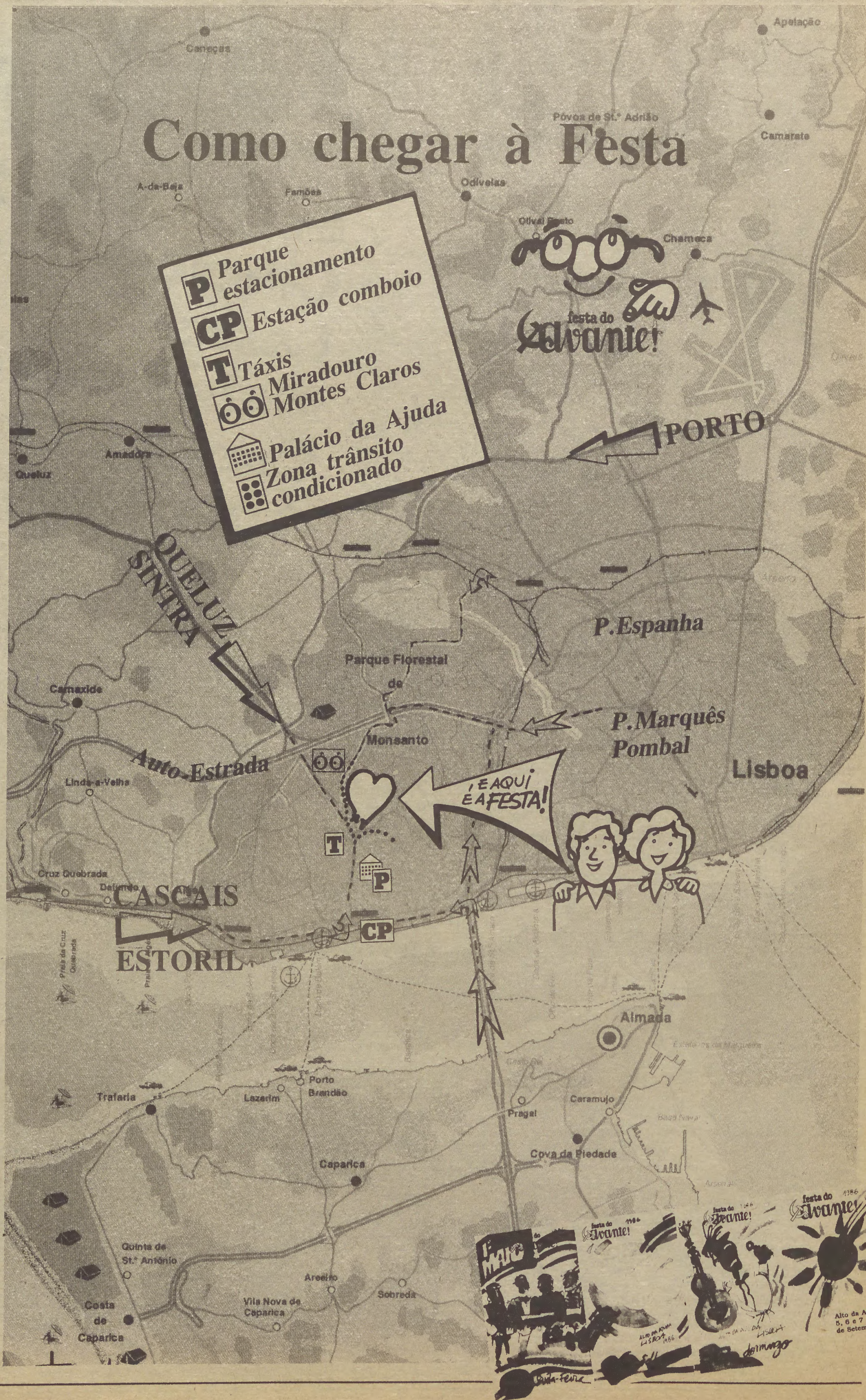
**Carlos Relvas e
Augusto Cabrita**
pág. 12





Quem tem boca vai a Roma, lembram uns. Todos os caminhos vão dar ao Alto da Ajuda neste próximo fim-de-semana, dizem outros.

Damos razão a todos mas não nos podemos esquecer dos muitos visitantes que pela primeira vez participam na nossa Festa. O mapa desta página pode ser uma ajuda não só para localizar o recinto da Festa, como também para estudar as alternativas de transporte que iremos utilizar a partir de amanhã para chegar ao Alto da Ajuda. Especialmente destinados aos automobilistas, que não conhecem bem as estradas e acessos da zona de Monsanto, estão assinalados com setas os trajectos possíveis.



Como se fosse um roteiro

Na semana passada, já o «Avante!» estava nas máquinas, realizou-se uma conferência de imprensa no Alto da Ajuda. Os motivos são óbvios: apresentar vários aspectos do que vai ser esta décima primeira edição da Festa.

Um documento intitulado «notas sobre o programa da Festa do «Avante!» anunciou à imprensa os principais acontecimentos que se vão passar durante estes três dias.

Publicamo-lo, assim, como se fosse um roteiro:

Pavilhão Central: Os cem anos do 1.º de Maio, as exposições e os debates

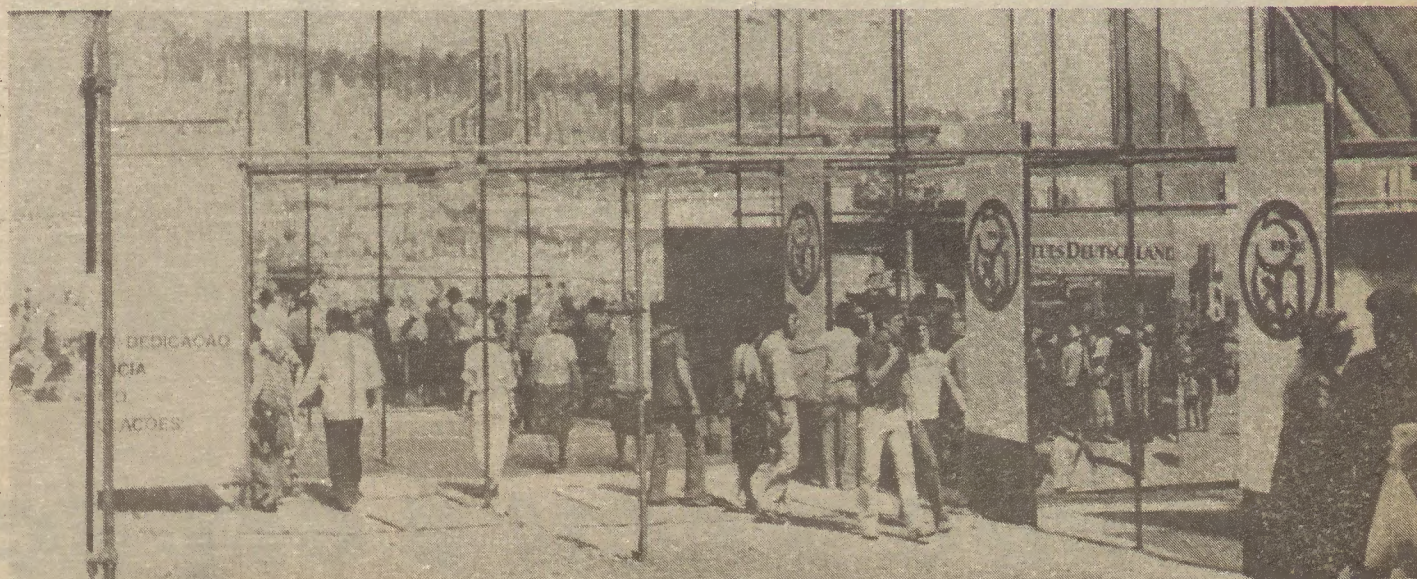
Tema central da 11.ª edição da Festa do «Avante!» será este ano os **cem anos do 1.º de Maio**. No Pavilhão Central da Festa esse tema será desenvolvido ao longo de uma **grande exposição** (três centenas de painéis, numa área de 1000 metros quadrados) **fotográfica e documental**. Nesta exposição através de textos, fotografias, reproduções de cartazes e jornais da época procura-se apresentar uma ideia da riqueza das acções do movimento operário em torno do 1.º de Maio, ao longo dos últimos cem anos, no quadro da luta dos trabalhadores e das grandes transformações políticas, económicas e sociais ocorridas desde o 1.º de Maio de 1886.

Também na área do Pavilhão Central, um conjunto de **colóquios** abordará grandes temas da situação política, nacional e internacional, designadamente sobre «o PCP

— Partido dos Trabalhadores», «a emancipação da mulher no Portugal de Abril», «o centésimo aniversário do 1.º de Maio», «a actividade parlamentar», «a juventude», «a situação internacional e a luta pela paz», «a comunicação social», «o Poder Local e a regionalização».

Objectiva 86

Ainda no Pavilhão Central, além da exposição sobre o PCP e a situação política onde se sintetizam as apreciações, análises e propostas do PCP na conjuntura actual, destaque para a **Objectiva 86**, exposição fotográfica que regressa este ano, depois do assinalável êxito de há dois anos. Com uma novidade de peso que é a sua internacionalização, uma exposição com cerca de **700 trabalhos dos maiores nomes da fotografia nacional, amadora e profissional, e internacional**. Nesta edição, **Objectiva 86**, vai ter três destaques: duas exposições e uma homenagem. Vamos ter no Alto da Ajuda uma exposição de trabalhos do soviético Dimitri Baltermants, dos melhores fotógrafos da actualidade, famoso pelas



suas fotografias da Segunda Guerra. Outra exposição, esta sobre o pioneiro da fotografia no nosso país, Carlos Relvas. Será também prestada uma homenagem a Augusto Cabrita.

Cidade da Juventude

Uma outra **exposição** na Festa do «Avante!» 86 irá merecer a atenção de todos quantos se deslocarem ao Alto da Ajuda. Estará na **Cidade da Juventude** e o seu tema será a **Música e o Trabalho**. Uma exposição repartida em três zonas: «trabalho para a música» — o mundo da construção de instrumentos — «a música para o trabalho» — a canção no trabalho — e a «música é trabalho» — o trabalho que dá fazer música.

O Avanteatro

Entre muitas novidades da 11.ª edição da Festa, o **Avanteatro** ocupa uma posição central. Muito esforço e imaginação foram necessários para nos terrenos do Alto da Ajuda construir um espaço próprio para que sete grupos de teatro portugueses pudessem mostrar o excelente teatro que se faz em Portugal no meio de tantas dificuldades.

O Desporto na Festa

O **desporto** é uma presença habitual na Festa. A alta competição como o desporto de massas e os jogos populares. Estarão entre nós, para o **Festival Internacional de Ginástica**, equipas de ginastas da URSS, RDA e Hungria.

Outra das novidades ainda no capítulo do desporto é a realização, no terreno da Festa, da **Corrida da Paz e da Liberdade**, no dia 7, a partir das 9 horas. Como novidade, temos ainda um torneio de Palavras Cruzadas.

Para além das novidades teremos, como habitualmente, o **Festival da Juventude** com classes de ginástica das colectividades, a fase final do torneio de futebol de salão que tem estado a decorrer um pouco por todo o País, os jogos populares e as damas.

Comício

Momento político marcante da Festa é o comício, às 17 horas de domingo, na zona

do Palco 25 de Abril, com a intervenção de Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP.

Festival da Canção Juvenil

Outra iniciativa inédita é o **Festival da Canção Juvenil** da Festa do «Avante!». Depois de dezenas de festivais locais realizados em todo o País, com mais de sete centenas de concorrentes entre solistas e conjuntos, vai ter lugar no Palco Lisboa a final do festival, com mais de 100 participantes.

Festival de Folclore

A Festa do «Avante!» vai, este ano, ser palco de um grande **Festival de Folclore**, em que participarão grupos representando todas as regiões do País à excepção do distrito de Faro e da Região Autónoma da Madeira.

A Cidade Internacional

Componente essencial da Festa, a solidariedade é a amizade entre os povos e a luta pela Paz estarão presentes na Cidade Internacional e nas suas múltiplas actividades, com destaque para os «momentos de solidariedade» que se realizarão no Fórum daquele espaço. Dezenas de delegações estrangeiras em representação de partidos comunistas (e dos seus órgãos centrais) e de movimentos revolucionários e progressistas estarão presentes na Festa.

E tudo o resto

Mas a Festa é muito mais que isto, pois é Portugal inteiro que ali vive nos três dias. As diversas organizações do PCP, a juventude, com os seus pavilhões e iniciativas, trazem ao Alto da Ajuda a luta dos trabalhadores nas diversas regiões e sectores, assim como a cultura popular das várias regiões. É o artesanato, a gastronomia, os colóquios, as exposições, os pequenos espectáculos, etc... Um mundo de coisas sempre a acontecer.

E finalmente, na Festa do «Avante!» deste ano, a concretização de um projecto antigo: o **maior festival de raios laser** jamais realizado em Portugal.

O Programa está à venda

Lendo o «Avante!» semana após semana, fica-se com uma ideia precisa de como será este ano a Festa do «Avante!». Só que a incomodidade de levar a colecção completa deste suplemento para o Alto da Ajuda é manifesta. Por isso, o Programa.

O Programa é uma revista que traz tudo sobre a Festa. Como é hábito, nas suas 64 páginas, traz tudo o que se queira saber desde os artistas presentes, passando pelas exposições e pela participação das diversas organizações regionais, e acabando, claro, nos programas dos palcos. Quer pelo volume de informação, quer ainda pelo cuidado no arranjo gráfico que apresenta, a ideia de se comprar esta revista só pode ser considerada como excelente.

Ainda por cima, devido ao seu preço. É verdade, este ano, a revista-programa da Festa do «Avante!» custa apenas 150 escudos. Assim, por uma mão pouco cheia de moedas de 25 escudos, ficamos na posse de toda a informação necessária para nos podermos movimentar à vontade no Alto da Ajuda, sem andarmos à procura daquilo que gostaríamos de ver e que perdemos... exactamente por não conhecermos as horas a que as diversas iniciativas se realizam.

O programa em revista



Festa do Avante.86



Outro mundo do dia para a noite

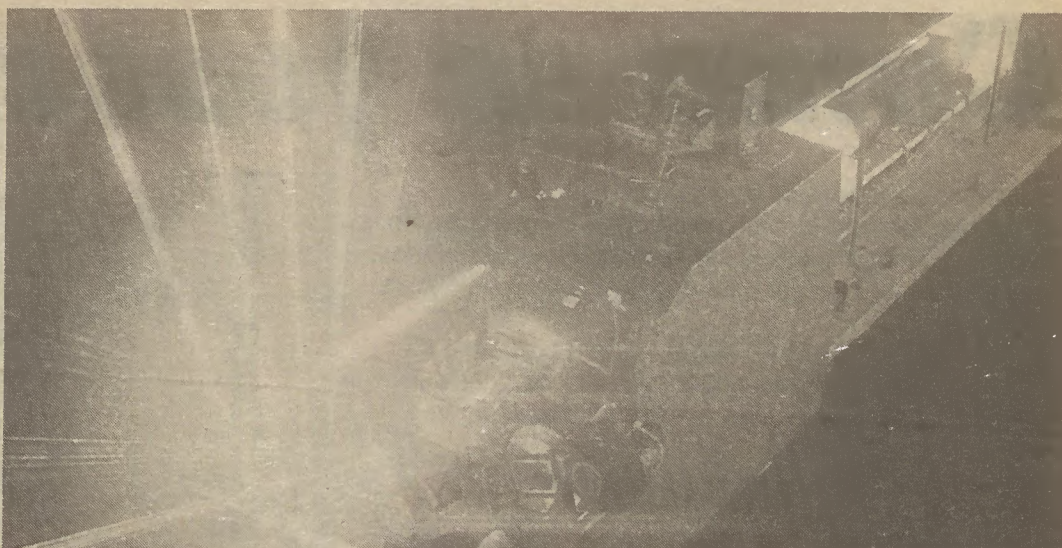
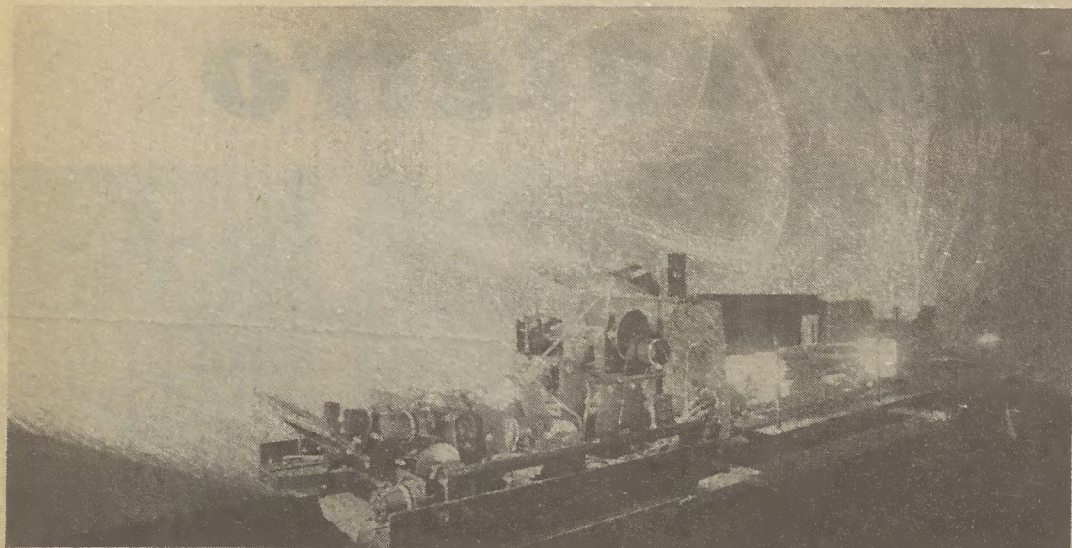
A Festa é como o Carnaval. Dura três dias. Mas, do Carnaval tem uma grande diferença. Não é alienatória. Na Ajuda não cantamos, não pintamos nem construímos para esquecer. Fazemo-lo para nos lembrarmos de que a luta é diária e que, se muito já se avançou, muito há ainda que fazer. Mas há outra diferença: é que a Festa tem horários. E tem horários pura e simplesmente porque, entre cada um dos três dias em que decorre, há uma série de trabalhos a realizar. A começar pelo lixo que é necessário retirar do terreno, e a acabar no *stock* de bebidas que urge repor diariamente. É por isso que a Festa tem horários. No entanto, outra razão poderíamos invocar. É que a Festa, sendo daqueles que nela participam, só vos pode dar condições de usufruírem totalmente se descansarem. Por isso, não se esqueçam: a

Festa tem horários e todos nós temos a ganhar se os cumprirmos.

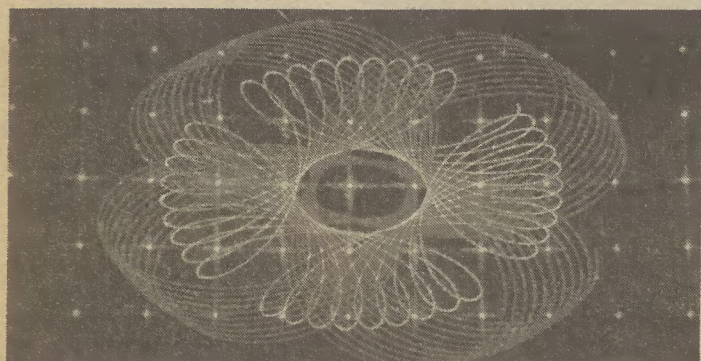
Assim, a Festa abre às 19 horas de sexta-feira para à uma hora da madrugada o trabalho necessário à manutenção começar.

Depois, já no sábado e no domingo, as portas abrem-se às 10 horas, vai pelo dia fora e, à uma hora, está tudo a postos para começar um trabalho sempre necessário que espera que o terreno fique sem pessoas, para lhes proporcionar o máximo de condições no dia que se segue.

Enfim. O apelo é o seguinte: quando na instalação sonora da Festa se começar a dizer às pessoas para saírem do terreno, é preciso que todos tenham a consciência necessária para o abandonarem prontamente de modo a que no dia seguinte possam gozar a Festa em toda a sua plenitude.



Quando o céu é espectáculo



O céu também pode ser espectáculo. Natural ou fabricado. Mesmo na Festa do «Avante!», apesar de as cerca de 4000 lâmpadas que durante três dias iluminam o Alto da Ajuda não nos deixarem perceber as estrelas. Vai ser durante os três dias da Festa que o futuro — também neste campo — se torna presente no Casalinho da Ajuda. Com o maior espectáculo de raios laser jamais realizado em Portugal.

Técnicos e aparelhagem já se encontram em Portugal para montar os aparelhos necessários para, durante três dias, o céu se inundar de luz e de cor mesmo por cima do anfiteatro natural do Palco 25 de Abril. Desta vez os laser estão mesmo presentes. No entanto, o projecto não é novo, uma vez que há já vários anos que não nos saía

da cabeça.

Mas os problemas impostos pela tecnologia avançada utilizada para este espectáculo não nos permitiram apreciá-lo mais cedo na Festa do Portugal de Abril.

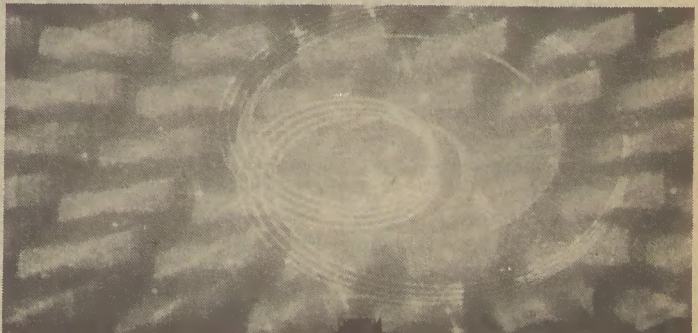
Pelo que, em 1986, a Festa do «Avante!» se torna ainda mais na grande festa do futuro, por ser de Abril e por ser do povo, mas muito também porque a alta tecnologia é espectáculo durante três noites seguidas. O espectáculo estará a cargo da Laserpoint, uma firma inglesa que foi das que mais contribuiu para a divulgação e para o enriquecimento deste tipo de espectáculo. Uma firma que já actuou em vários países, nomeadamente na República Popular da China, e que começou a sua actividade com um concerto em que as grandes vedetas foram os

«The Who», uma das superbandas de rock.

A partir de então, o trabalho não parou de aparecer e o êxito de ser uma constante, sendo as performances da Laserpoint utilizadas em concertos, em espectáculos diversos, no teatro e em campanhas publicitárias. Este ano estarão na Festa do «Avante!». Em 1984 tivemos um grande espectáculo de fogo de artifício. Era a Festa popular

que estava nos céus da Ajuda.

Em 1986, é o maior festival de raios laser jamais realizado no nosso país. Com ele, é a Festa do Futuro que está nos céus da Ajuda. Mais um motivo para podermos afirmar que a Festa do «Avante!» nunca é a mesma de ano para ano. Que há sempre coisas novas a ver. Tantas vezes espectaculares. Como é o caso presente.



Domingo, 17 horas

Comício o palco das lutas

Quando forem as 17 horas de domingo, realiza-se o momento alto da Festa do «Avante!». Quando forem 17 horas de domingo, o palco 25 de Abril enche-se de vontade. De determinação. De alegria. Enche-se de gente, de bandeiras, de panos. É a hora marcada para o início do grandioso comício em que participa o camarada **Álvaro Cunhal**, secretário-geral do PCP e o camarada **António Dias Lourenço**, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP e director do «Avante!». Um comício onde será feito o ponto da situação política e onde se falará das lutas e dos problemas do povo português.

Um comício que, pela sua dimensão, é o local ideal para se traçarem as perspectivas e os grandes objectivos de mais um ano de luta que começa. Por si só, constitui um gigantesco palco das lutas, da vontade e do dinamismo da classe operária e dos trabalhadores portugueses. Por tudo isto, trata-se de um momento único no calendário da luta de todos nós — sim, porque a Festa é parte integrante da nossa luta pelo Portugal de Abril. Por tudo isto, enfim, aqui fica uma vez mais, para que não se esqueçam de marcar na agenda: é às 17 horas de domingo que se realiza o grande comício da Festa do «Avante!».



Martinho da Assunção



Trabalhou com todos os grandes nomes do fado, desde Amália a Alfredo Marceneiro. O seu nome é praticamente complemento directo de fado. Toca, compõe e orchestra. **Martinho da Assunção** é como se chama esta figura grande do fado português. Nasceu em Alcântara. Pouco tempo passava, não mais de dez anos, quando efectua o seu primeiro recital. Foi no Café Luso. Já então, o seu instrumento era a viola, já então a sua arte deslumbrou. Filho do poeta anarco-sindicalista Martinho da Assunção, o mestre da viola não se tornou apenas conhecido pelo virtuosismo das suas interpretações. Fez no fado uma revolução, ao introduzir uma nova forma de acompanhar os cantadores, para o que inventou novas harmonias e esquemas de apoio. Quem tenha ouvido a sua arte na décima Festa do «Avante!» — a primeira em que participou — vai de certeza acorrer ao Auditório 1.º de Maio quando forem 19 horas de sábado. Quem o não ouviu, sabe certamente por amigos de como não se pode perder este recital. Mestre **Martinho da Assunção** está uma vez mais na Festa do «Avante!». Com ele estará também o fado com maiúscula, naquele que é um espectáculo sem dúvida obrigatório. No sábado, quando forem 19 horas.



Manuel Freire

Manuel Freire é um nome que ficará para sempre ligado a uma canção que foi e ainda é um manifesto ao futuro e ao progresso. A letra é de um grande poeta, António Gedeão, e quando apareceu no programa televisivo Zip-Zip, o furor que fez justificou-se perfeitamente, tornando-se um canto de

resistência. Mesmo hoje, é um tema que todos conhecemos de cor. Um tema que cantamos quando todos juntos sonhamos e fazemos o mundo pular e avançar. É de **Pedra Filosofal** que estamos a falar. De **Manuel Freire**, seu compositor e intérprete. Um homem que, como

dissemos, ficará para sempre ligado a esta composição, mas cuja obra a ela não se resume. Poeta atento, compositor de talento, Manuel Freire faz das suas cantigas uma forma de intervenção.

Pena é que tão poucas oportunidades tenhamos para o ouvir.

Esse ensejo acontece este ano na Festa do «Avante!», no **palco 25 de Abril**, no domingo, onde intervirá juntamente com Carlos Paredes. Acontece também um dia antes, no **Auditório 1.º de Maio** onde, só com a sua viola, **Manuel Freire** nos vai dizer o quanto é bela a sua arte. Às 20 horas.



Rajkó

A riquíssima música folclórica da Hungria está presente na Festa por intermédio de um grupo que já ganhou foros de **habitué** no Alto da Ajuda. Estamos a falar de um dos mais significativos agrupamentos de Budapeste: os jovens da orquestra «Rajkó», do Grupo Artístico da Federação da Juventude Húngara. Trata-se de um conjunto que — não falando de Portugal

onde já ganharam fãs — têm tido as mais entusiásticas críticas um pouco por todo o mundo, dos Estados Unidos da América à Suíça, passando pela Finlândia, acabando na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Os «Rajkó». O espectáculo da música folclórica húngara interpretado por um grupo de jovens cuja média de idade ronda os 20 anos.

Foi em 1968 que tudo começou para esta intérprete. Na sua primeira apresentação ao vivo, alcança o terceiro lugar do Festival Internacional da Canção com o tema «Andança» de Danilo Caymmi, Eduardo Souto Neto e Paulinho Tapajos. Hoje, o seu nome arrasta multidões, sendo sinónimo de samba. Chama-se **Beth Carvalho**, brasileira, a intérprete que encerra a décima primeira edição da Festa do «Avante!». Com **Beth Carvalho** e seus músicos, a festa despede-se com chave de ouro. Despede-se com uma grande festa de música, movimento, espectáculo e alegria. Quando forem 23 horas da noite de domingo, é com toda a gente a dançar que **Beth Carvalho** entra em palco. A partir daí tudo é possível. Só nos fica interdito o alheamento. Porque com ela ninguém pára. A palavra de ordem é dançar,

começar pelos portugueses Paulo de Carvalho e Janita Salomé. A continuar com a cubana Sara Gonzalez. Naquela que será uma noite inesquecível para todos quantos a vivam. Com **Beth Carvalho** e o samba.

Pequena biografia

Elizabeth Carvalho nasceu na zona norte do Rio de Janeiro, em pleno bairro da Gamboa. Ainda pequena pratica ballet mas cedo vê na sua voz o grande instrumento que possui. Apaixona-se, ainda adolescente, pela Bossa Nova e começa a cantar. Participa, em 1968, em dois festivais. No Festival

seu sonho concretizar-se. Deu pelo nome de «**Traço de União**». Era mais um disco. Mas era muito mais que um disco. Ao longo das suas faixas, a voz de **Beth Carvalho** cantava temas originais de compositores e letristas como **Caetano Veloso**, **Ivone Lara**, **Martinho da Vila**, **João Bosco**, **Sérgio Cabral**, **Wilson Moreira**, **Cartolas**, **Hermínio Bello de Carvalho**, **Toquinho** e **Ivan Lins**. De então para cá, 1983, 1984 e 1985. De então para cá, três álbuns: «**Suor no Rosto**», «**Coração Feliz**», «**As Bênçãos que Virão com os Novos Amanhãs**». **Beth Carvalho**. Uma grande intérprete com um profícuo e ininterrupto trabalho. Um grande espectáculo a encerrar a grande Festa. No domingo. 23 horas. A alegria.

Universitário e no Festival Internacional da Canção. Em ambos obtém o terceiro lugar. Em 1971 edita o seu primeiro disco. «**Canto Para Um Novo Tempo**». Seis discos depois, em 1980 surge «**Sentimento Brasileiro**» e a confirmação do grande talento e da enorme aceitação do público (e os adjectivos aqui são propositados): em apenas uma semana, o sexto disco de **Beth Carvalho** vende nada mais nada menos do que **180 mil cópias!** Um ano depois, é o samba de **bloco**, de **quadra** e da **velha guarda** que enche as faixas de mais um vinil, «**Fonte**», que — só no Japão — vende 25 mil cópias. Finalmente vem 1982. Catorze anos depois de aparecer pela primeira vez em público, **Beth Carvalho** vê o

porque é de samba puro que estamos a falar. É de uma das mais importantes vozes do Brasil que estamos a escrever. **Beth Carvalho**. Natural do Rio de Janeiro. Autêntica embaixadora do samba. Um pouco por todo o mundo. Em Paris, Japão, Espanha, Peru, Koweit e Bahrein, por exemplo. **Beth Carvalho**. Brasileira. É amanhã condecorada pelo governo do Estado brasileiro de Guanabara. Depois voa para Portugal, rumo à Festa do «Avante!». Rumo à grande noite de folia que vai acontecer no domingo, ali, por bandas do **Palco 25 de Abril**. Uma noite onde, além desta grande intérprete, outros grandes nomes actuarão. A

Beth Carvalho

Festa do Avante.86

Alto da Ajuda - 5, 6 e 7 de Setembro

PAICO
25 DE ABRIL

SIP do PCP

Os artistas da Festa



Martinho de Assunção
 Quadrilha
 Trovante
 Rádio Macau
 Xutos e Pontapés
 Mler Ife Dada
 Júlio Pereira
 Janita Salomé
 Esmeralda Amoedo
 Carlos Alberto Moniz
 Manuel Freire
 Paulo de Carvalho
 Brigada Victor Jara
 Carlos do Carmo
 Sexteto de Jazz de Lisboa
 Maria João
 António Pinho Vargas
 Carlos Zíngaro
 Telectu
 Maria Guinot
 Nuno Gomes dos Santos
 Agurela
 Pedro Caldeira Cabral
 Carlos Paredes
 Manuel Freire
 Samuel



Pizzacorda
 Adelaide Carvalho
 Alkateya
 Luísa Basto
 Mais de 50 grupos folclóricos
 3 bandas

TEAR – Teatro Estúdio de Arte Realista

TAS – Teatro de Animação de Setúbal

Sete Ofícios

Companhia de Teatro de Almada – Grupo de Campolide

TIL – Teatro Infantil de Lisboa

Teatro Borda D'Água

A Barraca

Danças e Cantares do Exército Soviético da Região Militar de Moscovo

Rajkó – Hungria



Sara Gonzalez – Cuba
 Beth Carvalho – Brasil
 Lenka Filipová – Checoslováquia
 Kitushi – Angola
 Rossitsa Bordjieva – Bulgária
 City – RDA
 Oktoberklub – RDA
 Blues Duo – Polónia

Avante! Teatro 86

**7 ESPECTÁCULOS
7 COMPANHIAS**

TEAR — Teatro Estúdio de Arte Realista — Rua
"PIOLHOS E ACTORES"
Região 4, 1000, de BANCOS, SUSTERRA

SETE OFÍCIOS — de Paulo
"O TESSOURO"
Rua de Coimbra
Direcção de um GERALDO TUCHE e Zé JOVIER

TAS — Teatro de Animação de Setúbal
"O MENINO DE SUA MÃE"
Direcção de CARLOS CECILIO e CARLOS CECILIO

TEATRO DE ALMADA — Rua de Almeida
"GEORGE DANDINI"
JUAN RAMÍREZ "DOQUELHA DAS MOLEIRAS"

TIL — Teatro Infantil de Lisboa
"BRILHOS — CONTOS DE ESTRELAS"
JOSE JOHNS LETHIA

TEATRO BORDA D'ÁGUA — Direcção
"A ILHA DOS ESCRAVOS"
MARIVAUZ

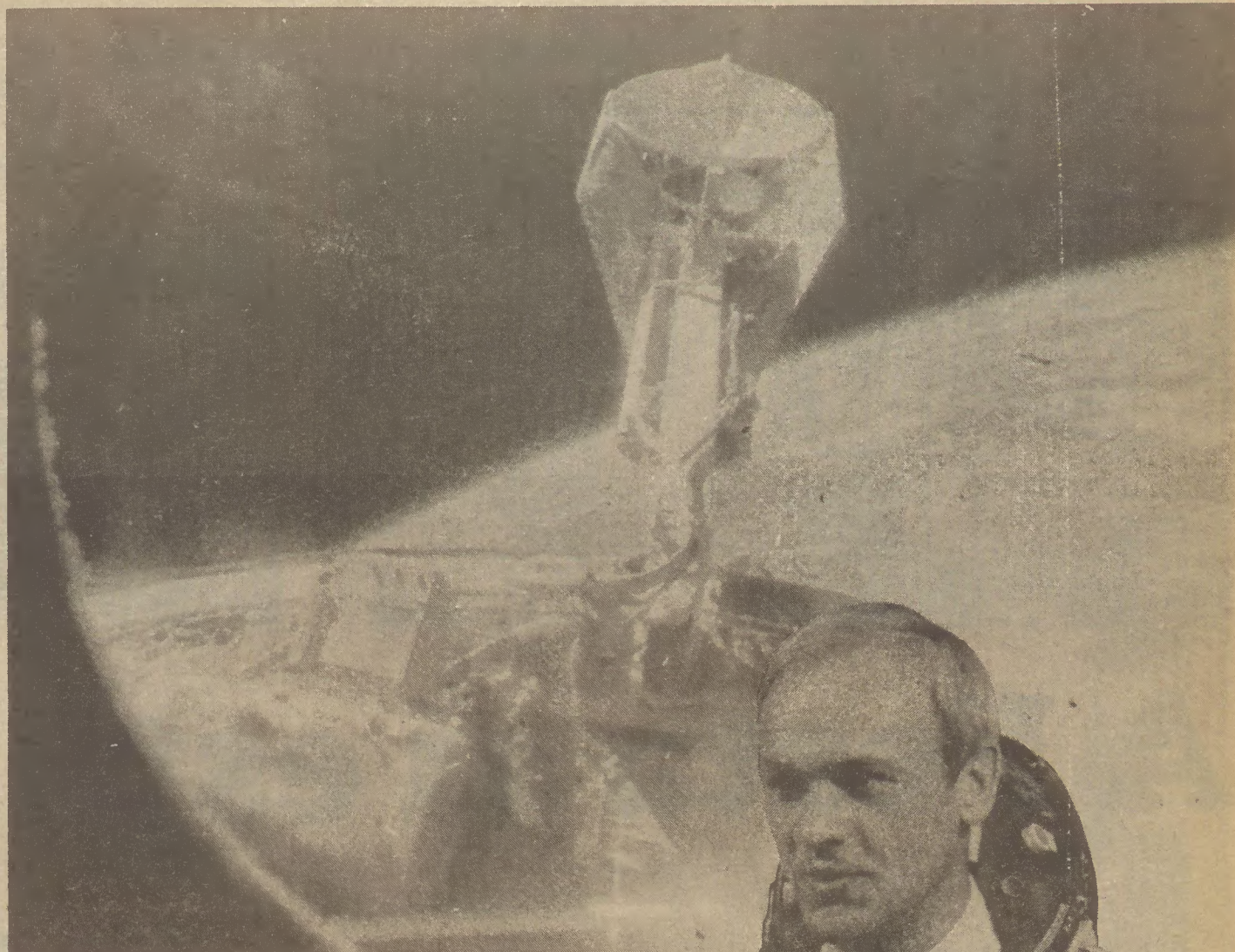
A BARRACA — Rua
"CALAMITY JANE"
UMA MULHER DE ARMAS
de O MONGÓLIOS DA VIOLETA
Direcção de HELGA COSTA

SETEMBRO
LISBOA
ALTO DA AJUDA

Avanteatro Mais novidades

Aqui vem mais uma novidade em relação à grande novidade que este ano constitui a realização do Avanteatro. A peça que o TEAR — Teatro Estúdio de Arte Realista traz à Festa não será «Piolhos e Actores», como chegou a estar anunciado, mas sim «Corcunda Por Amor». Esta troca deve-se à vontade expressa pela Festa em ter presente no seu seio o maior número de textos de autores portugueses. Como o TEAR tinha esta peça no seu repertório, correspondeu ao apelo que lhe foi dirigido e, em três tempos, preparou o espectáculo que veremos amanhã à noite no espaço do Avanteatro. «Corcunda Por Amor», de Almeida Garret e com encenação de Castro Guedes, é interpretado por Jorge Paupério, Luís Duarte, Clara Nogueira, Luís Correia, Jorge Mota e Celso Castro. Esta peça será interpretada, tal como às outras 6, no pequeno teatro construído propositadamente dentro do recinto do Alto da Ajuda.

Trata-se de um espaço que qualquer visitante/participante na nossa Festa verá, mal entre no recinto, apesar de o Avanteatro estar colocado bem lá no cimo, entre a zona de Lisboa e a Cidade Internacional. É o teatro, tão mal-amado pelos responsáveis pela cultura do nosso País, que aparece em força na Festa do «Avante!», demonstrando de uma forma viva o bom trabalho realizado, apesar dos ventos adversos, por profissionais. Mas não só, que no Avanteatro estarão também companhias semi-profissionais e amadoras. Esta é a lista dos grupos participantes no Avanteatro 86, uma iniciativa que constitui desde já um inequívoco êxito: TEAR — Teatro Estúdio de Arte Realista, Sete Ofícios, TAS — Teatro de Animação de Setúbal; Grupo Campolide — Companhia de Teatro de Almada; TIL — Teatro Infantil de Lisboa; Teatro Borda D'Água e A Barraca. Serão três dias de bom teatro. Vão ser três dias de casas esgotadas.



O homem que mais vezes visitou o espaço

O facto de Vladimir Djanibikov integrar a delegação da União Soviética que estará presente na Festa do «Avante!» é, por si só, motivo de notícia? É sim senhor, uma vez que o coronel-general Djanibikov é o homem que mais vezes visitou o espaço.

Duas vezes Herói da União Soviética, Vladimir Djanibikov comandou já cinco viagens em naves espaciais. A sua última viagem — em que participou ainda o cosmonauta V. Savinikh — é considerada a mais perigosa até hoje efectuada por cosmonautas.

Em Junho de 1985, estes dois cosmonautas partem para o espaço com o intuito de saberem — e se possível repararem — o que tinha acontecido à estação orbital Saliut-7, lançada em 1982, que deixara de transmitir qualquer sinal para a Terra, o que tornava impossível saber-se qual o estado em que se encontrava.

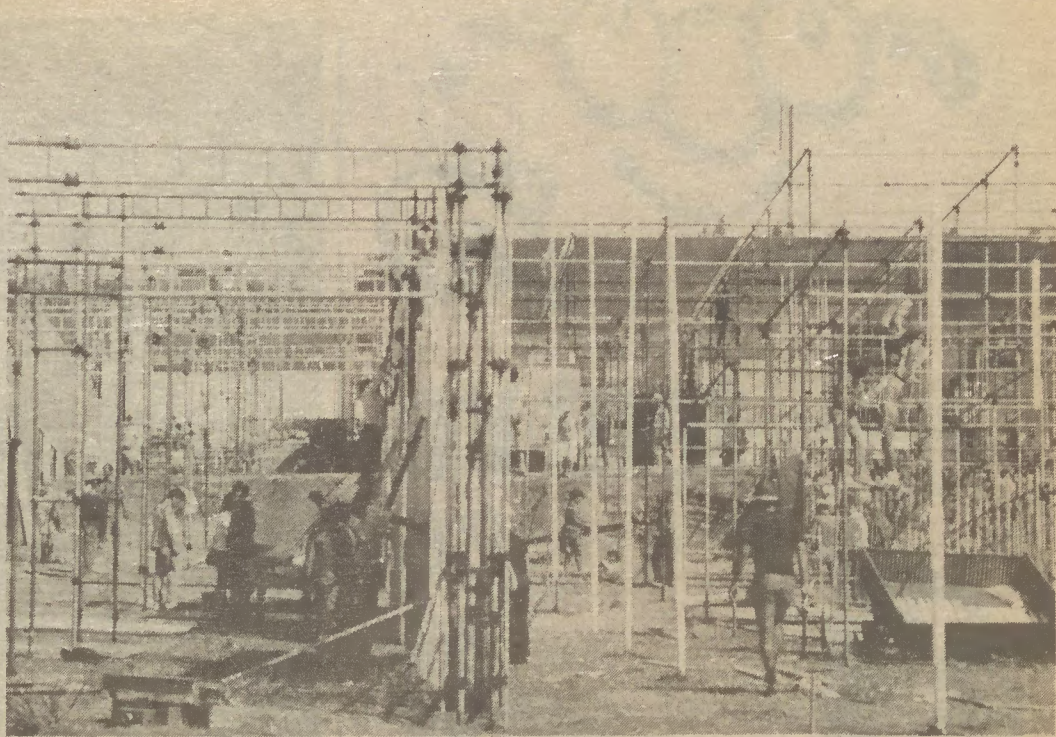
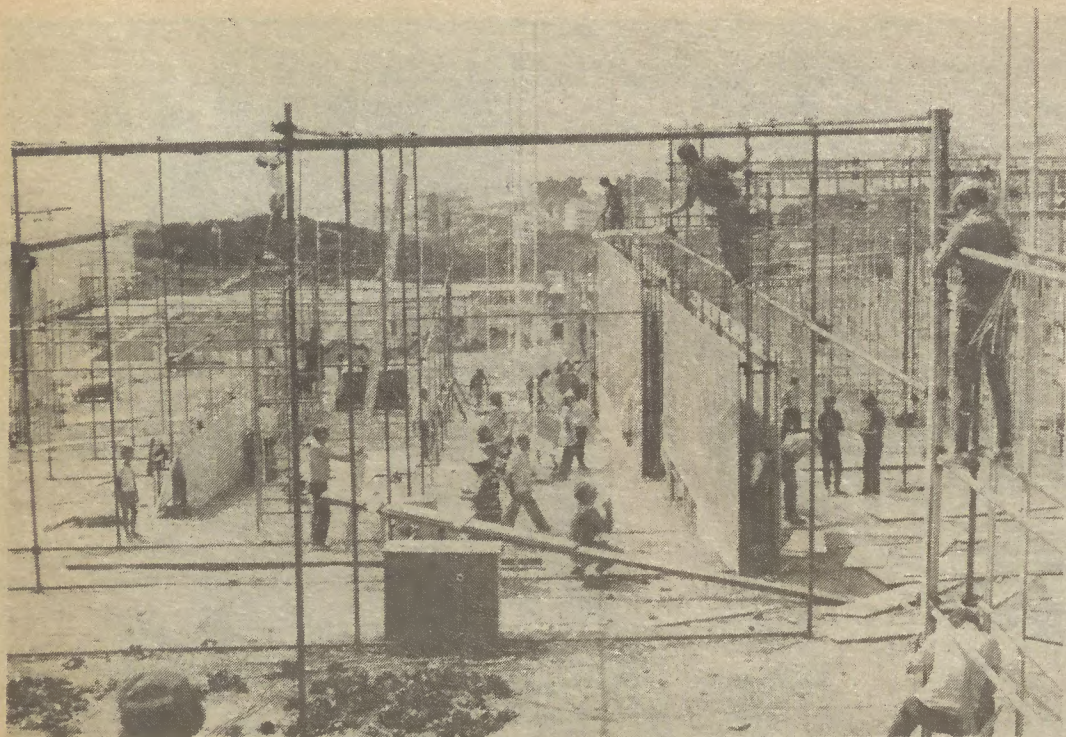
Depois de uma acoplagem complexa, os cosmonautas

conseguiram restabelecer, na íntegra, a actividade da Saliut-7 e aí se mantiveram a trabalhar durante 113 dias. Mas esta foi apenas uma das suas viagens, desde que, em 1970, integra o destacamento de cosmonautas da União Soviética.

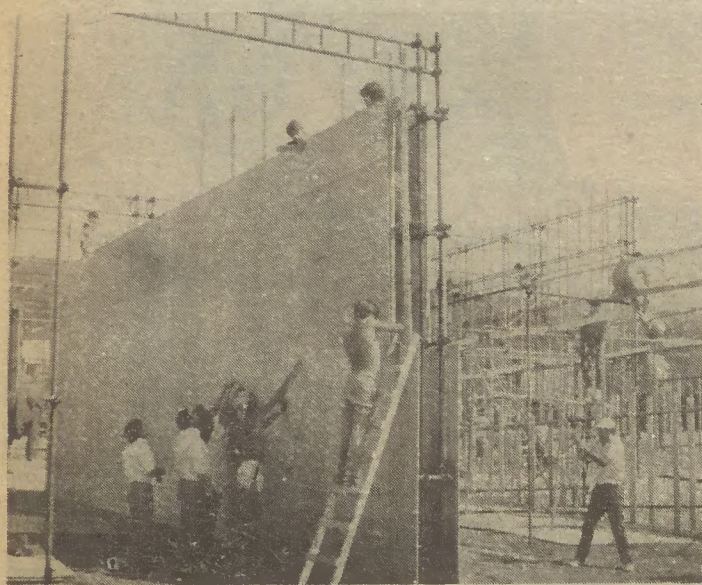
Em 1973 é designado para comandante da terceira tripulação que se preparou para a missão conjunta da URSS e dos Estados Unidos «Soyuz — Apollo», mas só em 1978 acontece o seu baptismo de voo espacial, quando, a bordo da Soyuz-27, se dirige à estação orbital Saliut-6, onde permanece durante seis dias. A partir daí, Djanibikov realizou mais quatro missões, todas elas como comandante de voo. Duas das quais foram internacionais. Em 1981 viajou na Soyuz-39 em direcção à estação Saliut-6. Acompanharam-no os cosmonautas soviéticos Kovalionok e Savinikh e o cosmonauta da Mongólia J. Gurragtcha, e a viagem durou oito dias.

Depois, em 1982, viaja na nave Soyuz T-6, acompanhado por Ivantchekov e pelo cosmonauta francês Jean Loup Chretien. A sua missão tinha como destino a estação orbital Saliut-7. Esta estação orbital foi ainda o objectivo das suas duas últimas viagens — uma das quais já contamos em pormenor. Em 1984, a bordo da nave Soyuz T-12 parte com Svetlana Savitskaia e Igor Volokov em direcção à Saliut-7 onde se encontravam Leonid Kizim, Vladimir Soloviev e o médico Oleg Atkov, que estabeleceriam o recorde de permanência ininterrupta no

espaço. O último destes recordistas, Oleg Atkov, esteve presente na última edição da Festa do «Avante!». O cosmonauta que este ano estará presente na décima primeira edição da Festa do «Avante!», Vladimir Djanibikov, nasceu em 1942 na pequena povoação de Iskandar, na região de Tachkent, que é a capital da República Socialista Soviética do Uzbequistão. Antes de ingressar no destacamento de astronautas, Djanibikov terminou em 1965 o curso da Escola Superior de Pilotagem Aérea de Ieisk, posto o que trabalhou como instrutor de voo na Força Aérea.



A Festa aí está



Hoje é quinta-feira. Na hora em que a presente edição do «Avante!» aparece nas bancas ainda se trabalha no Alto da Ajuda com o objectivo de construirmos a Festa. Amanhã, quando forem 19 horas, tudo estará já terminado. Começa a outra festa. A do «Avante!». Até lá, é uma festa diferente, é a festa de quem leva «Avante!» a ideia de fazermos anualmente esta cidade dentro da cidade. E o que é certo é que há quinze dias vos dissemos que havia alguns atrasos consideráveis no trabalho de implantação.

No entanto, podemos afirmá-lo sem medo de errarmos, as organizações do Partido e os seus militantes, corresponderam da melhor

forma e completaram com sucesso esta difícil tarefa. Uma vez mais, lhe lembramos, a você que só hoje entra no recinto do Alto da Ajuda, o grande esforço desenvolvido por um colectivo de muitos milhares de camaradas, para que tudo esteja a postos para o receber.

Um trabalho que tem o seu corolário no terreno, mas que exige muitas outras tarefas.

Voluntariamente. Com dedicação e um profundo amor que todos nós sentimos já por esta realização.

A Festa aí está. De portas abertas. Graças ao trabalho dedicado de tantos e tantos. Por isso, também, ela é diferente.



Solidariedade tem forum

O Forum da Solidariedade, que fica na Cidade Internacional, é um espaço de cultura (portuguesa e estrangeira) e de debate político. Uma oportunidade de ouvirmos, de viva voz, muitas das delegações estrangeiras presentes na Festa falarem dos problemas do recinto e é já o eco do martelo soar no Alto da Ajuda, estranhamente silencioso após três dias de Festa.

Alguns dos momentos mais salientes da programação do Forum da Solidariedade:

Sexta-feira, às 22 e 30, um Momento de Solidariedade com o **Povo coreano**, pela reunificação pacífica da Península da Coreia.

No sábado, às 15 e 30, haverá um colóquio sobre «a importância da solidariedade no momento actual» e, às 16 e 15, realiza-se uma sessão com o cosmonauta soviético Vladimir Djambikov, sendo que quando forem 17 e 15, se realiza um momento de solidariedade com os povos

da **América Central e das Caraíbas**.

Ainda no sábado, realizam-se mais três momentos de solidariedade, o primeiro dos quais, às 18 horas, é com a luta do **povo sul-africano**.

As 19 horas a solidariedade do Partido e do povo português é demonstrada em relação ao povo palestino e aos povos do Médio Oriente. As 21 horas o momento de solidariedade é com o povo do Chile.

Depois, já no domingo, pelas 15 e 15, realiza-se um momento de solidariedade com o povo de Timor-Leste e, às 15 e 30, a nossa solidariedade é dirigida aos novos países africanos. Finalmente, no domingo, uma Noite Angolana, onde a vedeta será a boa música que se faz neste país. Mas há mais, pelo que o Forum da Solidariedade é, decididamente, um espaço a incluir no seu roteiro da Festa.



Manhãs infantis

As manhãs de sábado e domingo são, no Auditório de Lisboa, a partir das 11 horas, especialmente dedicadas aos mais novos.

Nestas manhãs infantis participarão os palhaços Pantufa e Pantufinha, Soneca e Batatinha, o ilusionista Zurk e o cantor Carlos Alberto Moniz.

Também para os mais novos, e ainda nas manhãs de sábado e domingo no Auditório de Lisboa, haverá filmes de desenhos animados para a criançada.

Segunda é dia de trabalho

Quando soar a primeira hora de segunda-feira a Festa termina. Ainda as últimas pessoas não saíram do recinto e é já o eco do martelo soar no Alto da Ajuda, estranhamente silencioso após três dias de Festa.

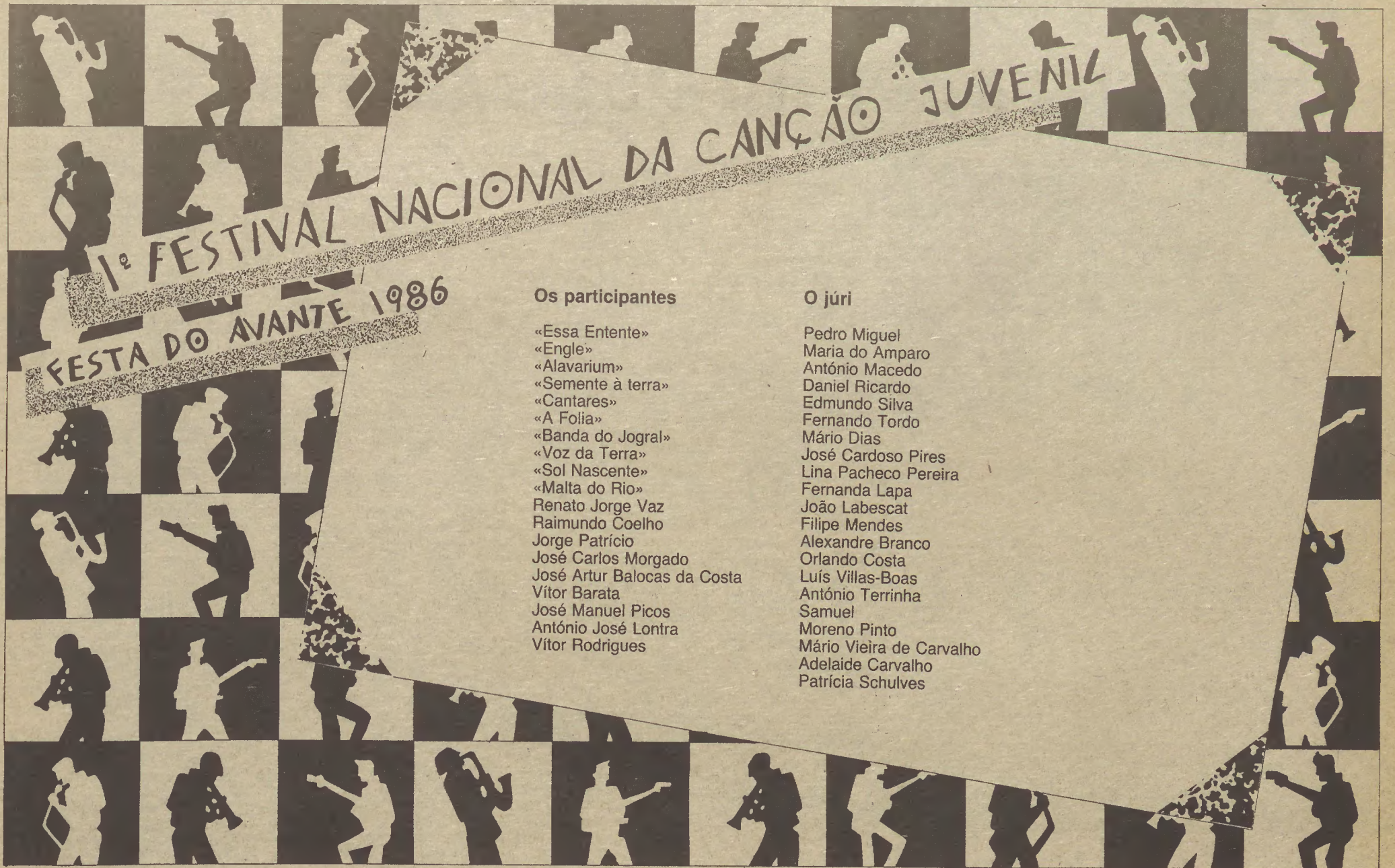
Começa o trabalho de desimplantação. Há que guardar todos os materiais

utilizados para que não se degradem. Não é como fazer a Festa. Que essa faz-se com alegria. O sentimento que nos invade tem algo de nostálgico. Andámos tantos meses a fazer crescer a Festa, fizemo-la viver e agora, silenciosa, haverá que a desmanchar. Certo. Mas isto não passa de parte da verdade.

O outro lado é bem mais motivador. É que se não formos nós, todos, a tratar dos materiais imediatamente após o encerramento da cidade que erguemos no Alto da Ajuda, ninguém o faz. Se o não fizermos, os materiais estragam-se; o que não pode acontecer. Porque preservá-los é fazer viver a Festa.

Tem sido assim ano após ano. Por isso, se ainda estiverem de férias, mantenham-se pelo Alto da Ajuda durante toda a semana posterior à Festa. Se não, então passem por lá nos fins-de-semana, para que, quando a chuva começar a cair, já tenhamos tudo guardado.

Até para o ano,



1º FESTIVAL NACIONAL DA CANÇÃO JUVENIL

FESTA DO AVANTE 1986

Os participantes

«Essa Entente»
«Engle»
«Alavarium»
«Semente à terra»
«Cantares»
«A Folia»
«Banda do Jogral»
«Voz da Terra»
«Sol Nascente»
«Malta do Rio»
Renato Jorge Vaz
Raimundo Coelho
Jorge Patrício
José Carlos Morgado
José Artur Balocas da Costa
Vitor Barata
José Manuel Picos
António José Lontra
Vitor Rodrigues

O júri

Pedro Miguel
Maria do Amparo
António Macedo
Daniel Ricardo
Edmundo Silva
Fernando Tordo
Mário Dias
José Cardoso Pires
Lina Pacheco Pereira
Fernanda Lapa
João Labescat
Filipe Mendes
Alexandre Branco
Orlando Costa
Luís Villas-Boas
António Terrinha
Samuel
Moreno Pinto
Mário Vieira de Carvalho
Adelaide Carvalho
Patrícia Schultes

Leiria-Marinha Grande em atletismo

Com a participação de cerca de meia centena de concorrentes disputou-se no passado domingo uma prova de atletismo, integrada no programa desportivo da Festa do «Avante!», entre Leiria e a Marinha Grande. Na prova — com uma distância de 13 quilómetros e meio — participaram atletas seniores, masculinos e

femininos, veteranos e pré-veteranos, tendo o vencedor absoluto sido Virgílio João, do Marinhense, que percorreu a distância em 44 minutos e 11 segundos. A vencedora feminina foi Ana Paula Silva. No escalão de veteranos venceu Joaquim Gonçalves e no de pré-veteranos o vencedor foi Adriano Gomes.



Manif pela Paz

Sábado é dia diferente na Festa do «Avante!» pelas mãos da juventude. Aproveitando a presença das delegações estrangeiras presentes na Festa, os jovens vão entregar por seu intermédio uma mensagem «da juventude para todo o mundo». Como é que o vão fazer? Em manifestação. Com alegria. O desfile parte da Cidade da Juventude em direcção à Cidade Internacional, onde a cada uma das delegações será entregue, por um jovem, a mensagem da juventude que será simples e com uma

vontade muito firme. A Paz é necessária, pela Paz há que lutar. Já sabem, portanto. Quando a tarde estiver a cair, participem todos nesta manifestação. Haverá uma pequena intervenção e largada de balões, haverá essencialmente, muita alegria. Em defesa da Paz. Não se esqueçam. O desfile chega à Cidade Internacional quando forem 18 e 30. Será no sábado. Leiam e passem palavra. Depois... participem.

«Sportchau da RDA»

Chama-se «Sportschau da RDA», pertence ao SC de Leipzig e promete uma boa presença no espectáculo desportivo da Festa do Avante!, que em edições anteriores tem contado com a categorizada participação da ginástica da República Democrática Alemã.

Do conjunto que veremos em acção no Alto da Ajuda fazem parte os seguintes ginastas: **Katrin Eisenberg**, da classe dos mestres, que fez parte da equipa nacional de juniores; **Andreas Eichelbaug**, mestre da

RDA, fez parte da equipa nacional, estudante da DHFK (Escola Superior de Desporto); **Cornelia Forster**, da classe dos mestres, estudante da DHFK; **Annett Hentschel**, da classe dos mestres, empregada de comércio; **Simone Dake**, da classe dos mestres, estudante; **Peter Pateke**, vice-mestre da Juventude da RDA em ginástica acrobática; **Anja Schreider**, também vice-mestre da RDA da juventude em acrobática. Chefia a delegação o dr. Johannes Eismann.

Carlos Relvas e Augusto Cabrita homenageados na Objectiva 86



Foto de Augusto Cabrita

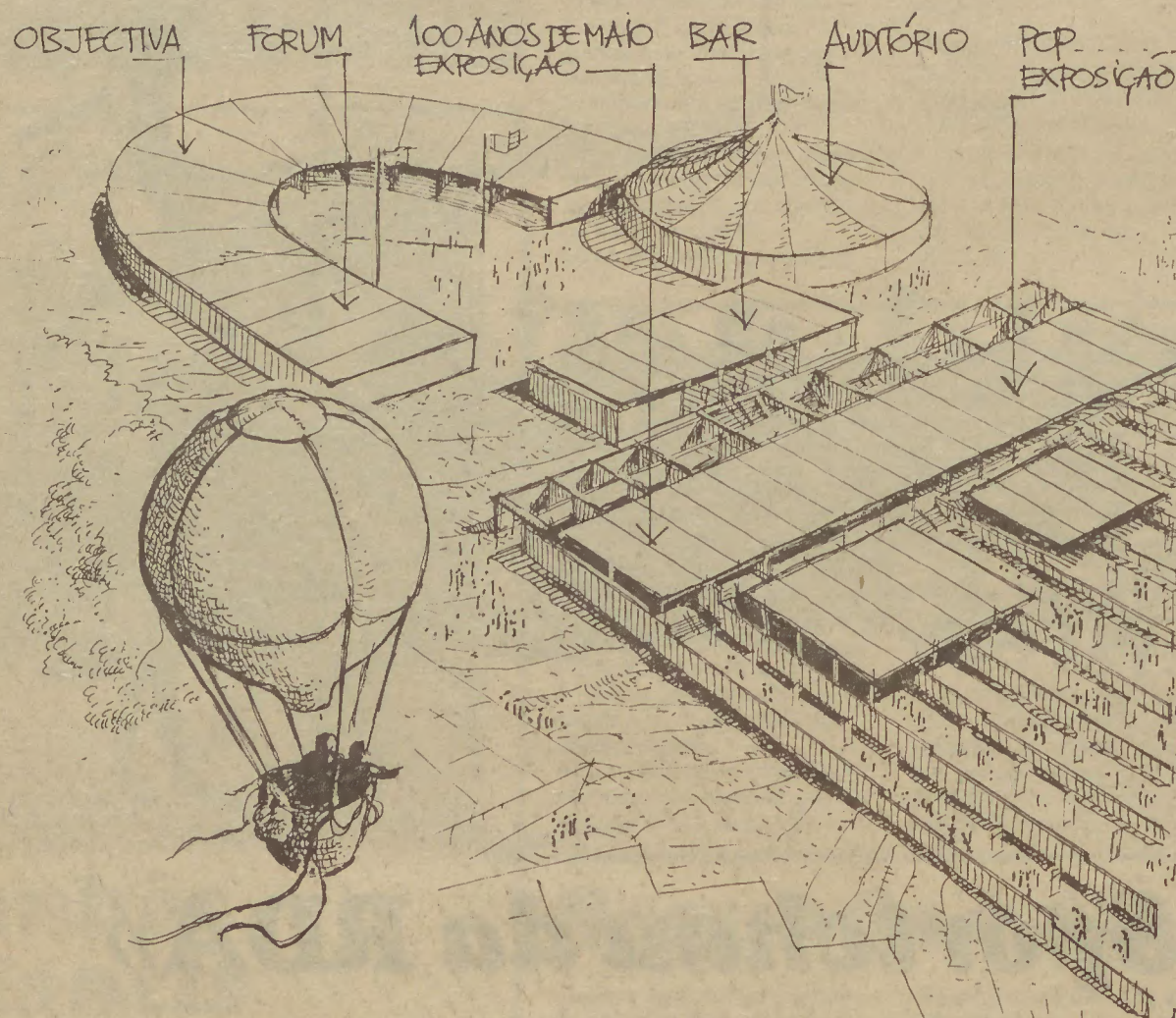
Carlos Relvas e Augusto Cabrita são os dois fotógrafos portugueses homenageados na exposição de arte fotográfica Objectiva-86 que se realiza na zona do Pavilhão Central. Na Objectiva-86 estarão presentes fotógrafos profissionais e amadores de vários países, sendo que o número total de obras expostas ronda as setecentas. Carlos Relvas e Augusto Cabrita serão, por motivos diferentes, homenageados. Carlos Relvas porque foi o pioneiro da fotografia em Portugal. Augusto Cabrita porque é um dos mais conceituados fotógrafos portugueses da actualidade.

Carlos Relvas

Carlos Relvas nasceu em 1834 e faleceu em 1884. Homem de múltiplas facetas, foi como fotógrafo que se celebrou, uma vez que montou, em sua casa, aquele que foi considerado o melhor laboratório fotográfico da época. Premiado várias vezes em certames internacionais, Carlos Relvas foi o primeiro fotógrafo a empregar o processo das provas a cartão inalteráveis. A parte disso, trabalhava com fotolitografia, esmaltes, heliogravura e nos métodos instantâneos. Este homem, que se considerava a si próprio como sendo um fotógrafo de aldeia, era fidalgo da Casa Real e possuía a casa mais rica da Golegã. Nas suas terras empregou, pela primeira vez em Portugal, maquinaria agrícola até então só utilizada nos mais avançados países da Europa. Cavaleiro tauromáquico e desportista, Carlos Relvas foi o inventor de um revolucionário salva-vidas que testou com toda a pompa e circunstância na Foz do Douro e que foi apadrinhado pelas autoridades oficiais. Mas é a sua obra fotográfica que vamos poder ver na Objectiva-86.

Augusto Cabrita

Augusto Cabrita, actualmente com 63 anos, é um dos grandes mestres da fotografia em Portugal. A mostra de obras suas que vamos ter oportunidade de ver na Objectiva-86 chama-se 500 Anos da História do Barreiro. Trata-se de um conjunto de fotografias onde veremos o evoluir desta cidade e daqueles que nela habitam e trabalham. Augusto Cabrita é colaborador permanente da Rádio Televisão Portuguesa desde 1953 como operador de cinema, tendo feito a sua primeira grande reportagem em 1957, aquando da visita a Portugal da rainha de Inglaterra. Dois anos mais tarde acontece o terramoto de Agadir e Augusto Cabrita é enviado pela televisão para fazer a cobertura do acontecimento. Foi a sua primeira reportagem internacional. Desde então, não parou. Seja com a máquina de filmar, seja com a de bater as chapas, a sua humanidade aparece-nos em cada um dos seus trabalhos e em todos eles. Actualmente vítima de uma doença que o impede de estar connosco, Augusto Cabrita ganhou vários prémios internacionais, tendo editado recentemente dois livros: «Vilas e Aldeias de Portugal» e «Castelos de Portugal».



Que pena não se poder subir assim para ver a Festa lá de cima... Em grande plano, a área do pavilhão central da Festa